



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**AS TEORIAS ARGUMENTATIVAS SUBJACENTES EM PROPOSTAS DE
PRODUÇÃO DE TEXTO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
ENSINO MÉDIO**

IRAY ALMEIDA BEZERRA

FORTALEZA

2015

IRAY ALMEIDA BEZERRA

AS TEORIAS ARGUMENTATIVAS SUBJACENTES EM PROPOSTAS DE
PRODUÇÃO DE TEXTO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a: Maria Margarete
Fernandes de Sousa

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- B574t Bezerra, Iray Almeida.
As teorias argumentativas subjacentes em propostas de produção de texto em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio / Iray Almeida Bezerra. – 2015.
149 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.
1. Argumentação. 2. Análise retórica. 3. Língua portuguesa. 4. Ensino médio. I. Título.

IRAY ALMEIDA BEZERRA

AS TEORIAS ARGUMENTATIVAS SUBJACENTES EM PROPOSTAS DE
PRODUÇÃO DE TEXTO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC),
como requisito parcial à obtenção do título de
mestre.

Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 26/08/2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa.Dra. Maria Helenice Araújo Costa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Mônica de Souza Serafim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para Jacinta Eliacy Almeida
(*in memoriam*).

AGRADECIMENTO

A Deus, por me dar forças para concluir esta pesquisa.

Ao meu pai, pelo ombro amigo, por dar o máximo de si nos meus momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Margarete Fernandes, por ter acreditado em mim, desde os tempos de graduação.

Às professoras Mônica Serafim e Mônica Magalhães, pelas contribuições durante a pesquisa.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelos ensinamentos dentro e fora de sala de aula.

A todos os amigos da turma de Mestrado 2013, especialmente Alisson Veras e Pauline Barreto, pelas conversas e desabafos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro nos dois anos de pesquisa.

Aos amigos Byriane Silva, Mariane Frota, Karyna Marques, Thiago Ribeiro e Claudia Tosolini, pela amizade verdadeira e por tornarem mais leve esta jornada.

A todos, obrigada por tudo.

“À guisa de conclusão, o estilo de linguagem desconectado revela-se apropriado, de sorte que se tenha um epílogo e não um novo discurso: ‘Eu disse, vós ouvistes, conheceis os fatos, julgai.’”
(Aristóteles)

RESUMO

O uso de textos argumentativos cresceu muito, hoje, tanto em vestibulares, concursos e, mais notadamente, na redação do Enem, que exige um texto dissertativo-argumentativo. Dada a importância desse tipo de texto para a formação de cidadãos críticos e que saibam expressar pontos de vista sobre assuntos polêmicos, faz-se, cada vez mais, atenção quanto à formulação da argumentação. Em vista disso, esta pesquisa tem como foco o estudo da argumentação nos livros didáticos, para o que se vale da perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e a Sequência Argumentativa, de Adam (1992, 2008), com o objetivo de investigar quais teorias argumentativas estão subjacentes às propostas de produção de texto encontradas nos gêneros argumentativos em livros didáticos do Ensino Médio analisados. Para selecionarmos os gêneros argumentativos nas três coleções de Língua Portuguesa direcionadas ao ensino médio e 37 propostas de produção de texto selecionadas baseadas em propostas do Enem e na redação escolar, pautamo-nos em Dolz, Noverraz e Schneully (2004). Assim, por meio da análise das propostas, verificamos que a maioria das produções de texto são exploradas seguindo os critérios da Sequência Argumentativa, como defende Adam, porém, as estratégias argumentativas, como propõe a Nova Retórica, passa ao largo. Os resultados nos permitem concluir que, nesse tema, o avanço teórico aliado à prática ainda é “tímido”, logo, os professores devem ficar atentos para complementar com as informações necessárias à construção do texto argumentativo ou dissertativo-argumentativo, como quer o gênero redação escolar e a proposta do Enem.

Palavras-chave: Argumentação Retórica. Sequência Argumentativa. Livro Didático.

ABSTRACT

The use of argumentative texts has grown today, both in vestibular, contests and, most notably, in the writing of Enem, which requires a dissertative-argumentative text. Given the importance of this type of text to the formation of critical citizens and able to express views on controversial issues, it is, more and more attention on the formulation of the argument. As a result, this research focuses on the study of argument in textbooks, for what is worth the prospect of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), and the Argumentative Sequence, of Adam (1992, 2008), in order to investigate argumentative theories which underlie text production proposals found in the argumentative genres in textbooks for high school analyzed. Select for the argumentative genres in three collections of Portuguese Language directed to high school and 37 texts production proposals selected based on Enem proposals and school essay, we support us in Dolz, Noverraz and Schneully (2004). Thus, by analyzing the proposals, we find that most of the text productions are explored following the criteria of Argumentative Sequence, as Adam defends, however, the argumentative strategies, as proposed by the New Rhetoric, passes off. It follows that, on this issue, the theoretical allied advance the practice is still "shy", so teachers should be alert to complement with the necessary information for the construction of argumentative or dissertative-argumentative text, whatever school essay and the proposal on Enem.

Keywords: Argumentation Rhetoric. Argumentative Sequence. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Análise dos discursos.....	36
Figura 2 – Níveis ou planos da análise de discurso.....	37
Figura 3 – Macroato de discurso.....	38
Figura 4 – Esquema base do texto argumentativo.....	39
Figura 5 – Contra-argumentação.....	41
Figura 6 – Coleção Português Linguagens, volume 1(1).....	54
Figura 7 – Coleção Português Linguagens, volume 1 (2).....	55
Figura 8 – Coleção Português Linguagens, volume 1 (3).....	56
Figura 9 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (1).....	57
Figura 10 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (2).....	58
Figura 11 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (3).....	60
Figura 12 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (4).....	61
Figura 13 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (1).....	62
Figura 14 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (2).....	63
Figura 15 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (3).....	65
Figura 16 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (4).....	66
Figura 17 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (5).....	67
Figura 18 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (6).....	70
Figura 19 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (7).....	70
Figura 20 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (8).....	72
Figura 21 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (9).....	72
Figura 22 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (10).....	74
Figura 23 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (11).....	75
Figura 24 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (12).....	76
Figura 25 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (13).....	75
Figura 26 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (14).....	78
Figura 27 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (15).....	79
Figura 28 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (16).....	80
Figura 29 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (17).....	80
Figura 30 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (1).....	84

Figura 31 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (2).....	85
Figura 32 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (3).....	85
Figura 33 – Coleção Novas Palavras, volume 2 (1).....	87
Figura 34 – Coleção Novas Palavras, volume 3 (2).....	87
Figura 35 – Coleção Novas Palavras, volume 3 (3).....	89
Figura 36 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (4).....	90
Figura 37 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (5).....	91
Figura 38 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (6).....	92
Figura 39 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (7).....	93
Figura 40 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (8).....	94
Figura 41 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (9).....	95
Figura 42 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (10).....	96
Figura 43 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (11).....	97
Figura 44 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (12).....	98
Figura 45 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (13).....	100
Figura 46 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (14).....	103
Figura 47 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (15).....	104
Figura 48 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (16).....	105
Figura 49 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (17).....	105
Figura 50 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (18).....	106
Figura 51 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (19).....	106
Figura 52 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (20).....	107
Figura 53 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (21).....	108
Figura 54 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (22).....	109
Figura 55 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (23).....	110
Figura 56 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (24).....	111
Figura 57 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (25).....	112
Figura 58 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (26).....	113
Figura 59 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (27).....	114
Figura 60 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (28).....	114
Figura 61 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (29).....	115
Figura 62 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (30).....	116
Figura 63 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (31).....	117
Figura 64 – Coleção Ser Protagonista, volume 1 (1).....	123

Figura 65 – Coleção Ser Protagonista, volume 1 (2).....	124
Figura 66 – Coleção Ser Protagonista, volume 3 (1).....	126
Figura 67 – Coleção Ser Protagonista, volume 3 (2).....	127
Figura 68 – Coleção Ser Protagonista, volume 3 (3).....	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo das Técnicas Argumentativas.....	33
Quadro 2 – Aspectos tipológicos.....	43
Quadro 3 – Coleção analisadas.....	46
Quadro 4 – Coleção Ser Protagonista.....	47
Quadro 5 – Coleção Novas Palavras.....	47
Quadro 6 – Coleção Português Linguagens.....	48
Quadro 7 – Resumo das coleções por número de gêneros.....	49
Quadro 8 – Coleção Ser Protagonista. Número de propostas.....	50
Quadro 9 – Coleção Português Linguagens. Número de propostas.....	50
Quadro 10 – Coleção Novas Palavras. Número de propostas.....	51
Quadro 11 – Número total de propostas.....	51
Quadro 12 - Resumo dos resultados da análise.....	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	A NOVA RETÓRICA.....	20
2.1	A Retórica, de Aristóteles.....	20
2.2	A Nova Retórica.....	22
2.2.1	<i>Os argumentos quase-lógicos.....</i>	<i>24</i>
2.2.2	<i>Os argumentos baseados na estrutura do real.....</i>	<i>28</i>
2.2.3	<i>Os argumentos que fundamentam a estrutura do real.....</i>	<i>30</i>
2.2.4	<i>A dissociação das noções.....</i>	<i>32</i>
3	A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA.....	35
3.1	A análise textual do discurso.....	35
3.2	A sequência argumentativa.....	38
4	METODOLOGIA.....	42
4.1	Natureza da pesquisa.....	42
4.1.1	<i>Quanto ao método.....</i>	<i>42</i>
4.1.2	<i>Quanto ao nível da pesquisa.....</i>	<i>42</i>
4.1.3	<i>Quanto à técnica de pesquisa.....</i>	<i>43</i>
4.2	A seleção do <i>corpus</i>	45
4.3	Delimitação do universo.....	46
4.3.1	<i>Coleção Ser Protagonista.....</i>	<i>47</i>
4.3.2	<i>Coleção Novas Palavras.....</i>	<i>47</i>
4.3.3	<i>Coleção Português Linguagens.....</i>	<i>48</i>
4.4	Procedimentos.....	49
4.5	Análise dos dados.....	51

5	ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: AS TEORIAS ARGUMENTATIVAS SUBJACENTES ÀS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO.....	52
5.1	Análise da coleção <i>Português Linguagens</i>.....	52
5.1.1	<i>Panorama geral da coleção</i>.....	52
5.1.2	<i>O que diz o PNL D 2012/2015</i>.....	53
5.1.3	<i>Análise das propostas do volume 1</i>.....	54
5.1.4	<i>Análise das propostas do volume 2</i>.....	57
5.1.5	<i>Análise das propostas do volume 3</i>.....	62
5.2	Análise da coleção <i>Novas Palavras</i>.....	81
5.2.1	<i>Panorama geral da coleção</i>.....	81
5.2.2	<i>O que diz o PNL D 2015</i>.....	83
5.2.3	<i>Análise das propostas do volume 1</i>.....	83
5.2.4	<i>Análise das propostas do volume 2</i>.....	86
5.2.5	<i>Análise das propostas do volume 3</i>.....	87
5.3	Análise da coleção <i>Ser Protagonista</i>.....	118
5.3.1	<i>Panorama geral da coleção</i>.....	119
5.3.2	<i>O que diz o PNL D 2015</i>.....	121
5.3.3	<i>Análise das proposta do volume 1</i>.....	122
5.3.4	<i>Análise das proposta do volume 3</i>.....	125
6	CONCLUSÃO.....	131
	REFERÊNCIAS.....	133
	ANEXO A - OS TIPOS DE ARGUMENTOS.....	136
	ANEXO B – OS TIPOS DE ARGUMENTOS (2).....	137
	ANEXO C – OS TIPOS DE ARGUMENTOS (3).....	138
	ANEXO D – A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	139
	ANEXO E – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS.....	140
	ANEXO F – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS (2).....	141

ANEXO G – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS (3).....	142
ANEXO H – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 2.....	143
ANEXO I – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 1.....	144
ANEXO J – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 3.....	145
ANEXO K – A DISSERTAÇÃO ESCOLAR. SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA..	146
ANEXO L – SILOGISMO.....	147
ANEXO M – ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS.....	148
ANEXO N – O ARGUMENTO DE AUTORIDADE NO ARTIGO DE OPINIÃO....	149

1 INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com o texto de nossos alunos, pensamos no que nós, professores de Língua Portuguesa, poderemos fazer para melhorar a competência comunicativa de nossos alunos na produção do texto escrito. É comum vermos que nossos alunos, geralmente, têm medo do papel em branco, não sabem como iniciar o texto, e sentem, ainda, que não sabem escrever. Como diz Passarelli (2012), o aluno brasileiro é caracterizado por apresentar um baixo desempenho linguístico e por não acreditar em sua competência linguística. Será que, mesmo depois de teorizarmos tanto sobre a melhoria do ensino de produção de textos, ainda estamos buscando o caminho mais tradicional de ensino?

Acreditamos que sim. Passarelli (2012) aponta para esse caminho. Ainda estamos limitados e presos ao ensino mais tradicional, buscando no tripé Narração-Descrição-Dissertação uma maneira de nossos alunos produzirem textos “excelentes”, visando a forma, esquecendo o conteúdo e apontando os erros. O que vale é o produto, é o texto final. O aluno é retirado do processo de escrita – do seu próprio texto -; ele escreve para receber a nota.

Assim, se encararmos a escrita como processo (VIEIRA, 2005), poderemos criar mudanças no ensino de produção de texto. O aluno passará a revisar, trocar, participar ativamente da composição de seu texto e, por fim, acreditar que aquele texto produzido faz parte do funcionamento da sociedade, empregando aqui o termo de Marcuschi (2008). Os estudantes passariam, então, a ter mais voz, a se posicionar e, assim, transformar o texto desenvolvido em sala de aula em artifício para modificar a comunidade em que vivem.

Nesse sentido, ações governamentais surgiram para melhorar a competência linguística de nossos alunos e para mostrar como estes se posicionam diante de determinado assunto por meio de seus textos. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por meio do Guia do Estudante de 2013 (INEP, 2013), esclarece que o estudante deve produzir um texto de caráter dissertativo-argumentativo sobre um tema, deverá defender uma tese e, por fim, chegar a uma proposta de intervenção, incitando, então, a capacidade crítica dos alunos. Já a Olimpíada de Língua Portuguesa pretende melhorar o ensino de escrita e de leitura, e, com esse intuito, realiza uma premiação aos melhores textos produzidos em escola pública. Participam

da Olimpíada alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Assim, por meio de gêneros, os alunos desenvolvem os seus textos.

O uso de gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa, apesar de já não ser uma novidade para o trabalho de produção de textos – orais ou escritos – ainda é o maior facilitador para que o aluno venha a se tornar um produtor de textos proficientes. Como vemos, a sociedade está permeada de textos, sejam eles orais ou escritos, com temas e estilos diversificados, os quais refletem a diversidade dos gêneros textuais. Desde um simples recado a um editorial, por exemplo, os textos estão impregnados na vida das pessoas, que interagem por meio desses artefatos discursivos.

Assim, ao produzir diferentes tipos de textos, os alunos têm em mão uma forma de agir sobre o meio em que vivem e se posicionar sobre determinado tema polêmico, utilizando a argumentação, foco desta dissertação. Isso é uma preocupação dos PCN do ensino médio (BRASIL, 2000), que diz que o ensino de Língua Portuguesa pretende desenvolver no aluno sua criticidade, bem como a percepção das várias possibilidades de expressão linguística e a capacidade de ler vários tipos de textos.

A relevância desta pesquisa incide indiretamente sobre o fato de reconhecer que o uso da linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros e de essa interação se dar por meio de textos, que, por sua vez, correspondem a exemplares de gêneros.

No que tange ao ensino, esta dissertação surge da preocupação com os textos produzidos em sala de aula, principalmente no que se refere aos textos argumentativos, tipo de texto em que se exige a defesa de uma tese, por meio da apresentação/negação de fatos/dados, retomada/destacada na conclusão. Percebe-se que esse tipo de texto, assim como textos narrativos, descritivos ou explicativos, requer certos *conhecimentos interacionais*, que ativam modelos cognitivos que o produtor possui sobre várias práticas interacionais, histórica e culturalmente constituídas (KOCH; ELIAS, 2011); *conhecimentos enciclopédicos (ou de mundo)*, que é quando se recorre a tipos de conhecimentos sobre as coisas do mundo que se encontram em nossa memória; é como se tivéssemos uma enciclopédia dentro de nossa mente, de forma personalizada, por meio de conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou que vamos adquirindo em vivências e experiências variadas (KOCH; ELIAS, 2011) e *conhecimentos de textos*, em que o aluno precisa ativar modelos que possui sobre práticas comunicativas presentes em textos, levando em

conta elementos que entram em sua composição (modo de organização), conteúdo, estilo, função e suporte (KOCH; ELIAS, 2011).

Isso significa que os produtores devem ter um nível de leitura e interesse por assuntos que são discutidos nas várias esferas sociais. Assim, quando o aluno não domina esses conhecimentos, o texto tende a apresentar ideias desarticuladas, baixa informatividade, frases desconexas, argumentos fracos e, por fim, uma conclusão mal estruturada.

Há de se perguntar, também, o porquê de se utilizar como *corpus* os livros didáticos de uma série já avançada nos estudos e não as séries iniciais. Tal escolha deve-se à constatação de que os alunos que, a princípio, já deveriam dominar a escrita, encontram ainda grande dificuldade em produzir textos. Esse fato é revelado pela grande quantidade de textos, sobretudo argumentativos, que se encontram inadequados, seja pela ruptura da coesão/coerência e/ou da continuidade/progressão, seja pela baixa informatividade ou ainda pela não observância de aspectos ligados à correção da escrita, como a ortografia e a pontuação, por exemplo. Diante disso, nosso trabalho enfoca a questão das teorias argumentativas subjacentes nas propostas de produção de textos nos livros didáticos do ensino médio, com base em duas teorias argumentativas, a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e a Sequência Argumentativa, de Adam (1992; 2008).

A respeito disso, destacamos alguns trabalhos que utilizam a Nova Retórica. Ramos (2006), em dissertação intitulada “Linguagem e argumentação na produção escrita de vestibulandos”, descreveu em seu texto as técnicas argumentativas propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca e utilizou 20 produções de texto desenvolvidas por vestibulandos. O intuito de seu trabalho foi verificar como os vestibulandos poderiam utilizar as técnicas argumentativas para a construção da argumentação. O autor destacou os seguintes argumentos mais utilizados pelos alunos: o argumento pragmático, de definição, de comparação, de divisão, pelo exemplo, pelo modelo e de autoridade. Ao final, Ramos explica que as técnicas argumentativas devem ser utilizadas tanto no ensino fundamental como no ensino médio, para que os alunos tenham várias possibilidades de construir um texto argumentativo.

Ribeiro (2012), em sua tese “A sequência argumentativa e as categorias de argumentos no texto escolar nos níveis de ensino fundamental e médio”, utilizou

também as técnicas argumentativas e, ainda, a sequência argumentativa de Adam. Assim, o objetivo da autora – mais amplo, por se tratar de análises de produções de texto do ensino fundamental e do médio – foi verificar também quais técnicas os alunos utilizariam em seus textos e, também, como a sequência argumentativa se efetivaria nesses textos. Desse modo, para a autora, de acordo com a série em que os alunos estariam (séries iniciais ou finais), eles se utilizariam mais dos argumentos que fundamentam a estrutura do real e os baseados na estrutura do real ou de argumentos quase-lógicos.

Esses são apenas alguns poucos exemplos de estudos cujo foco é a argumentação na produção textual do aluno (do ensino fundamental ou médio). São propostas bastante interessantes que se relacionam ao que investigamos. Porém, nosso foco recai nas produções que os “especialistas”¹ propõem para os alunos, no caso do ensino médio, através do LD. Analisamos essas propostas com o objetivo principal de observar se há respaldo teórico coerente subjacente a eles que ajude ao professor e/ou alunos também.

Desse modo, o recorte que faremos em nosso trabalho pauta-se da seguinte maneira: 1) recorrer à Nova Retórica e à Sequência Argumentativa como fundamentação teórica, no que tange à argumentação; 2) refletir sobre a argumentação no livro didático; 3) voltar-se para o ensino médio, ainda hoje carente, sim, de práticas de produção de texto, principalmente para a produção de textos argumentativos.

Assim, esta dissertação está dividida da seguinte maneira: no capítulo 1, Introdução, traçamos as diretrizes da pesquisa e situamos o leitor quanto a sua organização retórica. No capítulo 2, A Nova Retórica, recorreremos a um dos aportes teóricos desta pesquisa, fundamentada na Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Olbrechts-Tyteca (2005). Nesse capítulo, demos ênfase às técnicas argumentativas propostas pelos autores, recorrendo também à Retórica, de Aristóteles. No capítulo 3, A Sequência Argumentativa, enfocamos outro aporte teórico, a Sequência Argumentativa, proposta por Adam (1992, 2008).

¹ Chamamos de especialistas os autores dos livros didáticos, de modo geral, por atribuímos a eles a responsabilidade de conhecer as teorias relacionadas aos temas para os quais propõem atividades e/ou fazem explicações sobre o conteúdo.

Mais adiante, no capítulo 4, Metodologia, está a metodologia utilizada neste trabalho, incluindo os passos para a escolha e análise do *corpus*, no caso, as 37 propostas de produção de texto que englobam a argumentação.

No capítulo 5, Análise dos livros didáticos: as teorias subjacentes às propostas de produção de texto, analisaremos as 37 propostas de produção de texto inseridas nos livros didáticos voltados para o ensino médio, no caso, as três coleções apresentadas na metodologia. Também faremos um paralelo com o PNL 2012/2015, já que as edições das coleções escolhidas se apresentam nesses dois planos.

Já no capítulo 6, estão as considerações finais do trabalho, em que apresentamos nossos pontos de vista sobre os resultados da pesquisa, ou seja, analisamos/discutimos quais teorias argumentativas estão presentes nas propostas de produção de texto.

2 A NOVA RETÓRICA

Nesta seção, inicialmente, mostraremos alguns conceitos apresentados na *Retórica*, de Aristóteles, para, depois, apresentarmos a teoria que fundamenta esta dissertação, referente à proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) no que diz respeito à argumentação, à noção de auditório e, principalmente, no que tange às técnicas argumentativas.

2.1 A Retórica, de Aristóteles

A obra em questão, *Retórica*, é dividida em três partes: Livro 1, Livro 2 e Livro 3. Segundo Pinto (2010), o Livro 1 estaria relacionado ao orador da mensagem, o Livro 2 estaria ligado ao receptor da mensagem e o Livro 3 seria o próprio livro da mensagem. Aristóteles versa sobre a explicação do que é retórica, definida como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função. Toda outra arte pode instruir e persuadir acerca do assunto que lhe é próprio [...]” (2011, p.44). Diz ainda que a retórica é vista como “o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir” (2011, p. 44-45). Mais adiante (2011, p.48), explica que o papel da retórica “é tratar das questões sobre as quais deliberamos e a respeito das quais não dispomos de artes ou sistemas que nos guiem”, ressaltando que a reflexão sobre determinado assunto só é necessária diante de duas soluções opostas, mas, caso contrário, não há a necessidade de partir para a deliberação.

Sobre o termo persuasão, Aristóteles diz que esse é um tipo de demonstração, esta considerada um entimema, ou seja, um tipo de silogismo. Diz, também, que há três meios de persuasão: o primeiro dependeria do caráter pessoal do orador (*ethos*), o segundo já estaria relacionado ao poder que o orador tem de levar o auditório a certa disposição do espírito (*pathos*) e o terceiro refere-se ao próprio discurso (*logos*). Devemos levar em conta que o papel do orador é fundamental para se chegar a uma persuasão eficaz. Explica, ainda, que “a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade” (2011, p.46).

Quanto aos meios de demonstração da persuasão, Aristóteles elenca dois tipos, o exemplo e o entimema. O primeiro “consiste no emprego de um caso parecido ao que se quer defender, no intuito de se buscar a legitimidade” (PINTO, 2010, p.37) e o segundo “corresponde a uma espécie de silogismo, isto é, a partir de uma premissa, podemos chegar, necessariamente, a uma nova proposição, tendo-se por base a verossimilhança” (PINTO, 2010, p.37). Entretanto, Aristóteles diz que discursos baseados em entimemas são mais eficazes, pois causam uma maior impressão.

Mais adiante, o filósofo destaca os gêneros da retórica, que são três: o deliberativo (político), o forense e o demonstrativo (epidítico). O discurso deliberativo “nos induz a fazer ou a não fazer algo” (2011, p.53), o forense “comporta a acusação ou defesa de alguém” (2011, p.53) e o demonstrativo “ocupa-se do louvor ou da censura de alguém” (2011, p.53).

Aristóteles apresenta algumas definições sobre a cólera, a benevolência, a compaixão, a indignação, a inveja, a emulação (ou ciúme), porém sempre destacando a atuação do orador para com seu auditório, como podemos observar na seguinte passagem:

Para suscitar confiança é muito importante, sobretudo na oratória deliberativa, mas também na oratória forense, que o orador se mostre em uma adequada disposição de espírito, leve a crer que a experimenta em relação aos ouvintes e, reciprocamente, os encontre em uma disposição idêntica em relação a ele próprio. (2011, p.121)

Além disso, destaca que a confiança suscitada pelo orador vem de três causas: a prudência, a virtude e a benevolência.

Aristóteles retoma a questão dos tipos de persuasão: o exemplo, que está associado à indução; diz ainda que há dois tipos de exemplos: 1) os relatos de fatos reais do passado e 2) a própria invenção do orador. Fala, outra vez, sobre os silogismos, destacando, novamente, os seus tipos. Destaca, ainda, que os entimemas são divididos em dois grupos, os demonstrativos e os refutativos. Assim, o autor explica que “no entimema demonstrativo, conclui-se a partir de premissas aceitas pelo opositor; no refutativo, chega-se a conclusões não aceitas pelo opositor” (2011, p.185-186).

Explica, também, sobre o estilo e as partes do discurso. Sobre o primeiro, o autor diz que a frieza em torno deste está vinculado a quatro causas: a utilização de palavras compostas, a utilização de termos dialetais e arcaicos, o uso de epítetos

longos, destacando a moderação como item indispensável. Já a quarta causa, seria devido ao domínio da metáfora.

Sobre o discurso, Aristóteles diz que comporta duas partes: a exposição e a argumentação, podendo reconhecer as quatro partes do discurso: o prólogo, a exposição, a demonstração e o epílogo.

Os fatos discursivos/retóricos objetos de estudo de atenção de Aristóteles nos ajudam a compreender a importância de alguns atores no processo argumentativo, foco de nossa atenção. Ao mencionar as condições de produção/execução da persuasão, Aristóteles deixa claro qual o papel do orador. Embora não subsista sem o interlocutor, isso nos faz refletir sobre como devemos “encarar” o produtor do texto que pensamos idealizados no objeto de investigação desta dissertação.

Assim, definidos brevemente alguns conceitos sobre a Retórica, partiremos para o nosso aporte teórico, A Nova Retórica, procurando não quebrar o fio condutor.

2.2 A Nova Retórica

O *Tratado da Argumentação*, desenvolvido por Perelman e Olbrechts-Tyteca, propõe um estudo, ou melhor, uma retomada da retórica clássica. O livro, dividido em três partes (Os âmbitos da argumentação, O ponto de partida da argumentação e As técnicas argumentativas, respectivamente), já inicia, logo na Introdução, mostrando o que pretende: ir além do estudo da retórica clássica, porém conservando desta a ideia de auditório, que retomaremos adiante. Ao indicarem que toda argumentação pressupõe um contato intelectual, os autores falam da importância do interlocutor/ouvinte e que deve-se dar extrema importância a este, mostrando interesse pela adesão do interlocutor, a fim de manter o “contato dos espíritos”.

Assim, nas palavras de Perelman, a teoria da argumentação teria como objetivo:

o estudo das técnicas discursivas que visam a provocar ou a aumentar a adesão das mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento. Ela examinará também as condições que permitem a uma argumentação começar e se desenvolver, assim como os efeitos produzidos por esta. (PERELMAN, 1997, p.207).

Um dos pontos importantes da obra diz respeito ao auditório, que os autores definem como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (2005, p.22). Em outras palavras, o orador deve conhecer bem o

auditório que pretende persuadir. Os autores classificam o auditório em três tipos: auditório universal, que seria constituído pela humanidade inteira, o auditório formado pelo interlocutor, ao qual me dirijo; e o auditório constituído pelo próprio sujeito; o orador deverá se adaptar de acordo com as peculiaridades de cada um.

Pode-se pensar, entretanto, que a teoria se insere apenas no que tange à oralidade, uma vez que a obra é direcionada ao conhecimento jurídico e apela-se sempre para a figura do orador. Porém, destaca-se que a teoria está inserida também no âmbito da escrita, contribuindo para o fortalecimento desta pesquisa e na escolha dessa teoria para embasá-la. Pinto (2010) diz que o fato de a Nova Retórica ser vinculada à escrita é um dos diferenciais da retórica clássica:

Primeiramente, preocuparam-se com técnicas argumentativas utilizadas no discurso escrito, ao contrário dos antigos que as estudavam no discurso oral. Além disso, concentraram-se apenas no condicionamento do auditório pelo discurso, dessa forma se detiveram na ordem de apresentação dos argumentos, visando a um maior efeito. (PINTO, 2010, p. 43-44).

Quanto ao acordo, este seria uma projeção que o orador faz do auditório. À medida que o orador vai fundamentando seu discurso, utilizando-se de técnicas, o auditório pode aderir ou não ao que o orador profere. Cabe a este, então, adaptar seu discurso, diante das respostas do auditório. Sobre os objetos do acordo, estes são divididos em duas categorias, uma referente ao real, na qual estão inseridos os fatos, as verdades e as presunções e estão relacionados ao auditório universal; a outra é referente ao preferível, e abrange os valores, as hierarquias e os lugares do preferível e estão relacionados ao auditório particular.

Em relação às técnicas argumentativas, os autores afirmam que o estudo que apontam estão relacionados a exemplos que poderiam ser substituídos por outros, mostrando, então, que os exemplos usados são de fácil entendimento para quem vai ler a obra. Outro ponto importante que os autores citam é que os discursos proferidos pelo orador devem ser meios para a reflexão dos ouvintes:

Enquanto o orador argumenta, o ouvinte, por sua vez, ficará inclinado a argumentar espontaneamente acerca desse discurso, a fim de tomar uma atitude a seu respeito, de determinar o crédito que lhe deve dar. O ouvinte que percebe os argumentos não só pode percebê-los a sua maneira como é autor de novos argumentos espontâneos, o mais das vezes não expressos, mas que ainda assim intervirão para modificar o resultado final da argumentação (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 213).

Entendemos, como os autores, que a interlocução se dá no sentido de haver uma concordância ou contra-argumentação por parte do interlocutor. Para explicar certos posicionamentos, há técnicas que se submetem a dois processos: o de ligação e o de dissociação. Os processos de *ligação* são aqueles que “aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa, seja estruturá-los, seja valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.215). Já os processos de *dissociação* são “técnicas de ruptura com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.215). Cabem, aqui, as situações de interlocução divergentes.

Para os processos de ligação, são considerados os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que visam fundar a estrutura do real. Já para os processos de dissociação, podem ser considerados alguns elementos, tais como os pares aparência/realidade, consequência/fato, particular/geral, meio/fim.

Sousa (2001, p.69) resume bem o que são os processos de ligação e de dissociação:

[...] poderemos então afirmar que, em geral, os meios de que se serve o orador só serão considerados como retóricos na medida em que se mostrem interconexionados e idôneos à obtenção da adesão. Estão nesse caso, em primeiro lugar, os próprios argumentos, quer quando servem de ligação para transferir para a conclusão a adesão concedida às premissas, quer quando revestem a forma de dissociação, para separar os elementos que a linguagem ou uma tradição reconhecida tinham anteriormente ligado entre si.

A seguir, mostraremos, resumidamente, as técnicas argumentativas utilizadas pelos autores.

2.2.1 Os argumentos quase-lógicos

Dentre as técnicas argumentativas sobre as quais se debruçam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), há a referente a dos argumentos quase-lógicos, relacionado ao raciocínio, às estruturas lógico-formais pensados para causar efeito argumentativo-persuasivo nos interlocutores.

Os argumentos quase-lógicos são aqueles que são comparáveis aos raciocínios formais, porém “apenas um esforço de redução ou de precisão, de

natureza não-formal, permite dar a tais argumentos uma aparência demonstrativa” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.219), sendo, então, considerados quase-lógicos. Simplificando o que foi exposto, Ferreira (2010, p.149) apresenta os argumentos quase-lógicos como argumentos que “têm sua força persuasiva na proximidade (semelhança) com argumentos formais”. São argumentos quase-lógicos os argumentos de contradição e incompatibilidade, identidade total ou parcial, a regra de justiça, de reciprocidade, de transitividade, de comparação e o argumento pelo sacrifício.

Os argumentos quase-lógicos de *contradição e incompatibilidade* ocorrem quando, diante de determinado sistema, encontramos proposições e negações, podendo levar a diferentes interpretações, o que levará a uma “incompatibilidade, que nisso se parece com uma contradição, que ela consiste em duas asserções entre as quais cumpre escolher, a menos que renuncie a ambas” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.222). Em síntese, Wachowicz (2010, p.103) explica que nesse tipo de argumento “um texto não fica inutilizado se forem apresentadas sentenças opostas ou contraditórias. Pelo contrário, no acordo dialógico, o discurso levará o leitor/ouvinte a uma escolha”. A autora, então, se utiliza do exemplo seguinte, no qual cabe ao auditório a sua preferência:

O ensaio é, ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agradaria ao pensamento tradicional. Mais aberto na medida em que, por sua disposição, ele nega qualquer sistemática, satisfazendo a si mesmo quanto mais sustenta essa negação; [...] Mas o ensaio também é mais fechado porque trabalha enfaticamente na forma de exposição. [...] Fonte: Adorno, 2003, p.37. (WACHOWICZ, 2010, p.104)

Nota-se que as expressões “mais aberto” e “mais fechado”, atribuídos ao ensaio, não expressam efeitos contraditórios, mas sentidos pertinentes às características inerentes do gênero em questão, pois ele apresenta aspectos mais rígidos (fechado) e aspectos mais amplos (aberto), na medida em que aceita certa flexibilização.

Os argumentos quase-lógicos de *identidade* estão, assim, divididos: em identidade completa, ao usar as definições, e em identidade parcial. As definições são consideradas uma argumentação quase-lógica quando reconhecem o *definiens* com o *definiendum*, e têm as seguintes subdivisões:

- 1) as definições normativas, que indicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada. Tal norma pode resultar de um compromisso individual, de uma ordem destinada a outros, de uma regra que se crê que deveria ser seguida por todos;
- 2) as definições descritivas, que indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento;
- 3) as definições de condensação, que indicam elementos essenciais da definição descritiva;
- 4) as definições complexas, que combinam, de forma variável, elementos das três espécies precedentes. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.239)

Wachowicz (2010), complementando o pensamento dos autores, diz que, para esse tipo de argumento, são usados verbos estativos, de preferência os verbos ser, designar e significar. Desse modo, de acordo com Sá (2014), o argumento pela definição pode ser representado de acordo com o exemplo a seguir:

[...] pode ser identificado em dois momentos, primeiramente, na sequência em que o anúncio define a linha de maquiagem: “Natura Aquarela é a maquiagem da mulher que vive sua brasilidade com arte”. E, em seguida, no trecho em que é definida a mulher a quem se destina a linha de cosmético anunciada, evidenciada na passagem: “mulher que valoriza suas tradições e reinventa suas histórias com ar moderno e contemporâneo”. (SÁ, 2014, p.99)

A *regra de justiça* é um argumento quase-lógico em que se aplica o mesmo tratamento para determinadas situações que estejam numa mesma categoria. Ferreira (2010), ao explicar esse tipo de argumento, cita a seguinte situação: um juiz entrou com um pedido na justiça por danos morais, pois um dos empregados não utilizou o termo “doutor”, como o juiz gostaria de ser tratado. Inserindo a regra de justiça, o autor diz que seriam chamados doutores aqueles que defenderam uma tese.

Em princípio, ambos estão com a razão, são as regras da nossa sociedade. Nós praticamos esse tratamento para esse e outros casos, como advogados, dentistas, médicos, porém não o fazemos para outros nem com a defesa da tese, como professores, administradores, contabilistas, farmacêuticos, enfermeiros etc. Os juízes, no entanto, já se denominam “doutores da lei”.

Os argumentos quase-lógicos de *reciprocidade* pretendem atribuir o mesmo tratamento a duas situações similares. Perelman e Olbrechts-Tyteca valem-se do seguinte exemplo: “Quintiliano fornece como exemplo do mesmo gênero de proposições ‘que se confirmam mutuamente’: O que é honroso aprender, também é honroso ensinar” (2005, p. 251).

Para os argumentos de *transitividade*, os autores explicam que “a transitividade é uma propriedade formal de certas relações que permite passar da afirmação de que existe a mesma relação entre os termos a e b e entre os termos b e c, à conclusão de que ela exista entre os termos a e c” (2005, p.257). Ilustram, então, o exemplo da amizade, em que se estabelece a seguinte máxima: os amigos de nossos amigos são nossos amigos. Então, ao receberem o mesmo tratamento, há uma relação transitiva.

Já na *relação de inclusão*, há dois grupos: 1) os argumentos que se limitam a demonstrar a *inclusão das partes no todo* e 2) os argumentos que demonstram a *divisão do todo em suas partes*.

No primeiro tipo de argumento, esses “não atribuem nenhuma qualidade particular nem a certas partes, nem ao conjunto: tratam-no como igual a cada uma de suas partes” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 262). Como os próprios autores citam, esse tipo de argumento está baseado no esquema “o que vale para o todo vale para a parte”.

Já o segundo tipo de argumento, a divisão do todo em suas partes, de acordo com Wachowicz (2010, p.109), “toma o todo e suas propriedades e o divide em partes, que passam a receber as mesmas propriedades do todo”. Perelman e Olbrechts-Tyteca ainda acrescentam que esse tipo de argumento “está na base do dilema”, quando “forma um argumento em que se examinam duas hipóteses para concluir que, seja qual for a escolhida, chega-se a uma opinião, a uma conduta, de mesmo alcance” (2005, p.268). Os autores se valem do seguinte exemplo: “Que podiam fazer os judeus, seus inimigos? Se eles o recebessem, reconhecem-no com sua recepção, pois os depositários da espera do Messias o recebem; se o rejeitam, reconhecem-no com sua rejeição” (2005, p.268).

Os argumentos quase-lógicos de *comparação* são aqueles em que são tomados vários objetos para serem avaliados um em relação ao outro. Ao citarem um exemplo como “Paris tem três vezes mais habitantes do que Bruxelas”, os autores afirmam que está subjacente uma ideia de medição, mesmo não havendo qualquer meio para prová-la e, por isso, são considerados quase-lógicos.

A lógica, em função da medição, reside no fato de o enunciador mostrar-se (ou parecer) conhecedor da realidade ao mencionar que “Paris tem três vezes mais habitantes que Bruxelas”. Essa afirmação indica ao seu interlocutor que ele tem conhecimento do número de habitantes de ambas as cidades.

Os argumentos pelo *sacrifício* são um tipo de argumento de comparação, em que “se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.281). Os autores dizem que nesse tipo de argumento deve-se medir o valor conferido àquilo pelo qual se faz o sacrifício e utilizam como exemplo um argumento de Calvino, ao citar a importância que os protestantes dão a sua religião:

Mas como eles zombam da incerteza desta, se tivessem de assinar a deles com o próprio sangue e à custa de sua vida, poderíamos ver quanto a prezam. Nosso compromisso é muito diferente, o qual não teme nem os terrores da morte, nem o julgamento de Deus. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.282)

Pela citação, fica claro o tom de “sacrifício” que aparece na “fala” do interlocutor. O apelo é fortemente marcado pelo caráter de abnegação e “curvatura” à vontade do inevitável.

2.2.2 Os argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real são aqueles que se valem de seu aspecto racional para instaurar “uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.297). Ferreira (2010) diz que esse tipo de argumento se apoia na realidade para estabelecer conexões que o orador pretende relacionar com o seu auditório. Os argumentos baseados na estrutura do real são os de *ligações de sucessão*, atrelados à relação de causa e efeito, e os de *ligações de coexistência*, atrelados a uma pessoa e seus atos.

As ligações de sucessão apresentam os seguintes tipos de argumentos: o argumento pragmático, o argumento do desperdício, o argumento da direção, o argumento de superação.

O argumento *pragmático* é um tipo de argumento em que é permitido considerar um ato ou um acontecimento conforme suas consequências, sendo elas favoráveis ou desfavoráveis. Ferreira (2010, p.163) cita como exemplo desse tipo de argumento as seguintes frases “É bom abrir a piscina, pois o verão chegou” ou “Não me maltrate porque sou muito frágil”. Sá (2014) avalia que esse tipo de argumento pode ser verificado nas situações em que o fabricante de cosméticos, no caso de sua pesquisa, quer dar ênfase maior aos efeitos do uso dos cosméticos:

[...] pode ser verificado nas passagens destacadas do exemplo (82), que destacamos a seguir. Nelas, verificamos a sugestão de uso do produto pelas promessas de sucesso dos anunciantes no uso do creme: Cuide-se Bem “com textura especial, este gel-creme deixa uma sensação de frescor e maciez na pele mista (oleosidade excessiva na testa, nariz e queixo) a oleosa (brilho excessivo e poros abertos)” e, ainda, “possui hidratação inteligente e prolongada: ação intensa e duradoura, mantendo a pele hidratada mesmo em diferentes condições de temperatura e umidade”[...]. (SÁ, 2014, p.105-106).

Tanto os exemplos de Ferreira como de Sá mostram atos, no caso, favoráveis, como o “uso da piscina no verão” e os efeitos “positivos” (maravilhosos) que a consumidora vai obter com o uso do produto.

Sobre o argumento do *desperdício*, Ferreira (2010, p.164) diz que “consiste em dizer que, uma vez que já se iniciou algo, cumpre prosseguir na mesma direção”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) utilizam um exemplo simples, em que um banqueiro continua emprestando dinheiro ao devedor, para ajudá-lo a não ter dívidas.

O argumento de *direção* “estabelece relação causal entre os fins e os meios – o ponto de vista é, ao mesmo tempo, parcial e dinâmico. Pretende tornar uma ação solidária aos procedimentos posteriores” (FERREIRA, 2010, p. 164). Perelman e Olbrechts-Tyteca dizem que esse tipo de argumento é verificável na relação entre patrão e empregados, “quando não se quer parecer ceder ante a força, a ameaça ou a chantagem” (2005, p.321).

Já o argumento de *superação* “pretende exaltar uma finalidade. Parte de uma insatisfação inerente ao valor de algo. Os obstáculos são vistos como passos necessários para atingir um determinado fim” (FERREIRA, 2010, p.165). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) dizem que o mais importante é superar e transcender, não importando, necessariamente, um objetivo bem definido: “cada situação serve, ao contrário, de ponto de referência e de trampolim que permitem prosseguir indefinidamente numa certa direção” (2005, p.328).

Wachowicz (2010) diz que, para quem trabalha com produção de textos de alunos, os argumentos de ligação (a relação causa-efeito) podem ser verificáveis por meio de articuladores textuais causais, como *porque*, *assim*, *ocorre que*, etc.

Nas ligações de coexistência, destacam-se o argumento de autoridade e o argumento de hierarquia dupla.

O argumento de *autoridade*, condicionado pelo prestígio, usa “atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.348). Ferreira (2010, p.166) cita um

exemplo bem comum: “Se é Bayer, é bom”. Sá (2014) acredita que esse tipo de argumento pode ser verificado na seguinte passagem sobre a temática de cosméticos: “Active Dermato Creme Esfoliante Facial foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisas da Idade O Boticário um dos laboratórios mais avançados do desenvolvimento de tecnologias de cuidados antissinais”.

Sá mostra que, ao evocar o “Centro de Pesquisa” e o “Laboratório”, o anunciante pretende dar maior veracidade à informação, pois lhe confere *status* de cientificidade. Isso dá “autoridade” para que a marca – Boticário – possa assegurar os efeitos positivos do produto.

O argumento de *hierarquia dupla* expressa, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, “uma ideia de proporcionalidade, direta ou inversa, ou pelo menos um vínculo entre termo e termo” (2005, p.384). Nesse tipo de argumento, valemo-nos de noções de profundidade, altura, tamanho e consistência. São de natureza quantitativa e qualitativa. Quando dizemos que um homem é mais forte que o outro, utilizamos o argumento de hierarquia dupla.

2.2.3 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real

Os argumentos que fundamentam a estrutura do real, de acordo com Wachowicz (2010), constroem suas próprias realidades, partindo para a generalização. Esse tipo de argumento é dividido em: a) O fundamento pelo caso particular e b) O raciocínio por analogia. O primeiro abrange o exemplo, a ilustração e o modelo (antimodelo); já o segundo, a analogia e a metáfora.

O *exemplo*, segundo Wachowicz (2010, p.117), “é alçado na argumentação para que uma regra seja construída ou fundamentada”. Ou, nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca:

implica - uma vez que a ela se recorre, certo desacordo acerca de uma regra particular que o exemplo é chamado a fundamentar, mas essa argumentação supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares ou, pelo menos, sobre os efeitos da inércia (2005, p.399).

Wachowicz (2010, p.118) cita como argumento pelo exemplo um trecho da Revista *Carta Capital*, em que o ex-jogador Sócrates revela que, provavelmente,

haverá desorganização do evento Copa do Mundo, realizado no Brasil em 2014, citando como exemplo o que ocorreu com as instalações dos jogos Pan-americanos.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.407), a *ilustração* “tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência”, como no exemplo referente à Copa do Mundo de 2014. Wachowicz (2010) diz que a ilustração difere do exemplo e mostra que isso pode ser comprovado em um texto escolar, em que uma aluna relata que sofreu abuso sexual pelo próprio tio e vai relatando ao longo do texto essa situação.

O argumento pelo *modelo* pode ser assim justificado, nas palavras dos autores: “Quando se trata de conduta, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular uma ação nela inspirada” (2005, p.413) ou, ainda, diz que, para pessoas ou grupos se servirem de modelo, estes devem possuir certo prestígio. O exemplo do abuso sexual sofrido pela garota é bastante ilustrativo dessa situação: revela (desvio de) conduta, comportamento, que pode servir para que ações corretivas e punitivas sejam tomadas. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) citam um exemplo retirado de Rousseau: “O macaco imita o homem, que ele teme, não imita os animais, que despreza; julga bom o que é feito por um ser melhor que ele”. Este é outro bom exemplo de modelo de conduta. Em geral, os “bichos” imitam as atitudes de seus donos: boas ou más.

A função da *analogia*, para Wachowicz (2010, p.119), seria “possibilitar a formulação de uma hipótese que seria verificada por indução, no caminho dos fatos à hipótese”. Para Ramos (2006), nessa relação, **a** está para **b** como **c** está para **d**.

A *metáfora*, por sua vez, tem um tratamento argumentativo e Wachowicz (2010, p.119) cita um trecho de Aristóteles: “Assim como os olhos do morcego são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas mais naturalmente evidentes”. A metáfora é um recurso bastante produtivo na construção dos sentidos do texto. Quando queremos expressar sentidos de forma “indireta”, recorreremos às metáforas.

2.2.4 A dissociação das noções

Neste tipo de argumento, pretende-se remover uma incompatibilidade, ao confrontar uma tese com outra. Os autores mostram o par “aparência-realidade” para ser mais fácil a compreensão do que seria a técnica de dissociação e dão o seguinte exemplo:

O bastão, parcialmente mergulhado na água, parece curvo, quando o olhamos, e reto, quando o tocamos, mas, na realidade, ele não pode ser simultaneamente curvo e reto. Enquanto as aparências podem opor-se, o real é coerente: sua elaboração terá como efeito dissociar, entre as aparências, as que são enganosas das que correspondem ao real. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.472)

Os autores dizem que no par “aparência-realidade”, *aparência* designa o termo I e *realidade*, o termo II, e que as outras dissociações seriam, assim, demonstradas: termo I/termo II. Citam outros pares filosóficos que são verificáveis no pensamento ocidental: meio/fim, consequência/fato, ato/pessoa, acidente/essência, ocasião/causa, relativo/absoluto, subjetivo/objetivo, multiplicidade/unidade, normal/norma, individual/universal, particular/geral, teoria/prática, linguagem/pensamento, letra/espírito.

Desta forma, para mostrarmos como ocorre a argumentação pela dissociação das noções, recorreremos novamente à Sá (2014). Em sua tese, a autora acredita que, por se tratar do gênero anúncio publicitário de cosméticos, os pares mais evidentes seriam três: aparência/realidade, tradicional/moderno e velhice/juventude. Os pares podem ser identificados por meio dos seguintes exemplos: no par aparência/realidade, a autora diz que

o anunciante ampara sua argumentação no fato de o cosmético iluminador ‘minimizar a aparência de olheiras’ e disfarçar a fadiga da consumidora que é revelada no olhar escurecido e cansado. Nesse caso, o anúncio promete, através do uso do produto, proporcionar um olhar iluminado que pode ser observado na passagem: ‘permite você ter um olhar sublime com a difusão de toques de luz com absoluta precisão (2014, p. 114-115).

No par tradicional/moderno, a autora explica que a argumentação “pretende convencer a consumidora de que a linha de produtos ‘Natura Faces’ possui produtos feitos para o ritmo da jovem mulher moderna” (2014, p.115). Já o par velhice/juventude é visto, pela autora, como a essência da argumentação nesse tipo de anúncio.

Para Ramos (2006, p.45), a dissociação das noções, “ao procurar confrontar uma tese com outras, quer na verdade, fazer uma reestruturação conceitual do real, afastar, portanto, qualquer incompatibilidade”.

Abaixo, está um quadro resumitivo das técnicas argumentativas, para uma melhor visualização:

Quadro 1 – Resumo das Técnicas Argumentativas

	Contradição e incompatibilidade
	<i>Identidade total ou parcial</i>
	<i>A regra de justiça</i>
ARGUMENTOS QUASE-LÓGICOS	<i>Reciprocidade</i>
	<i>Transitividade</i>
	<i>Comparação</i>
	<i>Sacrifício</i>

	Pragmático
	<i>Desperdício</i>
ARGUMENTOS BASEADOS NA ESTRUTURA DO REAL	<i>Direção</i>
	<i>Superação</i>
	<i>Autoridade</i>
	<i>Hierarquia dupla</i>

	Exemplo
	<i>Ilustração</i>
LIGAÇÕES QUE FUNDAMENTAM A ESTRUTURA DO REAL	<i>Modelo</i>
	<i>Analogia</i>
	<i>Metáfora</i>

	parência/realidade
	<i>meio/fim</i>
DISSOCIAÇÃO DAS NOÇÕES	<i>consequência/ato</i>
	<i>fato/pessoa</i>
	<i>Individual/universal</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

A seguir, passaremos ao estudo da Sequência Argumentativa, proposta por Adam.

3 A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA

Os estudos sobre as sequências textuais ocupam boa parte das pesquisas de Adam. O autor defende que as sequências textuais são práticas discursivas indispensáveis para a construção dos gêneros textuais/discursivos. Adam (2008) elenca cinco tipos de sequência, a saber: narrativa, descritiva, explicativa, dialogal e argumentativa, sendo esta objeto de interesse desta pesquisa.

Antes de nos determos na descrição, exposição, da sequência argumentativa, que é nosso propósito, vamos situar, sucintamente, esse tema no contexto da análise textual do discurso, teoria desenvolvida por Adam, em que se inserem as sequências textuais.

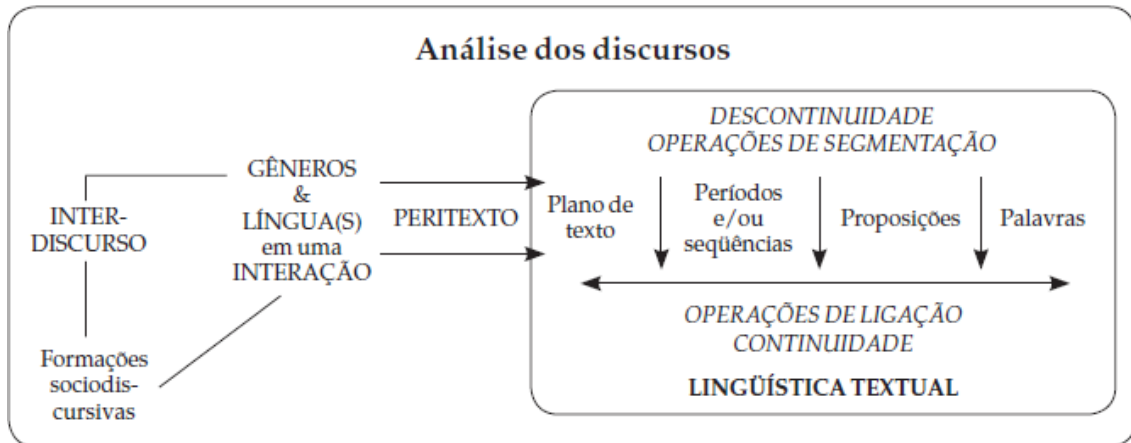
3.1 A análise textual do discurso

Destaca Adam (2008) que, desde seu surgimento (1950), a Análise do Discurso e a Linguística Textual desenvolveram-se de modo autônomo. A proposta, então, é articular uma Linguística Textual desvincilhada da gramática de texto e uma Análise do Discurso emancipada da análise do discurso francesa, haja vista sua proposta de análise distinguir-se, substancialmente, da proposta dessa teoria. A Análise Textual do Discurso consiste, dentre outros aspectos, nas práticas discursivas institucionalizadas, denominadas gêneros do discurso, cuja determinação pela história deve ser considerada pelo viés da interdiscursividade.

A Linguística Textual, para ele, funciona como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas. Tem como papel, na análise de discurso, teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto. Nesse contexto, Adam menciona as operações de textualidade – **segmentação** (tipográfica na escrita; pausa, entonação e/ou movimentos dos olhos e da cabeça, na oralidade); **operações de ligação**, que consistem de unidades semânticas e de processos de continuidade pelos quais se reconhece um segmento textual (ADAM, 2008).

Essas considerações são resumidas pelo autor no esquema a seguir.

Figura 1 - Análise dos discursos



Fonte: Adam (2008, p.43).

Sobre o esquema, Adam (2008, p. 43) comenta que:

Esse esquema evidencia o jogo complexo das **determinações textuais “ascendentes”** (da direita para a esquerda) que regem os encadeamentos de proposições no sistema que constitui a unidade TEXTO – **objeto da linguística textual** – e as **regulações “descendentes”** (da esquerda para a direita) que as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros dados impõem aos enunciados – **objetos da análise de discurso**. Sob o impacto das necessidades de expressão e de interação, os enunciados assumem formas infinitas, mas os gêneros e as línguas intervêm como fatores de regulação.

Reforça Adam (2008) que a articulação entre gênero discursivo, língua e formação sociodiscursiva pode não se estabelecer diretamente num primeiro momento em nossa mente, mas, logo que articulamos os conceitos, percebemos que estão intrinsecamente relacionados.

Para ele, todo texto constrói, de forma mais ou menos explícita, seu contexto de enunciação. Co-textualmente, uma vez que surge, uma unidade linguística torna-se candidata potencial de anáforas, ou seja, recorre-se a certo estado da memória. A memória discursiva é, ao mesmo tempo, o que permite e o que visa uma interação verbal. Em síntese, a Análise Textual do Discurso tem como foco a **Pragmática textual**:

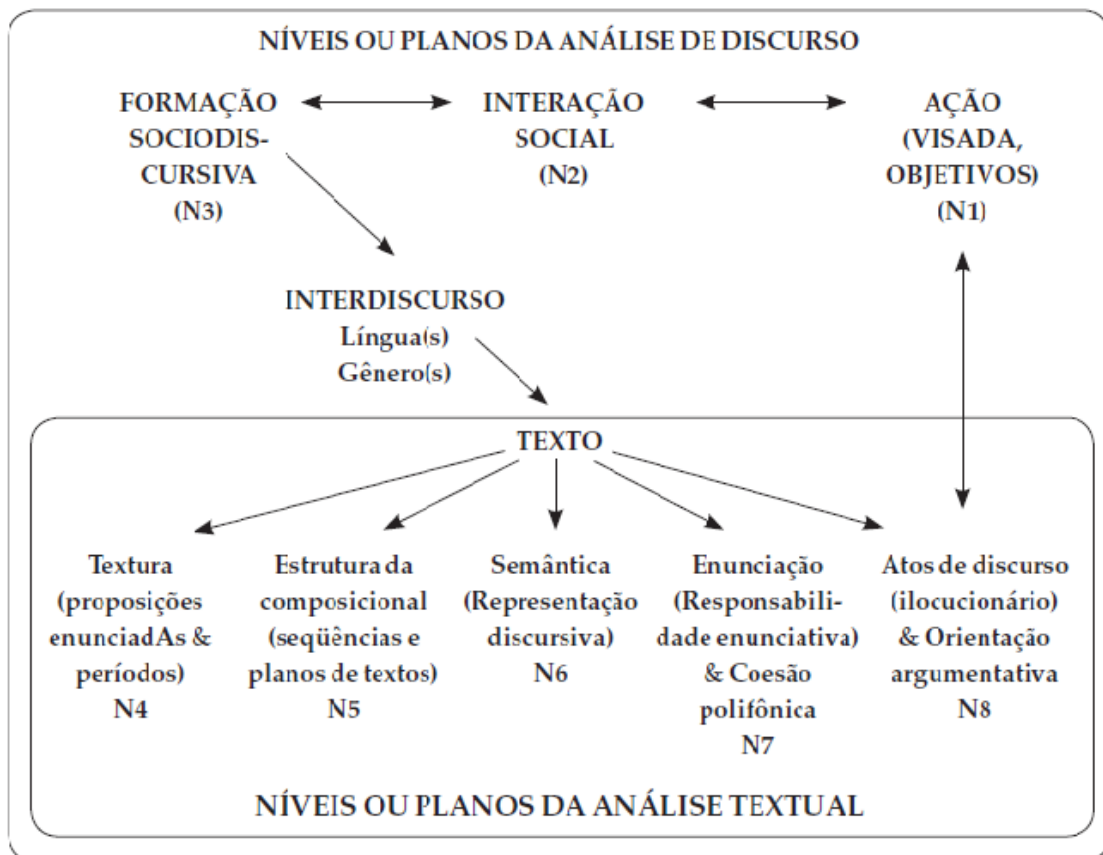
- a) Gêneros do discurso e interdiscursividade
- b) Discurso como ação ao texto
- c) Realização de um objetivo

Quando o texto é definido como uma ocorrência comunicativa, a linguística textual pode aparecer como uma **pragmática textual**. O texto aparece, assim, como

uma unidade construída pela análise. A filologia lembra que os textos não são dados, mas construções problemáticas decorrentes de diversos procedimentos (ADAM, 2008).

Para encerrar esta breve descrição sobre a teoria proposta por Adam, observemos o esquema a seguir que resume os elementos constitutivos da referida teoria no âmbito da estruturação e análise do texto.

Figura 2 – Níveis ou planos da análise de discurso



Fonte: Adam (2008, p. 61).

Sobre esse esquema, Adam (2008, p. 61) explica o seguinte:

A ação linguageira (Nível 1) realizada por meio de um texto explica a eficácia de uma ação sociodiscursiva realizada, por exemplo, por meio de “Eu acuso...”, de Émile Zola, texto publicado em primeira página do jornal *L’Aurore*, de 13 de janeiro de 1898. A eficácia da publicação (N2) da carta aberta (N3) está ligada ao fato de colocar fora da lei o signatário do artigo e a redação de *L’Aurore*. Zola teria podido acusar (N8), sem consequências, se as condições de produção e recepção (N2) não houvesse tido o peso legal dos artigos 30 e 31 da lei de imprensa da época, isto é, dos textos jurídicos que circulam na formação sociodiscursiva (N3). Não era suficiente dizer “Eu acuso” (N8), era necessário, ainda, um dispositivo legal e instituições (imprensa escrita, tribunais). Os parâmetros apontados pelo Esquema 4 permitem aprofundar essas observações.

Com isso, o autor deixa claro o que toma por nível de texto e de discurso. Embora inter-relacionados, não se confundem nem tampouco se configuram *status* equivalentes. Interessante, ainda, é o fato de mostrar, evidenciar a complexidade de certos gêneros, representada pelo nível (3).

3.2 A sequência argumentativa

Neste item, abordaremos a sequência argumentativa, desenvolvida por Adam, notadamente quanto à noção de prototipicidade com que ele trabalha.

A proposta de Adam refere-se ao que ele chama de **sequências lineares**, unidades complexas, que se compõem por macroproposições, vistas como se fossem uma espécie de período, que é uma unidade ligada a outras macroproposições, adquirindo sentido uma em relação a outra.

Explicita, ainda, que sequência:

é uma estrutura, isto é:

- uma **rede relacional hierárquica**: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- uma **entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria, e, portanto, em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (ADAM, 2008, p. 205, grifo do autor).

Dependem, então, de combinações pré-formatadas de proposições, que se manifestam em sequência narrativa, explicativa, descritiva, dialogal e argumentativa. Essas estruturas têm finalidade de ação, ou seja, partilhar uma crença com o objetivo de estimular um certo comportamento. É, então, um “tipo de macroato de discurso que articula microatos” (ADAM, 2008, p.208), porém, a sequência dialogal é um caso particular. Podemos, então, observar o esquema a seguir:

Figura 3 – Macroato de discurso

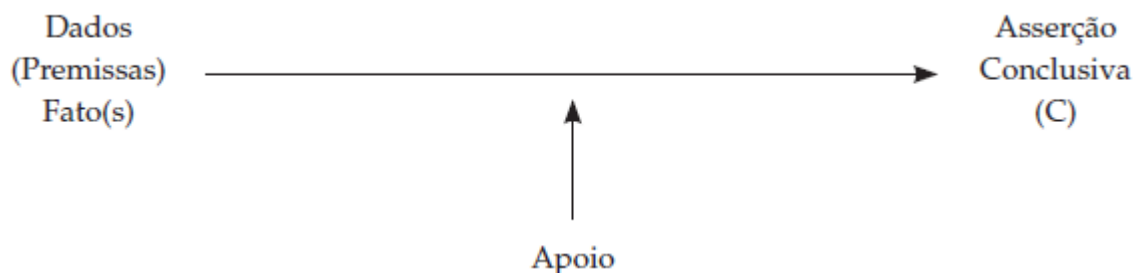
Ato de discurso	Macroato de discurso	Objetivo final
Ato de discurso primário <i>Afirmar</i>	Reforço e especificação Asserção narrativa — <i>narrar</i> Asserção descritiva — <i>descrever</i> Asserção argumentativa — <i>argumentar</i> Asserção explicativa — <i>explicar</i>	<i>Ação sociodiscursiva visada</i>

A partir desse momento, contudo, nos deteremos na sequência argumentativa, foco de interesse desta dissertação. Estamos analisando, em alguns LD do ensino médio, teorias argumentativas subjacentes às propostas de produção textual. Entendemos que a perspectiva que subjaz à sequência argumentativa, proposta por Adam, é importante e relevante para essa discussão.

Para darmos continuidade à discussão da sequência argumentativa, vamos nos deter em Adam (2008), a fim de complementarmos as definições que ele apresenta.

A **sequência argumentativa** está inserida em dois movimentos: “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa” (ADAM, 2008, p. 232) e, assim, se justifica um esquema simplificado do que seria a sequência argumentativa:

Figura 4 – Esquema base do texto argumentativo



Fonte: Adam (2008, p. 232).

em que o esquema deve ser completado com um princípio dialógico, no qual o discurso argumentativo é inseparável da polêmica, e que quando se defende uma tese, defende-se contra outras teses, submetida à refutação, à contra argumentação.

Porém, com a finalidade de explicar o modelo que, na obra de 2008, parece mais complexo, ilustraremos uma análise proposta pelo autor em um exemplo retirado dos textos de 1992, em que é usado o enunciado “A marquesa tem as mãos doces, mas eu não a amo”. De acordo com a análise do autor, o enunciado é um exemplo argumentativo clássico, já que há a presença do conectivo MAS.

A proposição [A marquesa tem as mãos doces] funciona como um *argumento-dado*, o que implicaria uma *conclusão não dada*, [eu a amo]. Porém, implicitamente, temos uma pergunta: por que tu amas a marquesa? Temos, então, uma regra de

inferência entre dados e conclusão, que está implícita no enunciado [Os homens amam as mulheres que têm as mãos doces].

O movimento de inferência está, então, sob a forma de um silogismo:

Os homens amam as mulheres que têm as mãos doces

ORA A marquesa tem mãos doces

LOGO eu amo a marquesa.

em que o dado [A marquesa tem mãos doces] nos levará à conclusão [Eu amo a marquesa] por meio de uma inferência apoiada na premissa maior [Os homens amam as mulheres que têm as mãos doces]. Há de se notar, também, a presença de uma refutação (ou contra argumentação) para ancorar a passagem dos dados à conclusão.

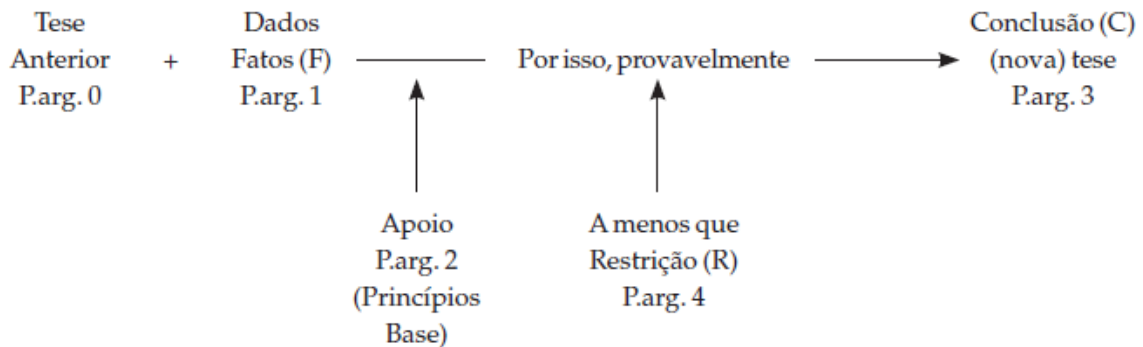
Em outras palavras, esclarece o autor que “o esquema de base da argumentação é pôr em relação os *dados* com uma *conclusão*. Esse colocar em relação pode ser implícita ou explicitamente fundamentado (*garantia e suporte*) ou contrariado (*refutação* ou *exceção*)” (ADAM, 1992, p.3).

Afirma Adam (2008, p. 233) que:

Um discurso argumentativo [...] situa-se sempre em relação a um contradiscurso efetivo ou virtual. A argumentação é, por isso, indissociável da polêmica. Defender uma tese ou uma conclusão consiste em defendê-la contra outras teses ou conclusões, da mesma maneira que entrar em polêmica não implica somente em entrar em desacordo [...], mas, sobretudo, ter contra-argumentos. Essa propriedade que tem a argumentação de estar submetida à refutação me parece ser uma de suas características fundamentais, distinguindo-a nitidamente da demonstração ou da dedução que, no interior de um dado sistema, se apresentam como irrefutáveis.

A proposta de Adam é proporcionar à sequência argumentativa prototípica uma forma que deixe lugar para a contra-argumentação.

Figura 5 – Contra-argumentação



Fonte: Adam (2008, p.233)

A estratégia argumentativa, como defende Adam, visa a uma transformação dos conhecimentos. O autor desenvolve seu ponto de vista quanto à sequência argumentativa, evidenciando diferentes níveis e/ou formas possíveis de o enunciador expor sua argumentação.

Com esse esquema, Adam (2008) evidencia os movimentos argumentativos que compõem um texto que se pretende argumentativo, formador de opinião. A P. arg.0 forma um período que ele denomina de “encaixado”, pois localiza-se “anterior as” Proposições Argumentativas, propriamente ditas. As demais proposições, P. arg. (1), (2), (3) e (4), configuram-se como conjuntos de enunciados constitutivamente argumentativos. As Proposições de 1 a 3 formam o **justificativo**, em que as estratégias argumentativas são denominadas pelos conhecimentos colocados, e as proposições 0 e 4 formam o **dialógico ou contra-argumentativo**, cuja estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos.

Com apoio nesse esquema e em consonância com as técnicas argumentativas da Nova Retórica, analisamos as produções textuais propostas nos LD selecionados para esta pesquisa.

Passemos, então, à metodologia deste trabalho.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentaremos os tópicos relacionados à metodologia utilizada nesta pesquisa, com ênfase na natureza da pesquisa, na escolha do *corpus* e nos passos percorridos para chegarmos à delimitação do universo.

4.1 Natureza da pesquisa

Temos como pressuposto a ideia defendida em Gil (1999, p. 26), ao definir método científico como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Assim, buscamos, nesta pesquisa, verificar quais teorias argumentativas são subjacentes às propostas de produção de texto no livro didático.

4.1.1 Quanto ao método

O que norteia esta pesquisa, além da teoria destacada anteriormente, é o método que foi usado para o trabalho, que se caracteriza como indutivo, uma vez que este “parte da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer” (GIL, 1999, p.28). Para o autor, o método

parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade.

No caso de nossa pesquisa, utilizamos três coleções de livros didáticos voltados para o ensino de Língua Portuguesa, do ensino médio, a fim de verificar as teorias argumentativas presentes.

4.1.2 Quanto ao nível da pesquisa

Esta é uma pesquisa descritiva, que se caracteriza por descrever, explicar o “fato” linguístico quanto aos seus aspectos/categorias de análise constitutivas. Assim, utilizaremos como categorias de análise os conceitos acerca da Sequência Argumentativa, de Adam (1992, 2008), e das técnicas argumentativas, de Perelman e

Olbrechts-Tyteca (2005), ao analisarmos as propostas de produção de texto, inseridas nos capítulos sobre argumentação e/ou dissertação, notadamente as propostas que incluem o texto dissertativo-argumentativo, chamado também de redação escolar, e a redação destinada ao Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem.

4.1.3 Quanto à técnica de pesquisa

Também delinea-se por ser uma pesquisa qualitativa. Pretendemos traçar os gêneros argumentativos presentes nos livros didáticos, a fim de delimitarmos que gênero argumentativo vamos analisar. Já definido o gênero argumentativo – buscamos analisar as propostas de produção de texto dos gêneros argumentativos com base em duas perspectivas argumentativas, a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e a Sequência Argumentativa, proposta por Adam (1992, 2011). Baseamo-nos no agrupamento de gêneros segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Na tabela seguinte, os autores delinham os gêneros de acordo com a capacidade de linguagem dominantes e com os domínios sociais de comunicação:

Quadro 2 – Aspectos tipológicos

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADE DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR <i>Mimeses</i> de ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR	Relato de experiência vivida Relato de viagem

	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Testemunho <i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Devido aos tipos relativamente estáveis dos gêneros textuais (BAKTHIN, 1992) é que nos baseamos no quadro anterior, uma vez que, ao escolhermos o gênero argumentativo como a base de nossa pesquisa, tivemos a preocupação de não nos confundirmos quanto ao gênero selecionado – poderíamos cair no erro de separar gêneros expositivos ao invés de gêneros argumentativos - devido à semelhança das características dos gêneros em questão. Assim, como foi mostrado na tabela, nossa pesquisa se pauta nos gêneros da ordem do argumentar, em que estão incluídos o texto de opinião, o diálogo argumentativo, a carta do leitor, a carta de reclamação, a deliberação informal, o debate regrado, o discurso de defesa e o discurso de acusação.

4.2 A seleção do *corpus*

Ao escolhermos como objeto de estudo o livro didático como ferramenta para analisar os gêneros argumentativos presentes, no caso, as três coleções voltadas para o ensino médio – as coleções *Ser Protagonista*, *Novas Palavras* e *Português Linguagens*, detemo-nos em escolher obras que foram aprovadas pelo PNLEM². Baseamo-nos também pelos Guias de Língua Portuguesa de 2012 e 2015, com o qual faremos um paralelo na análise.

² A aprovação das três coleções, juntas, se deu a partir do PNLEM 2012, como pode ser verificado por meio do link: <<http://www.fnede.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld>>. Acesso em 20 dez. 2014.

Quadro 3 – Coleções analisadas

COLEÇÃO	AUTORES	EDITORA
Ser Protagonista	Rogério de Araújo Ramos	SM
Português Linguagens	William Roberto Cereja Thereza Anália Cochar Magalhães	Saraiva
Novas Palavras	Emília Amaral Mauro Ferreira Ricardo Leite Severino Antônio	FTD

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, nosso foco recai nas produções de texto de gêneros argumentativos – o texto dissertativo-argumentativo, ou redação escolar, e a redação do Enem, e como diz o Guia de Língua Portuguesa, as propostas podem colaborar significativamente para o desenvolvimento da proficiência escrita, com subsídios consistentes para a elaboração temática, que vem da discussão dos textos selecionados para a leitura (BRASIL, 2011).

4.3 Delimitação do universo

Assim, para esclarecer como se construiu o nosso percurso metodológico e a nossa escolha pelo texto dissertativo-argumentativo, ou redação escolar, e o texto voltado para o Enem³, mostraremos, nas tabelas seguintes, a quantidade de gêneros argumentativos e quais são os gêneros argumentativos presentes nas coleções.

³ Apesar de haver controvérsias sobre qual poderia ser o gênero da redação do Enem, encaramos a redação do Enem como um texto típico dissertativo-argumentativo, uma vez que o aluno “deverá defender uma tese, uma opinião a respeito do tema proposto, apoiada em argumentos consistentes estruturados de forma coerente e coesa, de modo a formar uma unidade textual” (INEP, 2013).

4.3.1 Coleção *Ser Protagonista*

Quadro 4 – Coleção *Ser Protagonista*

Coleção Protagonista	Ser	Nº de gêneros argumentativos	Gêneros argumentativos
Volume 1		3	Dissertação escolar, Carta de reclamação e Mesa-redonda
Volume 2		4	Editorial, Resenha Crítica, Debate regrado e Fala em audiência pública
Volume 3		3	Anúncio publicitário, Artigo de opinião e Dissertação para o Enem e para o vestibular
Total de textos		10	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nos três volumes da coleção *Ser Protagonista*, há a presença de 10 gêneros argumentativos, mesclando entre gêneros orais e escritos. Assim, mostramos que os gêneros presentes são: Dissertação escolar, Carta de reclamação e Mesa-redonda, no volume 1; Editorial, Resenha Crítica, Debate regrado e Fala em audiência pública, no volume 2; Anúncio publicitário, Artigo de opinião e Dissertação para o Enem e para o vestibular, no volume 3.

4.3.2 Coleção *Novas Palavras*

Quadro 5 – Coleção *Novas Palavras*

Coleção Palavras	Novas	Nº de gêneros argumentativos	Gêneros argumentativos
Volume 1		1	O que é dissertar?
Volume 2		2	Resenha, Dissertação
Volume 3		6	Dissertação
Total de textos		9	

Fonte: Elaborada pela autora.

Já na coleção *Novas Palavras*, percebemos que os volumes não apresentam grande diversidade de gêneros argumentativos, mas, sim, atribuem maior importância ao texto dissertativo-argumentativo nos três volumes, ressaltando a questão da estrutura e os passos para produzir esse tipo de texto. Assim, ao colocarmos no

quadro anterior a quantidade de gêneros argumentativos, e apesar de os livros apresentarem uma quantidade considerável de capítulos sobre o texto dissertativo-argumentativo, optamos por denominar apenas de “Dissertação” os capítulos referentes a esse tipo de texto.

4.3.3 Coleção Português Linguagens

Quadro 6 – Coleção Português Linguagens

Coleção Português Linguagens	Nº de gêneros argumentativos	Gêneros argumentativos
Volume 1	3	Enem, O debate regrado público e O artigo de opinião
Volume 2	4	O texto de campanha comunitária, A mesa-redonda, O anúncio publicitário e O editorial.
Volume 3	3	A carta do leitor, As cartas argumentativas de solicitação e de reclamação e O texto-dissertativo-argumentativo.
Total de textos	10	
Total Geral:	29	

Fonte: Elaborada pela autora.

Já a coleção *Português Linguagens* apresenta também grande diversidade de gêneros argumentativos: Enem, O debate regrado público e O artigo de opinião, no volume 1; O texto de campanha comunitária, A mesa-redonda, O anúncio publicitário e O editorial, no volume 2; A carta do leitor, As cartas argumentativas de solicitação e de reclamação e O texto dissertativo-argumentativo, no volume 3. Assim como ocorreu com a coleção *Novas Palavras*, há vários capítulos sobre o texto dissertativo-argumentativo e, por isso, optamos por chamar apenas de “O texto dissertativo-argumentativo”, já que os capítulos sobre esse tipo de texto também trabalham com a questão da estrutura e dos tipo de argumentos.

Ao mostrarmos os quadros, percebemos que há uma miscelânea de gêneros argumentativos nas três coleções apresentadas, direcionadas aos três volumes do ensino médio e, de acordo com o número de gêneros apresentados, 29 textos, acreditamos que, se analisássemos todas as propostas de produção de texto

apresentadas, a pesquisa se tornaria longa e sem foco. Assim, optamos pelo texto dissertativo-argumentativo, ou redação escolar, e a redação do Enem, uma vez que esses textos apresentam estruturas semelhantes e estão presentes nas três coleções.

Apresentaremos, a seguir, um quadro, mais específico, que resume o material/*corpus* de nossa pesquisa, no caso, os textos dissertativo-argumentativos, ou redação escolar, e as redações do Enem que analisamos:

Quadro 7 – Resumo das coleções por número de gêneros

Coleção	Gêneros	Nº de gêneros
Ser Protagonista	Dissertação escolar e Texto voltado para o Enem	2
Novas Palavras	Dissertação	7
Português Linguagens	O texto dissertativo-argumentativo	1
Total geral		10

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, definimos os textos que compõem o nosso *corpus*, os quais analisamos nesta pesquisa, segundo as propostas de produção de texto apresentadas nas coleções analisadas. A seguir, demonstraremos que tipo de procedimento usamos para a análise das propostas de produção de textos nos livros didáticos.

4.4 Procedimentos

Definidos os gêneros argumentativos que analisamos, escolhemos os capítulos referentes aos gêneros escolhidos em cada coleção. Desse modo, usaremos como imagem as propostas de produção de texto inseridas nesses capítulos e, assim, de acordo com os quadros a seguir, mostramos quantas propostas de produção de textos serão analisadas⁴:

4 Em alguns materiais didáticos, observamos que algumas questões pedem que o aluno produza uma parte do texto ou crie um parágrafo argumentativo. De acordo com o PNLD 2015, “Tanto as orientações do Manual do Professor quanto as atividades propostas aos alunos consideram a escrita como uma prática de linguagem socialmente situada. Em consequência, as funções da escrita, assim como os objetivos específicos da produção, o leitor pretendido e a circulação prevista para o texto produzido ou

Quadro 8 – Coleção Ser Protagonista. Número de propostas

Coleção Ser Protagonista	Número de propostas
Volume 1	1
Volume 2	0
Volume 3	1
Total:	2 propostas

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 9 – Coleção Português Linguagens. Número de propostas

Coleção Português Linguagens	Número de propostas
Volume 1	2 propostas
Volume 2	2 propostas
Volume 3	7 propostas
Total:	11 propostas

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 10 – Coleção Novas Palavras. Número de propostas

Coleção Novas Palavras	Número de propostas
Volume 1	3 propostas
Volume 2	2 proposta
Volume 3	19 propostas
Total:	24 propostas

Fonte: Elaborada pela autora.

4.5 Análise dos dados

Para a análise dos dados, inicialmente, fizemos um panorama geral da coleção analisada e, depois, contextualizamos como os capítulos sobre redação escolar e sobre a redação do Enem enxergam o que se entende por argumentação. Também apresentamos os pontos positivos e negativos da coleção, com base no PNLD 2012

vêm explicitamente indicados, ou há, no encaminhamento das propostas, passos que conduzem o aluno a considerar esses elementos das condições de produção” (BRASIL, 2014, p.22). Desse modo, compreendendo que o material proporciona ao aluno a possibilidade de encaminhá-lo para a produção de um texto dissertativo-argumentativo completo é que analisamos também esse tipo de proposta.

e 2015, principalmente no que se refere à produção de textos. Com as propostas já selecionadas, escaneamos as propostas dos livros e analisamos com base nas duas teorias argumentativas.

Assim, depois de selecionarmos os livros didáticos, de apresentarmos os gêneros argumentativos, de selecionarmos, dentre esses gêneros, os gêneros que escolhemos e de lançarmos o número de propostas inseridas em cada volume de cada livro didático, a quantidade total de propostas de produção de textos analisadas contabilizam o número de 37, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 11 – Número total de propostas

Coleções/Total	Propostas analisadas
Coleção Ser Protagonista	2 propostas
Coleção Português: Linguagens	11 propostas
Coleção Novas Palavras	24 propostas
Total:	37 propostas

Fonte: Elaborada pela autora.

Passamos, então, para a próxima etapa, a análise dos textos selecionados nos livros didáticos, com base nas teorias argumentativas subjacentes às propostas de produção de texto.

5 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: AS TEORIAS ARGUMENTATIVAS SUBJACENTES ÀS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO

A ideia para iniciarmos este capítulo parte da concepção de que nas propostas de produção de texto podem estar inseridas duas teorias argumentativas, a saber, A Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e a Sequência Argumentativa, de Adam (1992, 2008). Nesta seção, analisamos três coleções direcionadas ao ensino médio. As coleções em questão tratam-se dos títulos *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, a coleção *Ser Protagonista*, obra coletiva desenvolvida pelas Edições SM; e a coleção *Novas Palavras*, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva Leite e Severino Antônio Moreira Barbosa.

5.1 Análise da coleção *Português Linguagens*

Neste tópico, vamos analisar duas propostas de produção de textos, que estão distribuídas em 2 volumes, o volume 1, direcionado à primeira série do ensino médio, e o volume 3, direcionado à terceira série do ensino médio. No volume 2 não encontramos propostas de produção de texto que versassem sobre os textos dissertativo-argumentativos e a redação do Enem.

5.1.1 Panorama geral da coleção

A primeira coleção do Ensino Médio que analisaremos será *Português Linguagens*. Os três volumes da coleção trazem em seu conteúdo temáticas sobre Literatura, Produção de Texto e Gramática. Nosso interesse recai, então, sobre a segunda, a Produção de Texto, porém com ênfase nos gêneros argumentativos escritos, uma vez que a coleção (assim como as outras duas coleções posteriormente avaliadas) apresenta textos orais e escritos.

Uma das características desta coleção refere-se à divisão dos conteúdos. Literatura, Produção de Texto e Gramática estão distribuídos aleatoriamente, porém a coleção apresenta na abertura de suas unidades títulos sobre Literatura. No que tange à Produção de Texto, a coleção apresenta uma estrutura fixa, em que, em um primeiro momento, é apresentado o gênero ao aluno, na seção “Trabalhando o

gênero”. Em seguida, o livro traz exercícios sobre o gênero, instigando os alunos a buscar as características do gênero em questão. Depois, o livro parte para a seção “Produzindo”, em que os alunos devem fazer um texto. Nas palavras dos autores, a coleção pretende que o aluno tenha:

condições para que produza, com adequação e segurança, textos verbais, orais e escritos, de diferentes gêneros, como um seminário, um debate, um relatório científico, uma carta argumentativa de reclamação, um poema, um anúncio publicitário, um editorial, um texto dissertativo-argumentativo para o vestibular, etc. (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p.3)

Assim, na próxima seção, analisaremos o que diz o PNLD 2012/2015 sobre essa coleção e, depois, passaremos para uma análise aprofundada dos três volumes, com ênfase nas propostas de produção de texto.

5.1.2 O que diz o PNLD 2012/2015

A coleção *Português Linguagens* que analisamos faz parte do PNLD 2012, já que a edição que temos em mão refere-se à sétima e não à nona, como está presente no PNLD 2015. O que se destaca na resenha feita pelo PNLD 2012, já no primeiro parágrafo, é a articulação entre os eixos da modalidade da linguagem – a oralidade e a escrita -, baseados em várias possibilidades de estudo com gêneros textuais.

No que se refere à análise da parte de produção de texto, destacam-se: 1) A leitura e análise de exemplares de vários gêneros; 2) Propostas articuladas à comunidade escolar e ao professor; 3) A avaliação que o aluno faz de seu próprio texto.

Assim, depois de breves explicações do material didático, passemos à análise das propostas do volume 1.

5.1.3 Análise das propostas do volume 1

Figura 6 – Coleção Português Linguagens, volume 1 (1)

Produção de texto

10. (ENEM)

Proposta de redação

Ninguém = Ninguém
Humberto Gessinger (Warner Chappell Edições Musicais)

Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira

todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

Uns Iguais Aos Outros
Charles Gavin/Sergio Brito (Warner Chappell Edições Musicais.)

Os homens são todos iguais
(...)
Branços, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus
(...)
Kaiowas contra xavantes
Árabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns
[iguais aos outros]

Americanos contra latinos
Já nascem mortos os nordestinos
Os retirantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se ajoelha e se reza
Não importa que língua se fala

Aquilo que une é o que separa
Não julgue pra não ser julgado
(...)
Tanto faz a cor que se herda
(...)
Todos os homens são iguais
São uns iguais aos outros, são uns
[iguais aos outros]

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

(UNESCO. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.*)

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando os textos acima como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema: **O desafio de viver com a diferença.**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto *não* deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p.87).

A primeira proposta a ser analisada faz parte da seção “Em dia com o Enem e o vestibular”, que aparece no final das 4 unidades presentes no livro. Assim, o primeiro exemplo de produção é uma reprodução de uma proposta do Enem, em que são

apresentados três textos motivadores para o aluno escrever um texto dissertativo-argumentativo com base no tema “O desafio de viver com a diferença”.

O que podemos notar é que nesse tipo de proposta (sem considerar as características do tipo de texto destinado ao Enem) é que fica mais evidente a questão da *utilização de argumentos* baseados em “conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação”, como está indicado, o que poderíamos aproximá-la com a Nova Retórica. Porém, mesmo indicando um possível uso de argumentos, a proposta em si não diz que tipo de argumentos os estudantes poderiam utilizar em seu texto.

Figura 7 – Coleção Português Linguagens, volume 1 (2)



Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p.173).

Figura 8 – Coleção Português Linguagens, volume 1 (3)

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão”.

(Artigo 227, Constituição da República Federativa do Brasil.)

(...) Esquina da Avenida Desembargador Santos Neves com Rua José Teixeira, na Praia do Canto, área nobre de Vitória. A.J., 13 anos, morador de Cariacica, tenta ganhar algum trocado vendendo balas para os motoristas. (...)

“Venho para a rua desde os 12 anos. Não gosto de trabalhar aqui, mas não tem outro jeito. Quero ser mecânico”.

(A Gazeta, Vitória, ES, 9 de junho de 2000.)

Entender a infância marginal significa entender por que um menino vai para a rua e não à escola. Essa é, em essência, a diferença entre o garoto que está dentro do carro, de vidros fechados, e aquele que se aproxima do carro para vender chiclete ou pedir esmola. E essa é a diferença entre um país desenvolvido e um país de Terceiro Mundo.

(Gilberto Dimenstein. *O cidadão de papel*. São Paulo, Ática, 2000. 19ª edição.)

Com base na leitura da charge, do artigo da Constituição, do depoimento de A.J. e do trecho do livro *O cidadão de papel*, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema: **Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional?**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Seleccione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
- Espera-se que o seu texto tenha mais do que 15 (quinze) linhas.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p.173).

Nas duas figuras anteriores, 7 e 8, verificamos que o mesmo esquema da figura 8 é usado neste exemplo, no qual utiliza-se um tema de redação direcionado ao Enem. Assim, o texto-dissertativo argumentativo que os alunos devem fazer indicam um possível uso de argumentos, sem, no entanto, indicar que tipos de argumentos os estudantes poderiam utilizar.

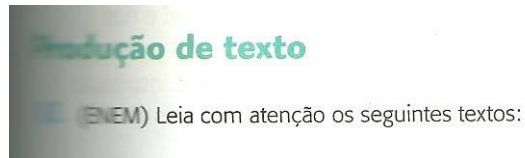
Assim, o volume 1 dessa coleção não direciona o aluno para a produção de textos dissertativo-argumentativos, ou redação escolar, mas apenas reproduz duas propostas direcionadas ao Enem, em uma seção à parte do livro e que, talvez, os alunos não a considerem relevante para usar neste momento, uma vez que são poucos os gêneros textuais que apresentam a argumentação. Acreditamos, então,

que este volume não orienta o aluno no que tange às produções de texto, muito menos àquelas relacionadas com possíveis teorias argumentativas.

Passemos à análise das propostas do volume 2.

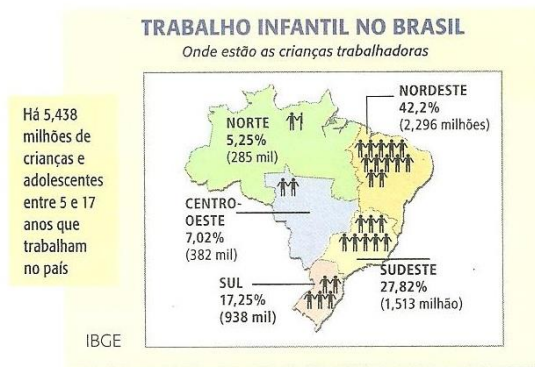
5.1.4 Análise das propostas do volume 2

Figura 9 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (1)



Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 233).

Figura 10 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (2)



(O Globo. Magazine, 11/05/2004.)

A crueldade do trabalho infantil é um pecado social grave em nosso País. A dignidade de milhões de crianças brasileiras está sendo roubada diante do desrespeito aos direitos humanos fundamentais que lhes são reconhecidos: por culpa do poder público, quando não atua de forma prioritária e efetiva, e por culpa da família e da sociedade, quando se omitem diante do problema ou quando simplesmente o ignoram em decorrência da postura individualista que caracteriza os regimes sociais e políticos do capitalismo contemporâneo, sem pátria e sem conteúdo ético.

(Xisto T. de Medeiros Neto. A crueldade do trabalho infantil. *Diário de Natal*, 21/10/2000.)

Submetidas aos constrangimentos da miséria e da falta de alternativas de integração social, as famílias optam por preservar a integridade moral dos filhos, inculcando-lhes valores, tais como a dignidade, a honestidade e a honra do trabalhador. Há um investimento no caráter moralizador e disciplinador do trabalho, como tentativa de evitar que os filhos se incorporem aos grupos de jovens marginais e delinquentes, ameaça que parece estar cada vez mais próxima das portas das casas.

(Joel B. Marin. O trabalho infantil na agricultura moderna. www.proec.ufg.br.)

Art. 4º — É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

(Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8 069, de 13 de julho de 1990.)

Com base nas ideias presentes nos textos, redija uma dissertação sobre o tema:

O trabalho infantil na realidade brasileira.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 233).

No volume 2 da presente coleção, verificamos que os exemplos apresentados constituem-se do mesmo modo dos apresentados no volume 1, no qual é usado um exemplo direcionado ao Enem. Desse modo, as figuras 9 e 10 deste volume seguem as mesmas orientações das figuras anteriores, em que é apresentado ao aluno textos motivadores para a feitura de um texto dissertativo-argumentativo voltado para o Enem.

Desse modo, acreditamos que as duas teorias argumentativas, a Sequência Argumentativa e as técnicas argumentativas da Nova Retórica, são utilizadas de acordo com o conhecimento de mundo do aluno, cabendo a ele, pois, a escolha de argumentos para a sustentação de sua tese.

Figura 11 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (3)

12. (ITA-SP)

Instruções para redação

O texto abaixo tem sido veiculado pela Internet. Identifique o tema do texto e, sobre ele, redija uma **dissertação** em prosa, na folha a ela destinada no caderno de soluções, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o assunto.

Na avaliação de sua redação serão considerados:

- clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- coesão e coerência do texto;
- domínio do português padrão.

Atenção: a redação será anulada se não versar sobre o tema ou se não for uma dissertação em prosa. A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

Encomendando uma pizza em 2010

Telefonista: Pizza Hot, boa noite!

Cliente: Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: Sim, o meu número de identificação nacional é 610204791993-8456-54632107.

Telefonista: Obrigada, Sr. Lewis. Seu endereço é 1742 Meadowland Drive, e o número de seu telefone é 494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Insurance é o 745-2302 e o seu celular é 266-2566. De que número o Sr. ligou?

Cliente: Bem, estou em casa. Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: Talvez não seja uma boa ideia...

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 425).

Figura 12 – Coleção Português Linguagens, volume 2 (4)

Cliente: O quê?

Telefonista: Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida profbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: Por que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!

Cliente: Como é que você sabe que vou adorar?

Telefonista: O Sr. consultou o site “Recettes Gourmandes au Soja” da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 36 minutos. Daí a minha sugestão...

Cliente: OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho família!

Telefonista: É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.

Cliente: Quanto é?

Telefonista: São \$49,99.

Cliente: Você quer o número do meu cartão de crédito?

Telefonista: Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.

Cliente: Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.

Telefonista: Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo.

Cliente: Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?

Telefonista: Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...

Cliente: Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?

Telefonista: Peço desculpas, apenas reparei que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.

Cliente: @#%/\$@&?#>\$/%#!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Telefonista: Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2009 por desacato em público a um Agente Regional.

Cliente: (Silêncio)

Telefonista: Mais alguma coisa?

Cliente: Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de refrigerante que constam na promoção.

Telefonista: Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...

Cliente: Aaaaaaaahhhhhhh!!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!!!!!!!!!!

Telefonista: E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo...

No exemplo anterior, das figuras 11 e 12, há também uma reprodução de uma produção de texto, direcionada ao vestibular do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), em que podemos verificar a presença de um texto motivador, “Encomendando uma pizza em 2010”, pelo qual o aluno teria que identificar o tema. Assim, elenca alguns pontos interessantes: 1) pede que o aluno argumente a favor de um ponto de vista; 2) pede clareza e consistência de argumentos.

Desse modo, por se tratar de um vestibular, acreditamos que, da mesma forma que a proposta passada, do Enem, há uma mescla no que diz respeito às teorias subjacentes nessa proposta, na qual Sequência Argumentativa e técnicas argumentativas devem ser usadas pelo estudante de acordo com o seu conhecimento de mundo. Do aluno é que viriam os tipos de argumentos para sustentar seu ponto de vista.

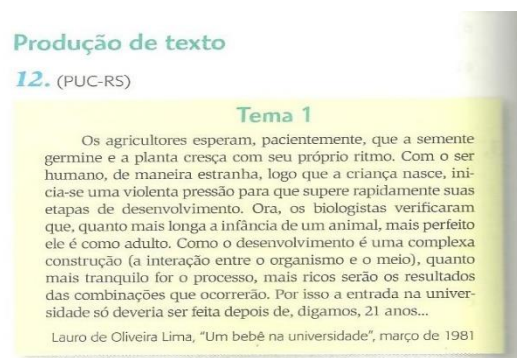
Passemos, agora, à análise do volume 3 da coleção.

5.1.5 Análise das propostas do volume 3

Procedemos, então, à análise das propostas de produção textual do volume 3, da coleção *Português Linguagens*. Como vimos praticando, selecionamos algumas produções representativas do conjunto de propostas.

As propostas de atividade que os autores apresentam são produções de vestibulares ou produzidas pelos próprios autores, como o exemplo a seguir, referente às figuras 13 e 14, que é uma reprodução da proposta do vestibular da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio Grande do Sul.

Figura 13 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (1)



Fonte: Cereja; Magalhães (2010, Volume 3, p.136).

Figura 14 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (2)

...de *essa afirmação* e das razões apresentadas pelo autor, é possível questionar-se, por exemplo:
Qual é o momento certo de entrar na universidade?
Que etapas da vida o estudante já deve ter percorrido para que possa apropriar-se, com maturidade, da complexidade dos conhecimentos científicos?
Quais as dificuldades enfrentadas por quem ainda não está preparado para esse momento?
 Reflita sobre essas e outras questões e elabore um texto dissertativo expondo seu ponto de vista sobre o momento mais adequado para entrar na Universidade.

Tema 2

É cada vez mais comum as pessoas repetirem que o tempo anda correndo demais e nunca dá para fazer tudo aquilo que elas precisam ou gostariam. Este é o principal sintoma da chamada síndrome da pressa. É um mal moderno: segundo especialistas, hoje 33% dos brasileiros sofrem de "stress" – algo que gera ansiedade e pressa, muita pressa. [...] Não por acaso, cresce na Europa e nos Estados Unidos o "slow movement" (algo como "movimento do devagar"). A ideia básica é incentivar a qualidade de vida.

<http://revistacriativa.globo.com/Criativa/0,19125,ETT1003040-2245,00.html> (adaptado)

Não se trata de defender uma volta à era das carruagens, mas sim de um esforço para encontrar o tempo certo, humano, de cada coisa. Viva a Internet, os jatos e a excitante correria diária, mas nem sempre é preciso ir de carro até a esquina ou trocar um belo prato de macarronada por uma caixinha aquecida no micro-ondas.

Claudia Leitano. "Slow motion". *Zero Hora*, 25/09/2004 (adaptado)

A falta de tempo, a pressa e a ansiedade gerada por tal situação têm afetado, direta ou indiretamente, crianças, jovens e adultos. Os fragmentos acima discutem o problema e propõem uma solução que nem sempre pode ser adotada por todos. Trata-se de uma questão difícil de ser resolvida, mas que merece ser discutida. Caso queira fazê-lo em sua dissertação, você pode se orientar pelas seguintes perguntas:
Quais são as causas e as consequências da pressa na vida das pessoas?
Como vencer as pressões do dia a dia e melhorar a qualidade de vida?

Tema 3

Amor – chama e, depois, fumaça...
 Medita no que vais fazer:
 O fumo vem, a chama passa...
 Manuel Bandeira

"O verdadeiro amor nunca se desgasta.
 Quanto mais se dá, mais se tem."
 Antoine de Saint-Exupéry

A reflexão acerca da ação do tempo sobre o amor tem inspirado poetas e escritores de todas as épocas. Os fragmentos acima mostram quão diversas podem ser as conclusões para a eterna pergunta:
Um verdadeiro amor dura para sempre?
 Caso você queira desenvolver este tema, disserte sobre a questão acima, apresentando o seu ponto de vista sobre a duração do amor. Você pode se apoiar nas palavras de outros autores ou na sua própria experiência, mas não deixe de fundamentar bem sua opinião.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p.137).

A proposta de produção de texto apresenta três temas e orienta que o estudante escolha um. Os temas, apresentados a seguir, pedem que o aluno faça uma produção de texto dissertativo com base nos temas apresentados:


- Qual o momento certo de entrar na universidade?/Que etapas da vida o estudante já deve ter percorrido para que possa apropriar-se, com maturidade, da complexidade dos conhecimentos científicos?/Quais as dificuldades enfrentadas por quem ainda não está preparado para esse momento? (Tema 1)
- Quais são as causas e as consequências da pressa na vida das pessoas?/Como vencer as pressões do dia a dia e melhorar a qualidade de vida? (Tema 2)
- O verdadeiro amor dura para sempre? (Tema 3)

O interessante da proposta é que, a partir das perguntas variadas, indicadas pelos autores, aos alunos (no caso dos temas 1 e 2), já lhes dá um direcionamento que lhes possibilita exercitar as várias possibilidades de argumentar e, assim, poder incluir os vários tipo de argumentos no seu texto, mesmo que não saibam que usam um tipo de técnica argumentativa específica.

É mais provável que o aluno possa se lembrar mais da estrutura do texto dissertativo-argumentativo (tese inicial – dados/argumentos – refutação/contrargumentação – nova tese/conclusão), que se pode direcionar à proposta de Adam quanto à Sequência Argumentativa, mas quanto às técnicas argumentativas, aos argumentos, esses podem, até, ser ativados de acordo com o conhecimento de mundo do aluno.

Observemos a Figura 15 e 16, a seguir, que abordam um tema bastante polêmico, atualmente: o desinteresse do jovem/aluno pelo estudo. A figura 17 culmina com a proposta de produção propriamente dita.

Figura 15 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (3)



Produzindo o texto argumentativo – oral e escrito

Frequentemente ouvimos de pessoas mais velhas expressões como: “No meu tempo a escola era melhor”, ou “Os alunos de hoje não querem saber de estudar”. Afinal, será que essas afirmações são procedentes?

Colhendo informações

Leia o texto abaixo, que discute algumas relações entre a educação escolar e o futuro da juventude, a fim de colher informações a respeito do assunto.

Há futuro para a juventude?

Luís Norberto Pascoal e Mozart Neves Ramos

Dados da Meta 4 do movimento Todos Pela Educação mostram que apenas 37,9% dos jovens brasileiros de 19 anos concluem o ensino médio. Dessa parcela, já muito pequena, a maioria atinge, nesse momento, o teto de suas possibilidades de formação escolar e profissional. Sem emprego ou oportunidades de trabalho, muitos desses jovens caem numa espécie de ociosidade precoce. Tornam-se, não raro, presa fácil para o tráfico de drogas e o crime organizado.

Esse quadro pode parecer assustador, mas é a realidade com que nos deparamos atualmente. A educação oferecida à juventude brasileira não tem sido capaz de apresentar uma perspectiva real de futuro a seus cidadãos que ingressam na vida adulta. Esse é um problema prioritário, que temos, como sociedade, a responsabilidade de ajudar a resolver. É urgente devolver ao jovem o direito de sonhar; um direito que lhe tem sido roubado.

Os jovens vêm tentando nos dizer, das mais diversas maneiras — como em recente pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Instituto Pólis) —, que a educação ocupa o primeiro lugar entre as suas preocupações. Em seis países sul-americanos — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai — o problema é igual e os jovens demandam uma educação pública de qualidade, que seja inclusiva e forneça qualificação profissional, propiciando a conquista de melhores oportunidades de trabalho.

Para que essa necessidade seja atendida é crucial, na visão dos próprios jovens, a continuidade da formação escolar, que não pode parar no ensino fundamental e deve ter sequência com o acesso ao ensino médio, a cursos técnico-profissionais e, se possível, ao ensino superior. De acordo com o estudo, “os jovens querem uma escola que caiba na vida”.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 288).

Figura 16 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (4)

Os números da educação brasileira revelam que a angústia dos jovens tem razão de ser. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2006 revelam que a taxa de matrícula no ensino fundamental é de 95% entre crianças de 7 e 14 anos que estão cursando a etapa adequada de escolarização. No ensino médio a situação é bem diferente: apenas 48,2% dos jovens entre 15 e 17 anos estão matriculados. Isso significa que 51,8% estão fora da escola ou atrasados, ainda cursando o ensino fundamental. Assim, podemos concluir que parcela significativa dos jovens, embora esteja estudando, enfrenta o drama da defasagem escolar.



Delfim Martins/Pixabay/Imagens

A precariedade educacional está na raiz de muitos outros problemas sociais enfrentados pelos jovens. O mais recente relatório do Unicef sobre a infância no Brasil (*Situação Mundial da Infância*), divulgado em janeiro, indica que é cada vez maior o número de crianças nascidas de mães muito jovens: o número de bebês de mães com menos de 15 anos aumentou quase um terço (29%) entre 1994 e 2005 no País. O próprio Unicef afirma que o nível educacional das jovens tem relação direta com a gravidez precoce.

Outros estudos, do sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, revelam dados preocupantes sobre a relação entre violência e juventude no Brasil. Entre 1979 e 2003, as armas de fogo mataram 550 mil pessoas no Brasil e os jovens, entre 15 e 24 anos, foram as principais vítimas: do total, 37,5% (206 mil) estavam nessa faixa etária. Em 2004, o Brasil registrava uma taxa de homicídios de 51,7 para cada 100 mil jovens, sendo o terceiro país que mais matava sua juventude por homicídio, depois da Colômbia e da Venezuela. Esses números indicam o provável envolvimento dos jovens com o crime, confirmando a realidade observada nos bolsões de pobreza do País.

Para atacar de frente os problemas que afligem os jovens brasileiros é urgente que o País desenvolva uma política de juventude o mais abrangente possível. Essa é uma questão de múltiplas causas, que exige uma solução integral, reunindo várias áreas governamentais. São necessárias medidas que vão além da educação formal, mas que tenham nela seu pilar estratégico.

A sociedade deve garantir que a qualidade do ensino seja excelente, para que o aluno aprenda o que deveria aprender e esteja preparado para o pleno exercício da cidadania. Também é necessário prover ferramentas para a inserção do jovem no mundo do trabalho, superando falsos dilemas que ainda cercam o tema do ensino profissional. Para tanto é preciso, antes de tudo, garantir a valorização e a capacitação dos diretores e professores, a fim de que estes tenham mais e melhores condições de entender e se aproximar da realidade dos jovens.

É urgente devolver ao jovem o direito de sonhar, que lhe tem sido roubado

Há um consenso crescente no País, que extrapola os meios educacionais, de que é fundamental ampliar a oferta de educação profissional em grande escala. Para isso se deve integrar o ensino médio regular ao ensino técnico. E isso pode ser feito em sintonia com a cadeia produtiva de cada Estado, estimulando a formação profissional em consonância com os principais setores econômicos empregadores nas diferentes regiões.



Luís Norberto Pascoal/Folha Imagem

Ao final do ensino médio, o jovem brasileiro deve poder decidir entre seguir seus estudos num nível técnico, para ingressar no mundo de trabalho, ou no ensino superior, sempre tendo em mente que, na sociedade do conhecimento, é imprescindível investir em sua formação ao longo de toda a vida.

Enfim, para termos uma juventude verdadeiramente independente, de cidadãos autônomos e críticos, precisamos, todos juntos, garantir que os jovens tenham a possibilidade de construir seu futuro. Um futuro sustentável. Jamais se tornando presa fácil para o tráfico de drogas e o crime organizado.

Luís Norberto Pascoal é diretor da Fundação Educar DPaschoal, do Instituto Faça Parte e do Todos Pela Educação
Mozart Neves Ramos é presidente-executivo do Todos Pela Educação

(O Estado de S.Paulo, 14/5/2008. p. A2.)

Figura 17 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (5)

Produzindo o texto argumentativo escrito

Releia as anotações que você fez durante o debate e escolha um dos temas para ser desenvolvido em linguagem escrita. Em seguida, escreva um texto argumentativo sobre o tema.
Siga estas instruções:

- Tenha em vista o perfil dos leitores. Seu texto será divulgado no mural da classe ou do colégio, ou num *blog* ou num fórum de debates da Internet. Logo, seus leitores serão na maioria jovens como você.
- Tome uma posição sobre o assunto e, logo nos primeiros parágrafos, deixe claro qual é o seu ponto de vista.
- Selecione e organize numa sequência os melhores argumentos anotados.
- Observe se os argumentos apresentam variedade quanto ao tipo, isto é, se há argumentos baseados em comparação, alusão histórica, provas concretas, exemplos, argumentos de autoridade, etc. Se necessário, desista de certos argumentos ou inclua novos.
- Pense no tipo de conclusão mais conveniente: se do tipo síntese, que retoma as ideias do texto, se do tipo proposta, se do tipo que faz uma citação ou outro que imaginar.
- Ao redigir, organize o texto em parágrafos. A introdução pode corresponder a um parágrafo ou, no máximo, dois. Cada um dos argumentos pode corresponder a um parágrafo. Se um argumento for amplo e envolver mais de um aspecto, é possível desenvolvê-lo em dois parágrafos. Para a conclusão, geralmente se destina o último parágrafo.
- Empregue a variedade padrão, mas leve em conta a adequação do texto ao perfil do público.
- Ao concluir o texto, dê-lhe um título sugestivo e revise-o de acordo com as orientações do box **Avalie seu texto argumentativo escrito**. Faça alterações, se necessário, e, finalmente, divulgue-o.

AVALIE SEU TEXTO ARGUMENTATIVO ESCRITO

Observe se você se posiciona claramente sobre o tema; se o texto apresenta uma ideia principal, que resume seu ponto de vista; se a ideia principal é fundamentada com argumentos consistentes e variados; se esses argumentos são bem desenvolvidos; se a linguagem está de acordo com a variedade padrão e com o perfil do público leitor; se o texto apresenta título e, como um todo, é persuasivo.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 290).

A proposta relacionada às figuras 15, 16 e 17 é um exemplo relacionado ao capítulo 5 (O texto argumentativo: a seleção de argumentos), no qual são apresentados os tipos de argumentos⁵, a saber: comparação, alusão histórica, argumentos com provas concretas, argumentos consensuais, argumentos de autoridade ou de exemplo, argumentos de presença e argumentos de retorcão. Fica claro que esse capítulo faz referência às técnicas argumentativas, que relacionamos à Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e, assim, as propostas que se seguem apresentam o mesmo modelo.

⁵ Ver anexos A, B e C.

A proposta traz, antes da parte de produção do texto escrito, uma parte dedicada à prática do debate regrado, no qual são feitos alguns questionamentos (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 290):

- O direito de sonhar dos jovens de hoje tem sido roubado?
- A educação oferecida à juventude brasileira tem sido capaz de apresentar uma perspectiva real de futuro para que ingressem na vida adulta?
- O ensino médio deve ser profissionalizante ou preparar para o ensino superior?
- A formação profissional ocupa o primeiro lugar nas preocupações dos jovens?

Depois das perguntas, os alunos teriam que empregar os vários tipos de argumentos (comparação, alusão histórica, argumentos com provas, entre outros) para fazer sua produção escrita.

Ao propor que aluno produza o texto, a proposta dá algumas instruções (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p.290), dentre as quais destacamos as seguintes:

- a) Tenha em vista o perfil dos leitores. Seu texto será divulgado no mural da classe ou do colégio, ou num *blog* ou num fórum de debates da Internet. Logo, seus leitores serão na maioria jovens como você.
- b) Tome uma posição sobre o assunto e, logo nos primeiros parágrafos, deixe claro qual é o seu ponto de vista.
- c) Selecione e organize numa sequência os melhores argumentos adotados.
- d) Observe se os argumentos apresentam variedade quanto ao tipo, isto é, se há argumentos baseados em comparação, alusão histórica, provas concretas, exemplos, argumentos de autoridade, etc. Se necessário, desista de certos argumentos ou inclua novos.

O item A, além de trabalhar com a questão da circulação do texto, trabalha a questão do perfil do leitor, ou seja, o auditório a quem o autor se dirige. Voltamo-nos, aqui, para a definição de auditório formado pelo interlocutor, definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) como aquele tipo de auditório ao qual me dirijo e no qual o orador, no caso o aluno que produz o texto, deve se adaptar de acordo com as peculiaridades desse público.

O item B nos revela que, ao tomar uma posição sobre o assunto, o aluno terá que munir-se de vários argumentos para tornar claro o que pensa sobre o assunto, o que nos indica, ou ao menos nos dá indícios, uma ligação com a Nova Retórica, ao usar possíveis estratégias argumentativas.

O item C pede ao aluno que organize/elenque os argumentos em uma sequência. Voltamo-nos, então, para a Sequência Argumentativa (porém, sem nos prendermos à palavra “sequência” presente no item), pela qual os alunos se voltariam para a estrutura do texto dissertativo-argumentativo (tese inicial – dados/argumentos – refutação/contra-argumentação – nova tese/conclusão) e, assim, organizariam os argumentos.

Já o item D está claramente voltado à Nova Retórica, no que tange às técnicas argumentativas. Neste item, a proposta oferece subsídio aos alunos ao elencar possíveis tipos de argumentos (comparação, alusão histórica, provas concretas, exemplos, argumentos de autoridade): explica que o aluno pode utilizar argumentos quase-lógicos de comparação, argumentos baseados na estrutura do real – argumentos de autoridade – e argumentos que fundamentam a estrutura do real – os exemplos.

Podemos constatar, então, que esta proposta pede que o aluno utilize as duas teorias, a Sequência Argumentativa e a Nova Retórica. A sequência argumentativa deve surgir espontaneamente, pois é condição necessária para a construção do texto argumentativo.

Analisemos, a seguir, mais uma proposta. Para isso, observemos a figura 18, que trata de um tema atual, ainda, e bastante polêmico: a cultura do “aparecer”, especialmente entre os jovens. É mais uma atividade de produção textual referente ao vestibular. A Figura 19 traz a proposta.

Figura 18 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (6)

Produção de texto

21. (UFV-MG)

Leia os fragmentos abaixo, extraídos de matéria publicada em *O Globo Revista*, que remetem a um tema bastante discutido na atualidade.

Fragmento 01

Manifestações perversas da cultura da aparência. É assim que psicanalistas analisam os episódios da jovem exposta à revelia na Internet mantendo relações sexuais com o “ficante” e da menina filmada durante a prática de sexo oral num banheiro de uma escola na Zona Sul do Rio. Segundo Sergio Nick, da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), o valor dessa cultura da imagem não é ser, mas aparecer.

O que importa não é fazer sexo, mas ser visto fazendo. Esses casos não foram surpresa para os jovens, apenas para os adultos. A garotada está sabendo o que nós não estávamos até agora. Eles são filmados em festas e há muito tempo tomam cuidado para não parar em sites e blogs.

Fragmento 02

Para o psicanalista Carlos Saba, a noção de exposição ou de violação da privacidade via Internet é relativa; só dá para medir intelectualmente, mas não afetivamente.

– Não dá para medir violação afetiva pela Internet porque as pessoas não têm noção do espaço que ocupam quando se exibem pela Internet ou por qualquer outra mídia. Os mesmos adolescentes que transaram diante da câmera talvez não tivessem coragem de repetir a atitude se o espaço fosse outro, por exemplo, um clube, diante de dez pessoas.

(MARINHO, Antônio; CEZIMBRA, Marcia; CLÉBICAR, Tatiana. Como proteger sua intimidade. In: *O Globo Revista*. Rio de Janeiro, n. 51, p. 20 e 23, 17 jul. 2005.)

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 319).

Figura 19 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (7)

Produza um texto coeso e coerente, com um mínimo de 20 linhas e um máximo de 25 linhas, de cunho argumentativo posicionando-se a respeito do tema proposto:

A exposição pessoal de adolescentes via Internet: caso de exibicionismo ou violação de privacidade?

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 319).

A proposta referente às figuras 18 e 19 trata-se também de uma reprodução de vestibular, da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, em que são

apresentados dois textos motivadores sobre o tema: A exposição pessoal de adolescentes via internet: caso de exibicionismo ou violação de privacidade?

A proposta não indica, especificamente, qual ou quais teorias argumentativas estariam inseridas nela, mas, tratando-se de uma proposta de vestibular, apenas orienta: “Produza um texto coeso e coerente, com um mínimo de 20 linhas e máximo de 25 linhas, de cunho argumentativo, posicionando-se a respeito do tema proposto: [...]”. O contexto e a expressão “cunho argumentativo” nos autorizam a inferir que os autores esperam ativar os conhecimentos dos alunos acerca da estrutura do texto dissertativo-argumentativo, exigência que se faz necessária à vida escolar do aluno até chegar a esse momento: o vestibular. Nesse momento, eles deverão ser capazes de desenvolver e expressar os tipos de argumentos, de acordo com sua vivência, pelo menos.

Figura 20 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (8)

22. (UFRJ-RJ) Desenvolva um texto dissertativo-argumentativo sobre a relação entre estados de humor e experiências da vida cotidiana, tomando por base os fragmentos abaixo:

“Rir é o melhor remédio.”
 “O que não tem remédio remediado está.”

(Ditos populares)

“Para Freud, o senso de humor é o principal sinal de um psiquismo sadio. Ele o considerava a forma privilegiada pela qual adultos mantêm a capacidade de brincar e de não ser esmagados pelos imperativos da vida em sociedade.”

“É necessário desenvolver certa descrença nos ideais de felicidade propagados no mundo contemporâneo; não se levar tão a sério (...) E nunca nos resignar a uma vida fútil e insatisfatória só pelo fato de ela ser socialmente aceita e reconhecida. É essa acomodação que aumenta a níveis insuportáveis a angústia, a fobia e a depressão.”

“Por definição, se é humor, faz bem. Mas é possível diferenciar o humor da ironia, do deboche e também do riso cínico. Na ironia e no deboche rimos do outro por acreditar que somos mais sábios e superiores. No cinismo, o riso é amargo, melancólico, porque é o riso de quem, decepcionado, perdeu o gosto pela vida.”

(Kupperman, Daniel. Entrevista à revista *Época*, n. 399. Rio de Janeiro: Editora Globo, 05/01/2006.)

Orientações:

1. Evite copiar passagens dos fragmentos apresentados.
2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta da língua.
3. Redija um texto de 25 a 30 linhas.
4. Escreva o texto definitivo a caneta.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 319).

Figura 21 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (9)

23. (FEI-SP) Reflita sobre a realidade contemporânea e desenvolva um texto dissertativo-argumentativo sobre a questão: “Como e por quais motivos a corrupção contribui para o desenvolvimento da violência e da miséria nas sociedades modernas?”.

Utilize o padrão culto da linguagem e respeite o espaço destinado ao texto na folha de respostas.

Instruções:


1. Escreva no mínimo 20 linhas e no máximo 28 linhas.
2. Se usar letra de forma, que não é a melhor escolha, distinga maiúsculas de minúsculas.
3. Evite rasuras e escreva com letra legível.
4. Não se afaste do tema proposto.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 319).

As duas propostas referentes às figuras 20 e 21 também são reprodução de um vestibular, cujos temas “A relação entre estados de humor e experiências da vida cotidiana” e “Como e por quais motivos a corrupção contribui para o desenvolvimento da violência e da miséria nas sociedades modernas?” conduzem os alunos à reflexão e exposição de pontos de vista.

As propostas, como as anteriores, também não indicam, com clareza, teorias argumentativas norteadoras, mas, assim também como as anteriores, inferimos por tratar-se de proposta de vestibular e pela orientação: “Desenvolva um texto dissertativo-argumentativo [...]”. Acreditamos que as propostas estariam inclinadas a ativar os conhecimentos dos alunos acerca da estrutura do texto dissertativo-argumentativo, aprendidos durante a vida escolar, e também os tipos de argumentos, de acordo com a vivência de cada aluno, ponto de vista que já defendemos em comentário anterior. Analisemos mais uma proposta.

Figura 22 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (10)

 **Produzindo o texto dissertativo-argumentativo**

O que é preconceito? Como se pode identificar o preconceito? Existe preconceito no Brasil? De que tipo: social, racial, linguístico?

A fim de colher informações para produzir um texto dissertativo-argumentativo, leia o painel de textos a seguir.

O novo caipira

Monteiro Lobato deve estar chateado. O grande escritor, com certeza, não imaginou que seu personagem mais famoso, o Jeca-Tatu, pudesse servir ao preconceito contra o campo. Pior: provocar a mistificação rural.

[...]

O personagem de livros infantis transmitia bondade; pouco letrado, porém astuto; sem riquezas, mas cheio de felicidade. Sua ingenuidade peculiar sensibilizou crianças e adultos, permitindo iluminar o ser humano na atividade rural. Nobre caráter.

Mais tarde, chegou o cinema. E o cândido Jeca-Tatu acabou caricaturado na interpretação do famoso Mazzaropi. Foi quando inventaram o chapéu de palha desfiado, a calça de pernas curtas mostrando a botina desbotada. A imagem cinematográfica desvirtuou o sentido simbólico construído por Monteiro Lobato. O caipira virou gozação.


Nessa época, anos 1960, iniciou-se o fortíssimo ciclo da urbanização brasileira, em simbiose com a industrialização, ambas alimentadas pelo tremendo êxodo rural. Em pouco tempo, como nunca se imaginara, o País passou de rural a urbano, arrebatando o mundo caboclo.

[...]

Quando as festas juninas começaram a ser dominadas pelos representantes da cidade, aconteceu a deformação maior: juntaram a caricatura do caipira com o folclore nacional. Os festejos, nascidos no Nordeste com o Bumba meu boi do século 18, aqui, no Sudeste, incorporaram elementos depreciativos, carregados de preconceito.

Afinal, o que podem significar a roupa cheia de remendos fingidos, aquelas sardas esquisitas nas faces das meninas e — Deus do céu! — o dentinho pintado de preto nas crianças, justo na frente, para parecer banguela?

Essa imagem deformada da gente da roça induz crianças e jovens, especialmente, a acreditar que os homens do campo são malvestidos, sujos, desdentados, atrasados. [...]

 *A personagem Jeca Tatu, por Belmonte.*

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 338).

Figura 23 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (11)

[...]

Ocorre um enorme equívoco quando se supõe que as festas caipiras do tipo Jeca-Tatu façam parte do folclore popular. Nada a ver. Folclore significa conhecimento popular, tradição, patrimônio cultural. Só pode ser folclore aquilo que brota da criatividade, da manifestação espontânea de um povo.

[...]

Após décadas de esquecimento, a agropecuária do País passa por um processo de revalorização, quase um redescobrimto. [...]

[...] há anos do campo brotam boas notícias: recordes de safras, exportações aquecidas, supremacia no crescimento econômico, empregos, divisas fartas. Felizmente, a modernização superou, a duras penas, o sistema latifundiário do Brasil, gerando um modelo tropical de agricultura capaz de obter elevadas produtividades, garantir sustentabilidade e competir no mercado internacional.

Falta muito, é verdade, para se afirmar que a agricultura rompeu com o atraso. Injustiças ainda permeiam os campos, exigindo políticas de inclusão produtiva e social. Há que reduzir as desigualdades.

O futuro, porém, supera o passado. Empresários rurais substituem a velha oligarquia. Agricultores familiares se organizam, investem em tecnologia e começam a sair, eles também, da pobreza secular. [...]

Não vê quem não quer. No interior do Brasil surge um novo caipira. Pode falar puxado no erre, mas não se inferioriza diante de quem sibila o esse. Caipira, sim, mas estudado, bonito, vivendo com qualidade de vida.

Lembre-se disso, principalmente se estiver pensando, na próxima festa junina, em vestir um chapéu desfiado [...]. Esqueça o adereço. Tome seu quentão, dance quadrilha, curta o foguetório, mas reverencie o campo, valorizando-o, em vez de estimular as diferenças.

E se encontrar alguma criança com dentinho pintado de preto, denuncie: preconceito é crime constitucional.

Xico Graziano

(O Estado de S. Paulo, 22/6/2004.)

"As pessoas sem instrução falam tudo errado"

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português".

[...] Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chichete e pranta têm algum "defeito" ou "atraso mental", seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu ingrês, pubricar, pranta, frauta, frecha na obra que é considerada até hoje o maior monumento literário do português clássico, o poema *Os Lusíadas*. [...]

Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado "errado" [...] isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política — as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

[...]



(Maurício de Sousa. Turma da Mônica — Historinhas de uma página, nº 2.)

Maurício de Sousa Produções

Figura 24 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (12)

[...] do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão [...]. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. [...] nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.

(Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: – O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 40.)



(Antonio Luiz Ramos Cedraz. *Xaxado Ano 1*. Salvador, BA: Cedraz, 2003. p. 23.)

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 340).

Figura 25 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (13)

Produzindo o texto escrito

Após o debate, planeje o procedimento para a produção de seu texto dissertativo-argumentativo. Para isso, siga estas instruções:

- Pense em seus leitores. Seu texto poderá ser divulgado no mural ou no jornal de sua escola, num *blog* ou num fórum de debates da Internet, cujos leitores são, na maioria, jovens como você.
- Organize o texto em parágrafos. Você pode apresentar a ideia principal (a tese) no 1º ou 2º parágrafos e, nos parágrafos seguintes, os argumentos que a fundamentam. No último parágrafo deve constar a conclusão. Outra possibilidade é estruturar o texto em um esquema, como, por exemplo:

Tese:
Desenvolvimento:
1º argumento:
2º argumento:
3º argumento:
Conclusão:

AVALIE SEU TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Observe se seu texto apresenta três partes essenciais: introdução (com a tese ou ideia central), desenvolvimento e conclusão; se no desenvolvimento os argumentos fundamentam devidamente o ponto de vista, estabelecendo relações de causa e efeito ou apoiando-se em comparações, depoimentos ou citações de pessoas especializadas no assunto, dados estatísticos, pesquisas, alusões históricas, etc.; se a linguagem empregada está adequada ao gênero, ao público e à situação.

- Empregue a variedade padrão, que é a adequada a esse tipo de texto e a essa situação, e uma linguagem impessoal.
- Concluído o texto, dê a ele um título interessante e, antes de passá-lo a limpo, faça uma revisão cuidadosa seguindo as orientações do box **Avalie seu texto dissertativo-argumentativo**.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 340).

A proposta referente às figuras 22, 23, 24 e 25 apresenta três textos motivadores e apresenta quatro perguntas:

- O que é preconceito?
- Como se pode identificar o preconceito?
- Existe preconceito no Brasil?
- De que tipo: racial, social, linguístico?

Depois de debater em sala de aula sobre a temática, os alunos partiriam para a produção escrita. Os autores dão algumas instruções, dentre as quais destacamos as seguintes:

- a) Pense em seus leitores. Seu texto poderá ser divulgado no mural ou no jornal de sua escola, num *blog* ou num fórum de debates da Internet, cujos leitores são, na maioria, jovens como você.
- b) Organize o texto em parágrafos. Você pode apresentar a ideia principal (a tese) no 1º ou 2º parágrafos e, nos parágrafos seguintes, os argumentos que a fundamentam. No último parágrafo deve constar a conclusão. Outra possibilidade é estruturar o texto em um esquema, por exemplo:

Tese:

Desenvolvimento:

1º argumento:

2º argumento:

3º argumento:

Conclusão

Da mesma forma que consta na proposta referente às figuras 15, 16 e 17, o item **a** trabalha com a questão da circulação do texto e com a questão do perfil do leitor, ou seja, o auditório a quem se refere. Voltamo-nos, aqui, também, para a definição de auditório formado pelo interlocutor, definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) como aquele tipo de auditório para o qual o locutor/orador se dirige e com o qual o orador, no caso o aluno que produz o texto, deve se adaptar de acordo com as peculiaridades desse público.

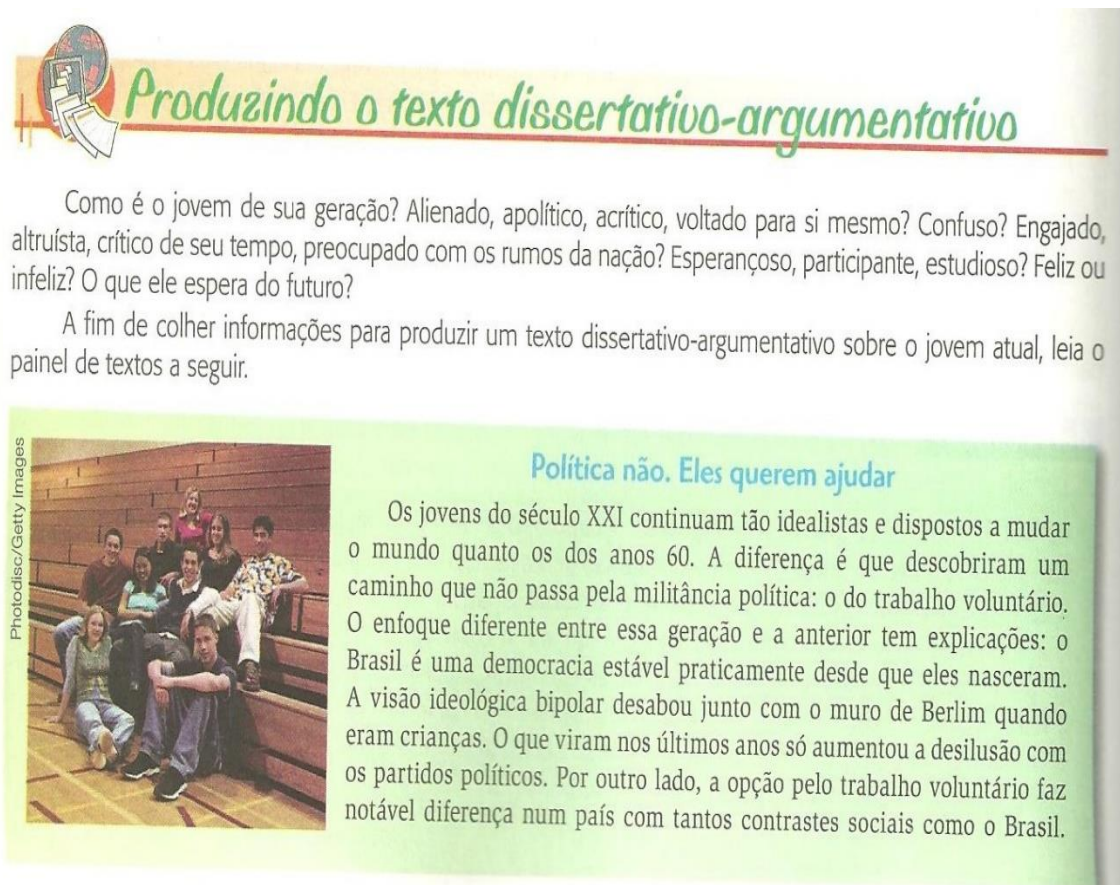
O item **b** nos revela que, ao pedir ao aluno que ele organize o texto em parágrafos, voltamo-nos para a Sequência Argumentativa, segundo a qual os alunos

se voltariam para a estrutura do texto dissertativo-argumentativo (tese inicial – dados/argumentos – refutação/contra-argumentação – nova tese/conclusão), organizariam os argumentos e chegariam à conclusão, protótipo defendido por Adam (1992; 2008), embora os autores não o mencionem, como têm procedido ao longo das propostas de atividades que analisamos.

Percebemos, então, que, nessa proposta, há “vestígios” das duas teorias, a Sequência Argumentativa e a Nova Retórica, quando os autores solicitam que o aluno utilize determinados processos a elas inerentes, como registramos.

Continuemos com a análise.

Figura 26 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (14)



Produzindo o texto dissertativo-argumentativo

Como é o jovem de sua geração? Alienado, apolítico, acrítico, voltado para si mesmo? Confuso? Engajado, altruísta, crítico de seu tempo, preocupado com os rumos da nação? Esperançoso, participante, estudioso? Feliz ou infeliz? O que ele espera do futuro?

A fim de colher informações para produzir um texto dissertativo-argumentativo sobre o jovem atual, leia o painel de textos a seguir.

Política não. Eles querem ajudar

Os jovens do século XXI continuam tão idealistas e dispostos a mudar o mundo quanto os dos anos 60. A diferença é que descobriram um caminho que não passa pela militância política: o do trabalho voluntário. O enfoque diferente entre essa geração e a anterior tem explicações: o Brasil é uma democracia estável praticamente desde que eles nasceram. A visão ideológica bipolar desabou junto com o muro de Berlim quando eram crianças. O que viram nos últimos anos só aumentou a desilusão com os partidos políticos. Por outro lado, a opção pelo trabalho voluntário faz notável diferença num país com tantos contrastes sociais como o Brasil.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 364).

Figura 27 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (15)

Nos últimos cinco anos, a participação dos jovens em filantropia pulou de 7% para 34% em 400 entidades brasileiras: mais de 8 milhões com idade entre 15 e 24 anos realizam alguma atividade voluntária. Estima-se que outros 14 milhões estejam interessados em fazer esse tipo de trabalho, mas não sabem como começar.

Os jovens voluntários são movidos por três estímulos básicos. O primeiro é a vontade de ajudar a resolver os problemas e as desigualdades sociais do Brasil. O segundo é o de se sentir útil e valorizado. Por fim, o desejo de fazer algo diferente no dia a dia. Quando decidem ajudar, eles procuram principalmente os projetos que ajudam crianças carentes (os preferidos de um em cada três voluntários), os educacionais, como dar aulas de reforço, e os do meio ambiente. [...]

(Veja, ano 36, nº 24. Edição especial *Jovens*. Editora Abril.)

Uma geração sonhadora, mas também realista

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% deles acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3 500 pessoas de 15 a 24 anos de 198 cidades. Patrocinado por várias instituições, tendo à frente o Instituto de Cidadania, o estudo Perfil da Juventude Brasileira radiografa o modo de vida e as expectativas de 34 milhões de cidadãos do país nessa faixa etária. Os dados, contudo, revelam que as mudanças almejadas pelo jovem de hoje são diferentes daquelas pelas quais as gerações passadas lutaram. Enquanto seus pais queriam revolucionar a política e os costumes, a juventude de agora já não precisa combater a ditadura nem se sente sufocada pela família. Ela está mais à vontade com os códigos sociais e as tradições à sua volta: 99% acreditam em Deus e 60% nem pensam em sair da casa paterna. Seriam esses dados sinais de que se trata de uma geração conservadora? Os pesquisadores discordam. “Os rebeldes de todas as épocas são uma minoria. Se fosse feita uma comparação com a média dos jovens de épocas passadas, descobriríamos provavelmente que os de hoje têm a cabeça mais aberta”, diz o cientista político Gustavo Venturi, coordenador da pesquisa. O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo versus comunismo ou rebeldia versus caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que a educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia. [...]



Paul Anderson/Stock Photos

A cara da juventude

Os assuntos que mais interessam aos jovens brasileiros...

- 1 Educação
- 2 Carreira profissional
- 3 Cultura e lazer
- 4 Esporte
- 5 Relacionamentos amorosos

... e as suas maiores preocupações

- 1 Violência
- 2 Emprego
- 3 Drogas
- 4 Educação
- 5 Saúde

A juventude e a violência

- 46% perderam pessoas próximas de forma violenta em 62% dos casos, a causa da morte foi assassinato
- 38% viram alguém morrer de forma violenta. Na maior parte das vezes, por assassinato
- 20% foram vítimas de assalto
- 42% já manusearam armas de fogo

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 365).

Figura 28 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (16)

A questão do emprego	As opiniões sobre temas polêmicos	O jovem e a cultura
20% começaram a trabalhar com 13 anos ou menos	80% condenam o aborto	50% dos 3 500 entrevistados leram até dois livros nos seis meses anteriores à pesquisa
57% usam parte de seus ganhos para ajudar a família	81% são contra a discriminação da maconha	23% nunca leram um livro por vontade própria — no máximo, as leituras escolares obrigatórias
86% ganham menos de dois salários mínimos por mês	54% aprovam o serviço militar obrigatório	Paulo Coelho é o autor mais popular
38% estão desempregados	52% são contra o casamento entre homossexuais	Zezé Di Camargo & Luciano são os cantores prediletos
		Ayrton Senna é a personalidade mais admirada

(Veja, ano 37, nº 32. Edição especial *Jovens*. Editora Abril.)

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 366).

Figura 29 – Coleção Português Linguagens, volume 3 (17)

Produzindo o texto

Após o debate, planeje o procedimento para a produção de seu texto dissertativo-argumentativo. Para isso, siga as instruções dadas na página 340.

Ao redigir seu texto, procure diversificar a estrutura dos parágrafos, levando em conta as formas de organizá-los vistas neste capítulo.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 366).

A proposta referente às figuras 26, 27, 28 e 29 segue, basicamente, a mesma análise presente na proposta anterior, apenas modificando o tema, sobre o jovem atual. A proposta indica alguns questionamentos para debate em sala de aula e, assim, os alunos partiriam para a produção do texto escrito.

Em síntese, o volume 3 apresenta as duas teorias em suas propostas, tanto aquelas que são uma reprodução de vestibulares como aquelas que foram produzidas pelos autores. Notadamente, há uma ênfase maior quanto à Sequência Argumentativa e alguns indícios do uso de técnicas argumentativas.

Passemos, então, à coleção *Novas Palavras*.

5.2 Análise da coleção *Novas Palavras*

Para darmos continuidade à nossa pesquisa, pautamo-nos em mais uma análise de livro didático, com a coleção *Novas Palavras*, direcionada ao ensino médio, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio. Analisamos três propostas de produção de texto no volume 1, duas propostas no volume 2 e 19 propostas no volume 3, totalizando 24 propostas analisadas.

5.2.1 Panorama geral da coleção

Os três volumes da coleção *Novas Palavras* estão divididos em 3 temáticas: Literatura, Gramática e Redação e Leitura. No volume 1, a parte de Redação e Leitura é composta por dez capítulos, sendo dois deles referentes à Argumentação, a saber, As modalidades clássicas: descrever, narrar, dissertar (Capítulo 4) e O que é dissertar? (Capítulo 10). O volume 2 apresenta oito capítulos e apenas um sobre Argumentação, a saber, A dissertação (Capítulo 8).

Já o volume 3 é inteiramente dedicado à Argumentação. Os sete capítulos do volume apresentam temas sobre a dissertação e sua estrutura, a saber, O mundo dissertativo (Capítulo 1), Dissertar e descrever: a delimitação do tema (Capítulo 2), Dissertar e narrar: assumindo um ponto de vista (Capítulo 3), A argumentação causal. A importância dos exemplos (Capítulo 4), A estrutura do texto dissertativo (Capítulo 5), Estratégias lógico-expositivas (Capítulo 6) e Revisão Geral (Capítulo 7).

Na abertura do capítulo 4, no volume 1, há a apresentação de cada modalidade – descrever, narrar e dissertar – e, quanto a este último, o capítulo diz que:

Dissertar é expor e debater. Na dissertação expositiva, predomina a apresentação pormenorizada de determinados temas e conhecimentos; na dissertação argumentativa, por sua vez, predomina a defesa de pontos de vista a respeito de uma questão posta em debate, visando convencer, persuadir o ouvinte/leitor. (AMARAL *et al*, 2013, p. 339).

Mais adiante, no capítulo 10, o volume 1 complementa a noção do que é dissertar, mostrando um quadro⁶ no qual são apresentadas as diferenças entre o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo argumentativo, apresentando as três partes que constituem o texto argumentativo: 1) Introdução: apresentação do assunto

⁶ Ver anexo D

sobre o qual se escreve e do ponto de vista assumido em relação a ele; 2) Desenvolvimento: a fundamentação do ponto de vista e sua defesa com argumentos; e 3) Conclusão: retomada do ponto de vista para fechar o texto de modo mais persuasivo. O que pode se notar é que, ao definir o texto dissertativo-argumentativo, há uma aproximação com o esquema de Adam, no qual há a presença de uma tese inicial, o uso de dados (e uma contra-argumentação implícita) e uma conclusão ou nova tese.

No volume 2, porém, percebemos que o capítulo 8 enfatiza a dissertação argumentativa como um modo de expor ideias, como podemos constatar na citação seguinte:

Ao ler, discutir ou dissertar sobre um texto, reaprendemos a pensar pela própria cabeça, procurando uma elaboração pessoal de ideias, com liberdade e lucidez. Reaprendemos a analisar e comentar dados e fatos, temas e teses. Reaprendemos a discutir e a argumentar, a defender o que pensamos, a fundamentar, justificar, provar, explicar nosso ponto de vista e convencer, persuadir quem nos ouve ou lê. Reaprendemos, enfim, a organizar o pensamento lógico, a arquitetar nossos textos com sequência, coesão, coerência e clareza. (AMARAL *et al*, 2013, p. 386).

Ao indicar que devemos discutir, argumentar, convencer quem nos ouve, pensamos que o volume 2 estaria mais voltado às questões de estratégias argumentativas, de que modo poderíamos persuadir nosso ouvinte, porém, sem dizer como isso poderia ser feito.

No volume 3, observamos uma extensão do volume 2, uma vez que, ao verificarmos os títulos dos capítulos 4 – A argumentação causal. A importância dos exemplos – e 6 – Estratégias lógico-expositivas, notamos que há um vínculo com a noção de técnica/estratégia argumentativa, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, mais claramente neste último, em que são apresentadas as várias estratégias expositivas, como cita o livro: por definição, comparação, citação, histórico, exemplo, estatística, resumo e pergunta⁷, em que podemos ver o uso de argumentos quase-lógicos, como a comparação e a definição, um argumento baseado na estrutura do real, a citação (se levarmos em conta que a citação pode ser encarada como argumento de autoridade), e um argumento que fundamenta a estrutura do real, a definição.

⁷ Ver anexos E, F e G.

Com base nessa concepção de argumentação, observamos as propostas de produção textual, que foram analisadas, bem como as orientações propostas pelo material norteador, como o PNLD, o qual situamos a seguir.

5.2.2 O que diz o PNLD 2015

A edição que utilizamos para análise trata-se da segunda edição de 2013, portanto, a que foi resenhada pelo PNLD 2015, apesar de a coleção também estar presente no PNLD 2012.

O PNLD 2015 destaca que a coleção, no que tange à produção escrita, não trabalha com muitos gêneros textuais, fato que o guia considerou como ponto fraco, tanto que o volume 1 da coleção dedica-se à definição do descrever, narrar e dissertar, explorando uma variedade de gêneros apenas no volume 2 – são considerados como objeto de estudo o diário pessoal, o relatório, a resenha, o relato, o conto e a dissertação -, e no volume 3 há uma atenção especial ao dissertar. Sobre isso, o PNLD 2015 diz que:

Apesar das limitações mencionadas, é possível que a insistente atenção desta obra à forma do texto – nos planos global e local – capacite os estudantes a escrever redações escolares e obter aprovação em processos seletivos para postos em empregos públicos e ingresso em cursos universitários. (BRASIL, 2014, p. 48).

Ao nosso ver, o propósito final da coleção consiste exatamente nisso: fazer com que o aluno vá adquirindo conhecimento sobre outros gêneros para, quando chegar à terceira série do ensino médio, ele se dedique inteiramente à dissertação e, assim, esteja preparado para fazer o vestibular.

Observemos como as atividades são exploradas no volume 1.

5.2.3 Análise das propostas do volume 1

A proposta do volume 1 está presente no capítulo 4, que apresenta as definições de descrever, narrar e dissertar e, assim, ao longo do capítulo, há propostas de leitura e produção de textos nas três modalidades. A atividade 4, a seguir, é um exemplo dessa mescla de leitura e produção.

Figura 30 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (1)

drogas, originalmente publicada na *The Lancet*, uma das mais importantes publicações científicas na área médica.

Atividade 4

Proposta de leitura

3. a) Apesar de a maior parte do texto fazer a exposição de estatísticas e dados sobre o consumo de drogas, o texto é argumentativo, pois defende que o consumo de drogas é questão de saúde pública e também de polícia, já que a ilegalidade dificulta as estimativas precisas sobre o problema e, portanto, sua solução.

A ciência aplicada pode fazer muito bem, mas também muito mal. Por exemplo, as reações nucleares no Sol geram a energia que é fonte de vida na Terra. Mas a energia nuclear é também a das bombas que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. A mesma ciência pode nutrir a vida, mas também destruí-la. É capaz do melhor e do pior; as mesmas técnicas podem engendrar imensos benefícios, mas também provocar calamidades devastadoras.

Por isso é essencial que a ciência seja completada por uma ética, e por uma espiritualidade que funda essa ética.

A ciência pode funcionar sem a espiritualidade. A espiritualidade pode funcionar sem a ciência. Mas o homem, para ser completo, para não esquecer sua humanidade, precisa das duas.

O texto é dissertativo. Discute a relação entre ciência e espiritualidade, defendendo o ponto de vista de que o ser humano tem necessidade de ambas.

THUAN, Trinh Xuan. *O agrimensur do cosmo: entrevistas a Edmond Blattchen*. São Paulo: Unesp; Belém, PA: UEPA – Universidade Estadual do Pará, 2002.

Proposta de produção

Qual é a sua opinião sobre o texto lido? Você concorda com a tese nele defendida? Por quais razões? Dê o seu ponto de vista sobre o tema, por meio de um texto argumentativo de 15 linhas. Em seguida, leia-o para os colegas e ouça aqueles produzidos por eles, de modo a:

- Expor e defender seu ponto de vista;
- Conhecer as posições alheias, a fim de reafirmar e/ou rever suas opiniões, enriquecendo-as o máximo possível.
- E quanto a este texto? Qual a sua estrutura, o seu tema e o ponto de vista que defende?

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 343).

Nesta proposta, vimos que os autores utilizam apenas um texto motivador e pedem que o aluno expresse uma opinião sobre o conteúdo do texto. Adiante, além de defender um ponto de vista, ele deve verificar o posicionamento dos colegas quanto ao assunto em questão, apesar de esse posicionamento ser no âmbito da oralidade.

O que chama a atenção nesta proposta é que se procura “conhecer as opiniões alheias, a fim de reafirmar e/ou rever suas opiniões”, o que aproxima essa proposta com a Sequência Argumentativa de Adam, uma vez que, ao lançar mão de possíveis contra-argumentos, o discurso argumentativo “situa-se sempre em relação a um contradiscurso efetivo ou virtual” (ADAM, 2008, p. 233).

Observemos mais uma proposta cuja análise reforça nosso ponto de vista quanto ao direcionamento dos autores. Vejamos a Figura 31.

Figura 31 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (2)

Proposta 3

Leia atentamente o texto a seguir:

Sorria!

Deposite aqui. Aguarde. Ficha no caixa. Leve três. Aceitamos todos os tíquetes. Só com RG. Não pise na faixa. Pague dois. Por quilo. Facilite o troco. Até o vencimento. Débito automático. Não é única. Não tem chave. Não insista. Crédito obrigatório. Confira. Buzine. Conforme instruções. Não é lei. Digite a senha. Silêncio. À vista. Visite nossa cozinha. Senha não confere. Obrigado. Não é atenção. Em jejum. Fale com nossas operadoras. Não desligue. Por favor. Não perfure. Cuidado. Não é rasure. Pare. Não amasse. Bloqueado. Deseja salvar? Sorria! Você está sendo filmado...

BONASSI, Fernando. 100 coisas. São Paulo: Angra, 2000. p. 12.

a) extraia um tema para um texto dissertativo.
 Sugestão de resposta: A mecanização da vida no mundo contemporâneo.
 b) produza o parágrafo inicial deste texto. Resposta pessoal.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 347).

Já na segunda proposta, referente à figura 31, temos apenas um trecho de um texto do qual o aluno deve extrair um tema. Sem maiores explicações, os autores apenas solicitam ao aluno que faça uma introdução do texto. Esta orientação nos autoriza a inferir que se trata de uma proposta voltada para a questão estrutural do texto, quando, geralmente, há uma tese inicial, aproximando-se, assim, da Sequência Argumentativa, segundo Adam (2008), referencial teórico que nos serve de suporte para esta análise.

Figura 32 – Coleção Novas Palavras, volume 1 (3)

Proposta de produção

Você vai fazer um exercício dissertativo. Responda às questões abaixo, assumindo um ponto de vista, uma opinião a respeito do que foi perguntado. Em seguida, faça a defesa de seu ponto de vista com argumentos, exemplos e informações convincentes.

- Viver é melhor que sonhar?
- Somos aquilo que amamos?
- Viver é muito perigoso?
- Tropeçar ajuda a caminhar?

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 388).

Já a terceira proposta, referente à figura 32, é apresentada como um “exercício argumentativo”, no qual o aluno deverá responder aos questionamentos apresentados usando “argumentos, exemplos e informações convincentes”. Diferentemente do que foi feito na proposta anterior, esta vem dar ênfase ao desenvolvimento do texto

dissertativo-argumentativo, uma vez que, no desenvolvimento, o aluno deve fundamentar seu ponto de vista e defendê-lo com argumentos.

Ao visar a defesa de um ponto de vista, ao utilizar argumentos e exemplos, visualizamos procedimentos, orientações da Nova Retórica, teoria segundo a qual o aluno deve utilizar um argumento que fundamenta a estrutura do real, no caso, o exemplo, o que é interessante. Destacamos que o volume 1 não nos deu indícios do uso de técnicas argumentativas.

Analisadas as propostas do volume 1, passemos, então, ao volume 2 da coleção.

5.2.4 Análise das propostas do volume 2

As duas propostas a seguir, referentes às figuras 33 e 34, foram retiradas do vestibular da Universidade de Passo Fundo, do Rio Grande do Sul, e apresentam dois temas, a saber, 1) a necessidade/importância de ter atitudes benéficas em relação às outras pessoas; e 2) a importância de as pessoas desenvolverem seus talentos depois de fazerem suas escolhas profissionais. Desse modo, o aluno terá que se beneficiar de um texto motivador para cada proposta.

Nas propostas, claramente, não está explícito que tipo de teoria argumentativa embasa suas propostas de atividades. Contudo, inferimos a presença da Sequência Argumentativa, de Adam, no volume 1, o que nos possibilita pensar que o aluno, ao entrar em contato com esse volume, poderia transferir os conhecimentos adquiridos para o estágio seguinte: volume 2, ou seja, a teoria referente à Sequência Argumentativa de Adam e, no volume dois, entraria em contato com as estratégias argumentativas, em consonância com a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

Figura 33 – Coleção Novas Palavras, volume 2 (1)

2. (UPF-RS)

Tema 1

Quando a natureza mata

A natureza não mata apenas com enchentes, deslizamentos, terremotos e *tsunamis*. Mata também pelas mãos do homem, o que é bem mais preocupante.

A natureza, da qual fazemos parte, mata com muito mais crueldade através de nós do que através do clima ou de movimentos da Terra, e de maneira bem mais assustadora: pois nós pensamos enquanto prejudicamos o nosso semelhante. Temos a intenção de atormentar, torturar, matar, mesmo que em vários casos seja uma consciência em delírio – estamos tão drogados que achamos graça de tudo.

(Lya Luft, *Veja*, março 2010, v. 43, p. 24)

Leia o fragmento e redija um texto dissertativo refletindo sobre a necessidade/importância de termos atitudes benéficas em relação às outras pessoas. *Resposta pessoal.*

Tema 2

Afinal, qual é o seu talento?

Ter talento não significa nascer com uma inteligência superior, uma habilidade artística ou uma qualidade única. Talento não é dom, não nasce com a pessoa, e sim é desenvolvido com a prática, o que demanda tempo e persistência. Toda pessoa tem a capacidade inata de aprimorar-se, tornar-se muito boa em algum tema ou atividade e ser, então, considerada um talento. Encontrar seu próprio talento depende, em parte, das oportunidades da vida e, em parte, da determinação pessoal.

(Eugênio Mussak, *Você S/A*, abril 2010, n. 142, p. 98)

A dissertação • 387

REDAÇÃO e LEITURA

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 387).

Figura 34 – Coleção Novas Palavras, volume 3 (2)

Refleta sobre o fragmento e, em seguida, escreva um texto dissertativo apontando a importância de as pessoas desenvolverem seus talentos depois de fazerem suas escolhas profissionais. *Resposta pessoal.*

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 388).

Analisadas as propostas do volume 2, passemos, então, ao volume 3 da coleção.

5.2.5 Análise das propostas do volume 3

O volume 3 da coleção *Novas Palavras* é inteiramente dedicado, na parte de Redação e Leitura, à Argumentação, em que todos os capítulos falam sobre o tema, a estrutura e o uso de argumentos no/do texto dissertativo.

As duas propostas a seguir, referentes às figuras 35 e 36, são uma mescla de leitura e produção de texto, nas quais o aluno deverá ler os dois textos motivadores e, então, fazer o que as propostas pedem. Nos textos “No meio do silêncio” e “Chega-se a Marte, mas não se chega ao semelhante”, os autores pedem que o aluno identifique o tema, o ponto de vista e os argumentos principais. Com isso, notamos que, ao aluno, cabe selecionar os tipos de argumentos que ele pode encontrar ao longo do texto e, quem sabe, classificá-los em estratégias argumentativas.

Figura 35 – Coleção Novas Palavras, volume 3 (3)

1. Leia cuidadosamente os textos a seguir. Depois identifique, em cada um deles, o tema, o ponto de vista e os argumentos principais.

Texto 1 **Tema:** o significado do Natal. **Ponto de vista:** o autor resgata o sentido original da festa natalina, independentemente de sua conotação religiosa. **Argumentação:** o Natal comove e renova a esperança, não pelo conagraçamento familiar que enseja, nem por seu caráter consumista, mas por ser uma tocante criação do ser humano necessitado de um Deus à sua feição.

No meio do silêncio

Há muito que o Natal deixou de ser uma festa religiosa. No seu aspecto positivo, virou festa de conagraçamento, sobretudo no seio da família, é a data em que todos voltam a comer juntos, ao menos um peru e uma rabanada. No aspecto negativo, é o grande festim do consumo, presidido por esse chato e mercadológico “Bom Velhinho”, que seria tolerável num filme de Frank Capra.

É uma pena. Porque o Natal, mesmo sem qualquer conotação religiosa, sem qualquer compromisso confessional, lembra uma antiga e inarredável aspiração humana: a de um Deus entre nós, com a nossa carne. E passa despercebida a beleza daquilo que Renan considerou “o mais belo drama pastoril da humanidade”.

Independentemente do dogma e da fé, é comovente a história daquela judiazinha de 15 anos que aceitou sem espanto o anúncio do anjo de que geraria um Deus. Daquele carpinteiro que de repente, sem aviso prévio, foi comunicado de que sua mulher geraria um Deus – e se tornou guardião da mulher e do menino.

E os pastores que velavam na imensa noite do deserto viram falanges de anjos dando glória a Deus nas alturas e receberam o convite para ir ver o menino. E foram. O evangelista usa o verbo exato: “*transeamus*”, vamos até Belém. Não adianta receber a mensagem e continuar na mesma. Ir é preciso.

E tudo se passou no meio de um grande silêncio, “*dum medium silentium*”. Somente no silêncio há espaço e tempo para ouvir a mensagem, para realizar o trânsito em direção ao novo, ao que acaba de ser revelado.

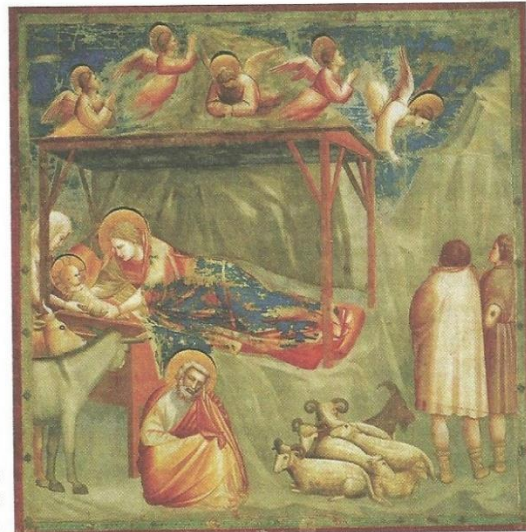
E é nesse silêncio que curto o meu Natal, Natal ainda pagão, mas com pena de continuar pagão no meio de tanta luz que inundou a Lagoa. Espero a noite ir alta, quando todos estão dormindo profundamente. Não ouço nenhuma voz, não vejo nenhum anjo no céu. Mesmo assim, espero.

CONY, Carlos Heitor. No meio do silêncio. Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 dez. 1996. p. 2. Fornecido pela Agência Folha e pela Folhapress.

A palavra no texto

dogma – questão apresentada como verdade indiscutível em qualquer doutrina religiosa

Detalhe do afresco
A natividade
(c. 1305), de Giotto.



Giotto di Bondone (detalhe), c. 1305. Afresco. Capela Scrovegni, Pádua

REDAÇÃO e LEITURA

Fonte: Amaral et al (2013, p. 311).

Figura 36 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (4)

Texto 2

Chega-se a Marte, mas não se chega ao semelhante

[...]

Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos **tudo** aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades **agravam-se**, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrênica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

SARAMAGO, José. *Chega-se a Marte, mas não se chega ao semelhante*.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 dez. 1998. p. 15.
(Trecho do discurso de José Saramago ao receber o Prêmio Nobel de Literatura.)

Agora, escolha uma das propostas a seguir e realize-a:

Proposta A

Tema: a “esquizofrênica” estupidez da humanidade. **Ponto de vista:** segundo o autor, nossos governos não têm feito pelos direitos humanos tudo aquilo que moralmente deveriam fazer. **Argumentação:** as misérias humanas, em amplo sentido, agravam-se; estamos mais perto de Marte do que de nossos semelhantes.

Com base no texto 1, produza um parágrafo expositivo sobre como você vivencia o Natal. Em seguida, crie um parágrafo argumentativo, defendendo seu ponto de vista sobre essa data.

Proposta B

Produza um parágrafo dissertativo dando seu ponto de vista sobre o texto 2 e utilize dois exemplos que justifiquem sua opinião.

2. a) O texto ensina o que é pensar, como se leva alguém a pensar, qual é a função dos mestres nesse processo. O parágrafo cujo tópico frasal é “Pensar já é sustentar-se no vazio” constitui o desenvolvimento do tema. Interessa comentar com os alunos os recursos expressivos nele utilizados (comparação, p. ex.: “É como nadar ou equilibrar-se”; argumento condicional, p. ex.: “Para poder pensar, é preciso ter aprendido a sustentar-se no vazio”). Já o parágrafo

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 312).

Na proposta A, da figura 36, pede-se que o aluno produza não um texto dissertativo-argumentativo completo, mas, apenas um parágrafo, expressando sua opinião acerca do referido tema. Já na proposta B, da figura 36, pede-se que o aluno produza um parágrafo, expondo seu ponto de vista sobre o assunto e, ainda, que dê dois exemplos para justificar sua opinião.

Notamos que, apesar de o capítulo ser introdutório quanto à noção de argumentação, quando orienta as propostas de forma fragmentada, vemos a presença, nas propostas, de um direcionamento teórico voltado para a Nova Retórica, uma vez que admite o uso de exemplos, a fim de legitimar sua opinião, já que o exemplo é uma técnica argumentativa que faz parte do grupo dos argumentos que fundamentam a estrutura do real.

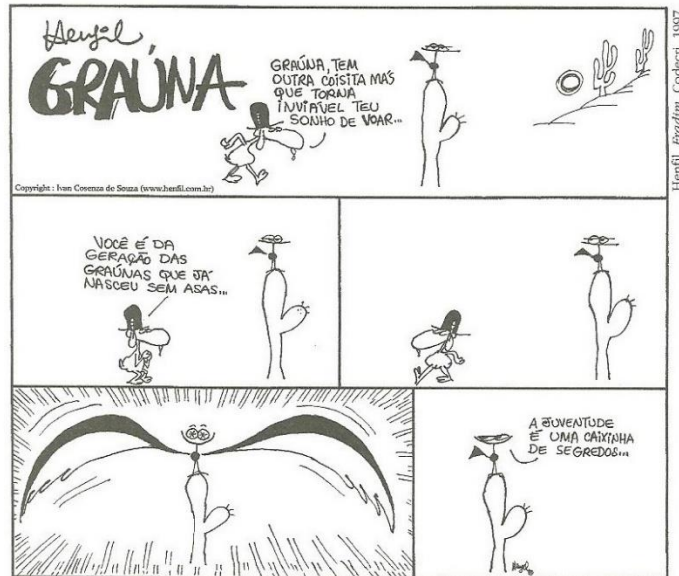
A proposta a seguir, referente às figuras 37 e 38, toma um rumo diferente do que vimos nas propostas anteriores, tanto do volume 3, como do volume 1 e 2. Ao

invés de investir outra vez no texto dissertativo-argumentativo, ou redação escolar, apresenta ao aluno uma proposta direcionada ao Enem.

Figura 37 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (5)

Proposta e debate

Veja proposta de redação do Enem.



O encontro "Vem ser cidadão" reuniu 380 jovens de 13 estados, em Faxinal do Céu (PR). Eles foram trocar experiências sobre o chamado protagonismo juvenil.

O termo pode até parecer feio, mas essas duas palavras significam que o jovem não precisa de adulto para encontrar o seu lugar e a sua forma de intervir na sociedade. Ele pode ser protagonista.

Adaptado de "Para quem se revolta e quer agir". Folha de S.Paulo, São Paulo, 16 nov. 1998.

Depoimentos de jovens participantes do encontro:

Eu não sinto vergonha de ser brasileiro. Eu sinto muito orgulho. Mas sinto vergonha por existirem muitas pessoas acomodadas. A realidade está nua e crua. [...] Tem de parar com o comodismo. Não dá para passar e ver uma criança na rua e achar que não é problema seu.

E. M. O. S., 18 anos, Minas Gerais.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 314).

Figura 38 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (6)

A maior dica é querer fazer. Se você é acomodado, fica esperando cair no colo, não vai acontecer nada. Existe muita coisa para fazer. Mas primeiro você precisa se interessar.

C. S. Jr., 16 anos, Paraná.

Ser cidadão não é só conhecer os seus direitos. É participar, ser dinâmico na sua escola, no seu bairro.

H. A., 19 anos, Amazonas.

(Depoimentos extraídos de “Para quem se revolta e quer agir”.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 16 nov. 1998.)

Com base na leitura dos quadrinhos e depoimentos, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema: **Cidadania e participação social**.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Depois de selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de seu ponto de vista, elabore uma proposta de ação social.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 315).

Na proposta, há a presença de um texto multimodal (quadrinho) e três depoimentos e, por meio desses textos motivadores, o aluno deverá escrever um texto dissertativo-argumentativo e, ao final, incluir uma proposta de ação social.

Ao “selecionar, organizar e relacionar os argumentos”, vemos nessa proposta uma mescla das duas teorias argumentativas, discutidas nesse trabalho: a Sequência Argumentativa (ADAM, 1992, 2008), centrada na construção/organização composicional do texto, e a Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), uma vez que aponta para a defesa de um ponto de vista e pede que o aluno inclua argumentos consistentes, porém, sem se aprofundar em quais estratégias os alunos poderiam utilizar. Contudo, inferimos que o estudante acionaria o seu conhecimento de mundo para fundamentar seu texto.

Figura 39 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (7)

Exercício de leitura e escrita

(Vunesp-SP)

Leia atentamente a proposta de redação a seguir, discuta-a com seus colegas e escreva o que pensa a respeito do tema dado:

Texto 1

Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocado. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos. Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.

Texto 2

Escrevendo o roteiro

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 316).

Figura 40 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (8)

... tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa – escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.

[...]

Proposição

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever.

Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular.

Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabafos? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever.

Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você?

Com base nestes comentários, em sua própria experiência e, se achar necessário, levando em consideração os textos de Clarice Lispector e Syd Field, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Escrever: o trabalho e a inspiração.

Professor, sugerir aos alunos que consultem, no final do volume, o **Para aprender mais** relativo ao assunto deste capítulo.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 317).

A proposta referente às figuras 39 e 40, reprodução (e adaptação) do vestibular da Vunesp, Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista, de São Paulo, mescla leitura, discussão e produção de texto. Apresenta dois textos

motivadores (A descoberta do mundo, de Clarice Lispector, e Manual do roteiro, de Syd Field), cujo tema é **Escrever: o trabalho e a inspiração**. Em seguida, na proposta há alguns questionamentos que os estudantes poderiam ter ao longo de sua vida escolar:

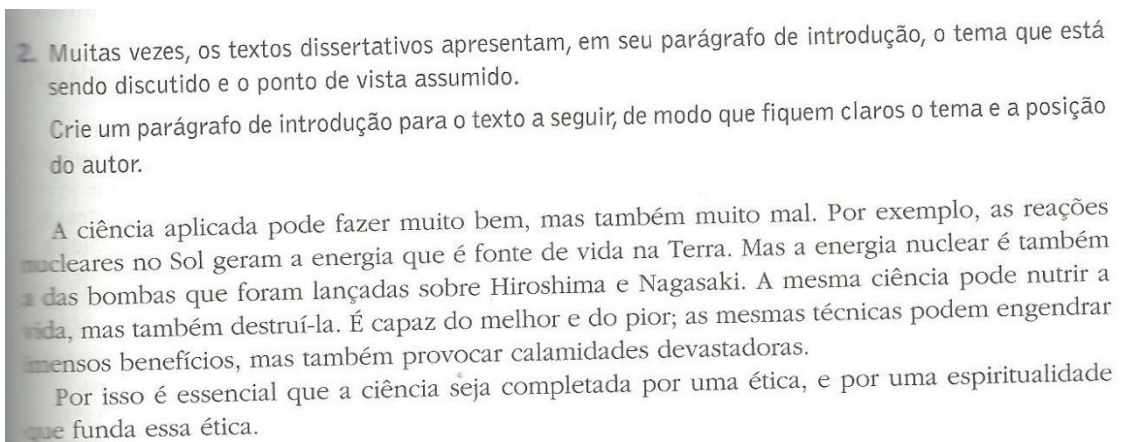
- Afinal, para que escrever?
- Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular?
- Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor?
- Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos

que servem como guia para o aluno se posicionar sobre o tema em questão.

De forma geral, a proposta também não permite visualizar uma maior relação com o tipo de teoria com a qual embasa suas propostas de atividades - a Sequência Argumentativa ou as técnicas/estratégias argumentativas -, porém, por se tratar de uma proposta voltada para o vestibular, acreditamos que os alunos estariam inclinados a buscar, em seu conhecimento de mundo e da vida escolar, o entendimento sobre a estrutura do texto dissertativo e a melhor escolha de argumentos para fundamentar seu ponto de vista.

Observemos as figuras a seguir.

Figura 41 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (9)



Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 325).

Figura 42 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (10)

A ciência pode funcionar sem a espiritualidade. A espiritualidade pode funcionar sem a ciência. Mas o homem, para ser completo, para não esquecer sua humanidade, precisa das duas.

TRINH, Xuan Thuan. O agrimensor do cosmo: entrevistas a Edmond Blatthen. São Paulo: Unesp; Belém: UEPA – Universidade Estadual do Pará, 2002. p. 59-60.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 326).

A proposta referente às figuras 41 e 42 apresenta um texto motivador para a criação de uma introdução. O texto, de Xuan Thuan Trinh, fala sobre o poder da ciência e sobre a espiritualidade e apresenta, no que chamamos de desenvolvimento de texto, dois argumentos que fundamentam a estrutura do real, o argumento pelo exemplo, na seguinte passagem: “A ciência aplicada pode fazer muito bem, mas também muito mal. Por exemplo, as reações nucleares no Sol geram a energia que é fonte de vida na Terra. Mas a energia nuclear é também a das bombas que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki”.

Desse modo, notamos que a proposta estaria inclinada a ter como base teórica a Nova Retórica, justamente por dar ao aluno a possibilidade de colher argumentos e, assim, conhecendo a temática e os argumentos apresentados, ele estaria preparado para fazer o parágrafo introdutório.

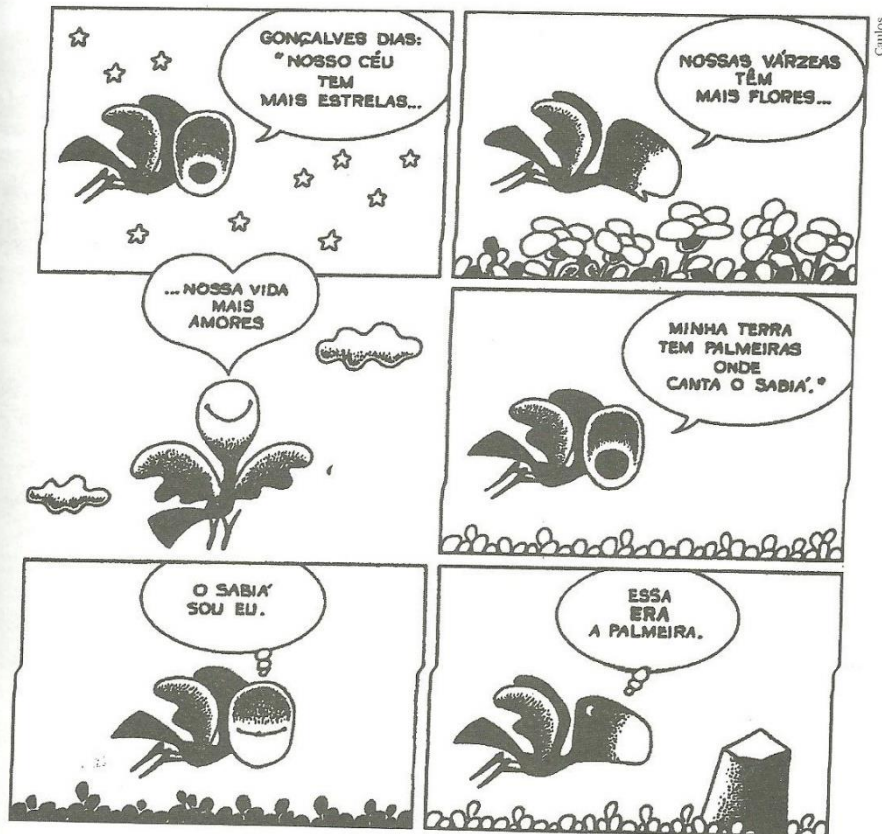
Passemos às figuras seguintes, representativas de mais uma proposta.

Figura 43 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (11)

5. Leia atentamente a coletânea a seguir, de uma proposta de redação do Enem. Retire dos textos os elementos que possam contribuir para a discussão e a elaboração do tema proposto ao final da leitura. Explique, com suas palavras, a relação entre esses elementos e o tema a ser desenvolvido. Depois redija a dissertação.

(Enem-MEC)

Texto 1



Caulos. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1978.

Texto 2

Conter a destruição das florestas se tornou uma prioridade mundial, e não apenas um problema brasileiro. [...] Restam hoje, em todo o planeta, apenas 22% da cobertura florestal original. A Europa Ocidental perdeu 99,7% de suas florestas primárias; a Ásia, 94%; a África, 92%; a Oceania, 78%; a América do Norte, 66%; e a América do Sul, 54%. Cerca de 45% das florestas tropicais, que cobriam originalmente 14 milhões de km quadrados (1,4 bilhão de hectares), desapareceram nas últimas décadas. No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% em 1999. Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos. Chega.

Paulo Adário, coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace.
<<http://greenpeace.terra.com.br>>

Fonte: Amaral et al (2013, p. 327).

Figura 44 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (12)

Texto 3

Embora os países do Hemisfério Norte possuam apenas um quinto da população do planeta, eles detêm quatro quintos dos rendimentos mundiais e consomem 70% da energia, 75% dos metais e 85% da produção de madeira mundial. [...]

Conta-se que Mahatma Gandhi, ao ser perguntado se, depois da independência, a Índia perseguiria o estilo de vida britânico, teria respondido: “[...] a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade; quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?”

A sabedoria de Gandhi indicava que os modelos de desenvolvimento precisam mudar.

O planeta é um problema pessoal. Desenvolvimento sustentável. <www.wwf.org.br>


Texto 4

De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Trecho de uma das várias versões de carta atribuída ao chefe Seattle, da tribo Suquamish. A carta teria sido endereçada ao presidente norte-americano Franklin Pierce, em 1854, a propósito de uma oferta de compra do território da tribo feita pelo governo dos Estados Unidos.

PINSKY, Jaime e outros (Org.). *História da América através de textos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.



Chefe Seattle, c. 1864.

Texto 5

Estou indignado com a frase do presidente dos Estados Unidos, George Bush.

Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana.

R. K., Ourinhos, SP. (Carta enviada à seção Correio da revista *Galileu*. Ano 10, jun. 2001.)

Com base na leitura dos quadrinhos e dos textos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 328).

A proposta referente às figuras 43 e 44 traz ao aluno a reprodução de uma proposta do Enem, com 5 textos motivadores a partir do seguinte tema: **Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em**

conflito? Assim, a proposta elenca alguns textos de organizações não governamentais – Greenpeace e WWF – que se investem de autoridade sobre a temática da preservação ambiental, o que já inclinaria o aluno a tomar como pressuposto a ideia de que a proposta tem indícios de argumentos baseados na estrutura do real, uma vez que utiliza o argumento de autoridade, defendido pela Nova Retórica.

Por se tratar de uma proposta direcionada ao aluno concluinte do ensino médio e pela presença dessa proposta no último volume da presente coleção, defendemos que a proposta insere-se, também, no domínio teórico da Sequência Argumentativa, uma vez que os alunos usariam seus conhecimentos sobre essa sequência, lembrando que ela está inserida em dois movimentos: “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa” (ADAM, 2008, p. 232)⁸. Ao usar a Nova Retórica, utilizariam o seu conhecimento de mundo adquirido na vida escolar e, também, nos outros dois volumes do LD em questão.

Analisemos outra proposta cujo tema se manifesta nas figuras a seguir.

⁸ Ver figura 4, do capítulo 3 – A sequência argumentativa.

Figura 45 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (13)

2. Escolha uma das propostas abaixo e crie sua dissertação. Não se esqueça do título.

Proposta 1

A. Pense duas vezes antes de agir.
B. Aja duas vezes antes de pensar.

Proposta 2

A. Na hora de escolher uma profissão, é preciso seguir a vocação, para que se tenha felicidade profissional.
B. Na hora de escolher uma profissão, é preciso seguir o mercado, para que se tenha sucesso profissional.

3. Nos vestibulares, é muito frequente a proposta de redação ser baseada em uma série de textos, chamada coletânea. Nesse caso, é necessário ler os textos, identificar o que distingue cada um, compreender os diferentes pontos de vista e escolher os elementos relevantes para a construção da redação. Os textos podem ser usados de modo direto ou indireto. O modo direto consiste em usar pequenos trechos dos textos, com os quais concordamos ou não, como citações comentadas na dissertação. Já o modo indireto consiste em usar apenas as ideias contidas nos textos, mas sem reproduzi-los no corpo da redação.

Nas propostas de redação com base em textos sobre determinado tema, é fundamental que na leitura sejam identificadas as diferentes posições assumidas. Sem a compreensão lúcida das ideias expostas, não é possível fazer uso delas.

Leia a proposta de dissertação da Fuvest e faça o que se pede, utilizando os textos de modo direto ou indireto.

(Fuvest-SP) Redija uma dissertação em prosa, relacionando os três textos a seguir.

Texto 1

Na prova de Redação dos vestibulares, talvez a verdadeira questão seja sempre a mesma: “Conseguirei?”. Cada candidato aplica-se às reflexões e às frases na difícil tarefa de falar de um tema A proposto, com a preocupação em B – “Conseguirei?” –, para convencer um leitor X.

Texto 2

Ao escrever “Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos / mal rompe a manhã”, Carlos Drummond de Andrade já era um poeta maior da nossa língua.

Texto 3

É difícil defender, / só com palavras, a vida.

João Cabral de Melo Neto

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 336).

As questões 2 e 3, das propostas da figura 45, serão analisadas separadamente com objetivo de tornar a descrição mais clara e objetiva.

Na questão 2, há duas propostas com dois posicionamentos diferentes em cada uma:

Proposta 1: A) Pense duas vezes antes de agir. B) Aja duas vezes antes de pensar.

Proposta 2: A) Na hora de escolher uma profissão, é preciso seguir a vocação, para que se tenha felicidade profissional. B) Na hora de escolher uma profissão, é preciso seguir o mercado, para que se tenha sucesso profissional.

Como se nota, as propostas apresentam duas possibilidades de posicionamento, em que uma posição anula o outro posicionamento e a outra serve de contra-argumentação. Reforçamos esse pensamento com a presença do quadro “Fique atento”, que apresenta as possibilidades de tomar uma posição - “Podemos concordar com A (e discordar de B) ou concordar com B (e discordar de A)”. Isso nos leva a considerar que há uma tendência, na proposta, de seguir a teoria relacionada à Sequência Argumentativa de Adam, uma vez que inferimos a possibilidade do uso da contra-argumentação e, nas palavras do próprio autor, a argumentação “situa-se sempre em relação a um contradiscurso efetivo ou virtual” (2008, p. 233) e, por isso, inseparável da polêmica.

Na questão 3, há a reprodução de uma proposta da Fuvest, de São Paulo, na qual são apresentados três pequenos textos motivadores. É interessante notar que a proposta, como nas anteriores, não indica que tipo de teoria estaria subjacente a ela, mas se nos concentrarmos nas recomendações acima da reprodução da proposta da Fuvest, veremos indícios de um posicionamento teórico argumentativo.

As orientações são as seguintes:

- Ler os textos
- Identificar o que distingue cada um
- Compreender os diferentes pontos de vista
- Escolher os elementos relevantes para a construção da redação

Quando partimos da ideia de “compreender os diferentes pontos de vista”, voltamo-nos para a questão de usar os mais variados pontos de vista acerca do assunto, levando em consideração a contra-argumentação. Assim, lembramos de Adam, quando este diz que “o esquema de base da argumentação é pôr em relação os *dados* com uma *conclusão*. Esse colocar em relação pode ser implícita ou explicitamente fundamentado (*garantia* e *suporte*) ou contrariado (*refutação* ou

exceção)” (ADAM, 1992, p.3), direcionando a proposta para a teoria da Sequência Argumentativa. Esse direcionamento não só orienta o aluno como organiza e dá sentido ao seu discurso.

Passemos às próximas figuras, que representam mais uma proposta do volume 3 da coleção em análise.

Figura 46 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (14)

4. (Enem-MEC) Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema: **O trabalho na Construção da Dignidade Humana**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O que é trabalho escravo

Escravidão contemporânea é o trabalho degradante que envolve cerceamento da liberdade

A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, representou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra, acabando com a possibilidade de possuir legalmente um escravo no Brasil. No entanto, persistiram situações que mantêm o trabalhador sem possibilidade de se desligar de seus patrões. Há fazendeiros que, para realizar derrubadas de matas nativas para formação de pastos, produzir carvão para a indústria siderúrgica, preparar o solo para plantio de sementes, entre outras atividades agropecuárias, contratam mão de obra utilizando os contratadores de empreitada, os chamados “gatos”. Eles aliciam os trabalhadores, servindo de fachada para que os fazendeiros não sejam responsabilizados pelo crime.

Trabalho escravo se configura pelo trabalho degradante aliado ao cerceamento da liberdade. Este segundo fator nem sempre é visível, uma vez que não mais se utilizam correntes para prender o homem à terra, mas sim ameaças físicas, terror psicológico ou mesmo as grandes distâncias que separam a propriedade da cidade mais próxima.

Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.org.br>>. Acesso em: 2 set. 2010 (fragmento).

O futuro do trabalho

Esqueça os escritórios, os salários fixos e a aposentadoria. Em 2020, você trabalhará em casa, seu chefe terá menos de 30 anos e será uma mulher

Felizmente, nunca houve tantas ferramentas disponíveis para mudar o modo como trabalhamos e, conseqüentemente, como vivemos. E as transformações estão acontecendo. A crise despedaçou companhias gigantes tidas até então como modelos de administração. Em vez de grandes conglomerados, o futuro será povoado de empresas menores reunidas em torno de projetos em comum. Os próximos anos também vão consolidar mudanças que vêm acontecendo há algum tempo: a busca pela qualidade de vida, a preocupação com o meio ambiente, e a vontade de nos realizarmos como pessoas também em nossos trabalhos. “Falamos tanto em desperdício de recursos naturais e energia, mas e quanto ao desperdício de talentos?”, diz o filósofo e ensaísta suíço Alain de Botton em seu novo livro *The Pleasures and Sorrows of Works* (Os prazeres e as dores do trabalho, ainda inédito no Brasil).

Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em: 2 set. 2010 (fragmento).

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 337).

Figura 47 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (15)

$T=(ma+Qv+I)\times g$

Editoria de Arte

Instruções:

- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto deve ter, no máximo, 30 linhas.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 338).

A proposta referente às figuras 46 e 47 é uma reprodução de uma proposta do Enem, na qual são apresentados três textos motivadores e o aluno versará sobre o seguinte tema: **O trabalho na Construção da Dignidade Humana**.

Como as outras propostas que são uma reprodução do Enem, a proposta não apresenta fortes indícios de presença de teoria argumentativa como base de sustentação, porém, por se tratar de uma proposta direcionada ao aluno concluinte, e também pela presença dessa proposta no último volume da presente coleção, inferimos que a proposta insere-se no domínio teórico da Sequência Argumentativa, uma vez que os alunos usariam seus conhecimentos sobre essa sequência, lembrando, assim como na proposta anterior do Enem, que ela está inserida em dois movimentos: “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa” (ADAM, 2008, p. 232). Além disso, encontra apoio, também, no domínio teórico da Nova Retórica, quando permite que o aluno utilize o seu conhecimento de mundo adquirido, conhecimento adquirido na vida escolar e, também, nos outros dois volumes do LD em questão.

Vejamos mais uma proposta.

Figura 48 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (16)

3. Escreva um parágrafo de introdução e um de conclusão para os textos a seguir. Cada um deve ter entre 3 e 6 linhas. Resposta pessoal.
Ver, em **Conversa com o professor**, as **Orientações específicas** desta seção.

Texto 1

O psicólogo Rosenthal, da Universidade de Harvard, realizou uma experiência com 650 alunos do primário da Oak School. Ele induziu uma predição no espírito das professoras (que ignoravam, portanto, o fato). Ele explica que vai “submeter os alunos a um teste de inteligência, dizendo às

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 359).

Figura 49 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (17)

professoras que esse teste permitiria não apenas determinar os quocientes de inteligência dos alunos, mas também identificar, entre eles, os 20% que fariam progressos intelectuais rápidos e acima da média ao longo do ano escolar”. Ora, na verdade, Rosenthal escolhe nomes ao acaso na lista dos alunos. “Uma vez efetuado o teste, mas antes que as professoras encontrem seus alunos pela primeira vez, são dados a elas os nomes [...] daqueles dos quais se pode [supostamente], com base no seu êxito no teste, esperar com certeza resultados excepcionalmente bons. A diferença entre essas crianças e as outras só existe, portanto, em realidade, no espírito das professoras. Submetem-se novamente todos os alunos ao mesmo teste de inteligência no final do ano escolar e constatam-se então progressos realmente excepcionais, com resultados que efetivamente ultrapassam a média.”

IDE, Pascal. *A arte de pensar*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Texto 2**Um processo direcional na vida**

Quer falemos de uma flor ou de um carvalho, de uma minhoca ou de um belo pássaro, de uma maçã ou de uma pessoa, creio que estaremos certos ao reconhecermos que a vida é um processo ativo, e não passivo. Pouco importa que o estímulo venha de dentro ou de fora, pouco importa que o ambiente seja favorável ou desfavorável. Em qualquer uma dessas condições, os comportamentos de um organismo estarão voltados para a sua manutenção, seu crescimento e sua reprodução. Essa é a própria natureza do processo a que chamamos vida. Esta tendência está em ação em todas as ocasiões. Na verdade, somente a presença ou ausência desse processo direcional total permite-nos dizer se um dado organismo está vivo ou morto.

A tendência realizadora pode, evidentemente, ser frustrada ou desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo. Lembro-me de um episódio da minha memória que ilustra essa tendência. A caixa em que armazenávamos nosso suprimento de batatas para o inverno era guardada no porão, vários pés abaixo de uma pequena janela. As condições eram desfavoráveis, mas as batatas começavam a germinar – eram brotos pálidos e brancos, tão diferentes dos rebentos verdes e saudáveis que as batatas produziam quando plantadas na terra, durante a primavera. Mas esses brotos tristes e esguios cresceram dois ou três pés em busca da luz distante na janela. Em seu crescimento bizarro e vão, esses brotos eram uma expressão desesperada da tendência direcional de que estou falando. Nunca seriam plantas, nunca amadureceriam, nunca realizariam seu verdadeiro potencial. Mas, sob as mais adversas circunstâncias, estavam tentando ser uma planta.

A vida não entregaria os pontos, mesmo que não pudesse florescer. Ao lidar com clientes cujas vidas foram terrivelmente desvirtuadas, ao trabalhar com homens e mulheres nas salas de fundo dos hospitais do Estado, sempre penso nesses brotos de batatas. As condições em que se desenvolveram essas pessoas têm sido tão desfavoráveis que suas vidas quase sempre parecem anormais, distorcidas, pouco humanas. E, no entanto, pode-se confiar que a tendência realizadora está presente nessas pessoas. A chave para entender seu comportamento é a luta em que se empenham para crescer e ser, utilizando-se dos recursos que acreditam ser os disponíveis. Para as pessoas saudáveis, os resultados podem parecer



Broto de samambaia.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 360).

Figura 50 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (18)

bizarros e inúteis, mas são uma tentativa desesperada da vida para existir. Esta tendência construtiva e poderosa é o alicerce da abordagem centrada na pessoa.

Em resumo, os organismos estão sempre em busca de algo, sempre iniciando algo, sempre "prontos para alguma coisa". Há uma fonte central de energia no organismo humano. Essa fonte é uma função do sistema como um todo, e não de uma parte dele. A maneira mais simples de conceituá-la é como uma tendência à plenitude, à autorrealização, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do organismo.

ROGERS, Carl. Um jeito de ser. São Paulo: EPU, 1983. p. 40.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 361).

A proposta referente às figuras 48, 49 e 50 é diferente das propostas anteriores, pois solicita ao aluno que ele complete os textos apresentados, dando uma introdução e uma conclusão a eles.

Ao nosso ver, está subjacente a esta proposta a Sequência Argumentativa, pelo fato de, ao dispor dos argumentos para os alunos, eles podem iniciar ou concluir os textos, o que está em consonância com o que Adam fala sobre relacionar os dados com uma conclusão, de acordo com a figura 4, presente no capítulo 3 desta dissertação.

Acreditamos, porém, que deve ser difícil para o estudante fazer uma introdução e conclusão de dois textos, principalmente a conclusão, já que nos parece haver uma conclusão (ou indícios dela) ao final dos textos. Tal procedimento pode se configurar como fator complicador.

Figura 51 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (19)

7. Leia agora uma proposta de redação da Fuvest, bem como sua análise.

Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 363).

Figura 52 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (20)

Texto 2

O termo “idiota” aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como “política é coisa de idiota”. O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiôtes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: “Não me meto em política”.

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro. Política – para não ser idiota. Adaptado.

Texto 3**Filhos da época**

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro, político.
(...)

Wislawa Szymborska. Poemas

Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas – primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. Em busca da política. Adaptado.

Texto 5

Folha de S.Paulo, 05/10/2011.

Fonte: Amaral et al (2013, p. 364).

Figura 53 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (21)

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema “participação política: indispensável ou superada?”

Análise da proposta

- **Texto 1:** Ponto de vista de Aristóteles, em defesa da ciência política: conhecimento imprescindível, que deve determinar todos os outros, visando “o bem do homem”.
- **Texto 2:** Comparação entre significados opostos do termo “idiota”. O significado corrente (aquele que “se mete em política”, saindo do individualismo) *versus* o significado original (grego): aquele que vive apenas no contexto privado.
- **Texto 3:** Conclamação poética a ações cotidianas, de cunho político.
- **Texto 4:** Reconhecimento da atual perda de interesse pela política, graças à diminuição da relevância do papel das instituições políticas, e suas consequências alienantes: a transferência dessas funções para “forças essencialmente não políticas – as do mercado financeiro e do consumo”.
- **Texto 5:** Ironização, por meio de tirinha, da suposta postura apolítica, nomeando-a simplesmente “ignorante”.

Enquanto os textos 1 e 3 defendem a ideia de que a ação política é indispensável, o texto 4 reconhece a alienação da sociedade contemporânea em relação a ela. Os textos 2 e 5, por sua vez, fornecem elementos para que se compreenda e se questione tal alienação (texto 2: resgate do significado original do termo “idiota”; texto 5: ironização que faz o termo “apolítico” deslizar para “ignorante”).

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 365).

A proposta referente às figuras 51 e 52, sendo a figura 53 a proposta propriamente dita, é uma reprodução do vestibular da Fuvest, de São Paulo, em que são apresentados cinco textos sobre o tema: **Participação política: indispensável ou superada?**

O interessante da proposta é que, além de indicar duas possibilidades de posicionamento, como na passagem “Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual” (certamente foi reproduzida do vestibular), ela também ainda faz uma análise da proposta, o que, certamente, foi um adicional à questão (partiu dos autores da coleção *Novas Palavras*), deixando ainda mais claro os posicionamentos acerca do tema nos textos e fazendo possíveis links entre eles, como na passagem a seguir: “Enquanto os textos 1 e 3 defendem a ideia de que a ação política é indispensável, o texto 4 reconhece a alienação da sociedade contemporânea em relação a ela. Os textos 2 e 5, por sua vez, fornecem elementos para que se compreenda e se questione

tal alienação (texto 2: resgate do significado original do termo “idiota”; texto 5: ironização que faz o termo ‘apolítico’ deslizar para ‘ignorante’).

Ao nosso ver, a questão de “confrontar” um texto com o outro, ou torná-los complementares, é mais uma proposta em que estaria subjacente a Sequência Argumentativa. Desse modo, o aluno exercitaria o uso da contra-argumentação, uma das características fundamentais da argumentação, na visão de Adam (2008).

Figura 54 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (22)

8. (Enem-MEC)

Texto 1

Para que existam hoje os direitos políticos, o direito de votar e ser votado, de escolher seus governantes e representantes, a sociedade lutou muito.

<<http://www.iarabernardi.gov.br>>. 01/03/02.


Texto 2

A política foi inventada pelos humanos como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total, em uso da força e extermínio recíproco. [...]

A política foi inventada como o modo pelo qual a sociedade, internamente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou reiterar ações que dizem respeito a todos os seus membros.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

Comício das Diretas Já, na Praça da Sé, São Paulo, 1984.



Texto 3

A democracia é subversiva. É subversiva no sentido mais radical da palavra.

Em relação à perspectiva política, a razão da preferência pela democracia reside no fato de ser ela o principal remédio contra o abuso do poder. Uma das formas (não a única) é o controle pelo voto popular que o método democrático permite pôr em prática. *Vox populi, vox Dei*.

Norberto Bobbio. *Qual socialismo? Discussão de uma alternativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Texto adaptado.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 366).

Figura 55 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (23)

Texto 4

Se você tem mais de 18 anos, vai ter de votar nas próximas eleições. Se você tem 16 ou 17 anos, pode votar ou não.

O mundo exige dos jovens que se arrisquem. Que alucinem. Que se metam onde não são chamados. Que sejam encrenqueiros e barulhentos. Que, enfim, exijam o impossível.

Resta construir o mundo do amanhã. Parte desse trabalho é votar. Não só cumprir uma obrigação. Tem de votar com hormônios, com ambição, com sangue fervendo nas veias.

Para impor aos vitoriosos suas exigências, antes e principalmente depois das eleições.

André Forastieri. Muito além do voto. Época. São Paulo: Globo, 6 maio 2002. Texto adaptado.

Considerando a foto e os textos apresentados, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema **O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?**

Ao desenvolver o tema, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões, e elabore propostas para defender seu ponto de vista.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 367).

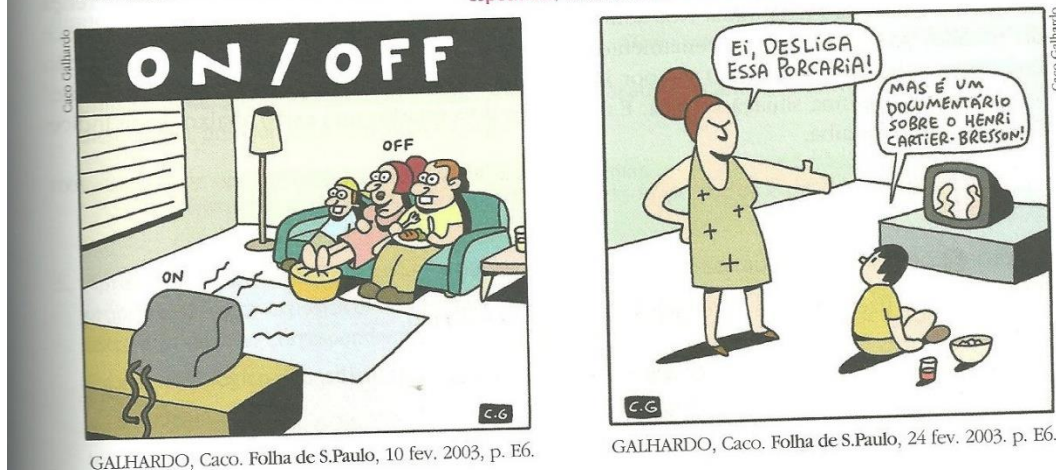
Já a proposta referente às figuras 54 e 55 é mais uma reprodução da redação do Enem, que versa sobre o seguinte tema: **O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?**

Como as outras propostas que são uma reprodução da redação do Enem, a proposta em questão não apresenta indícios de teoria argumentativa que a ampare, porém, como vimos defendendo, por se tratar de uma situação/atividade direcionada ao aluno concluinte, e também pela presença dela no último volume da presente coleção, acreditamos que esta se insere no domínio teórico da Sequência Argumentativa, uma vez que os alunos usariam seus conhecimentos sobre essa sequência, lembrando, assim como no exemplo anterior do Enem, que ela está inserida em dois movimentos: “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa” (ADAM, 2008, p. 232). Encontra, também, abrigo no domínio teórico da Nova Retórica, pois o aluno utiliza o seu conhecimento de mundo, bem como o conhecimento adquirido na vida escolar e, também, nos outros dois volumes do LD em questão para solucionar a questão.

Continuemos com a descrição das propostas da coleção em análise.

Figura 56 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (24)

2. A partir das duas charges que seguem, podemos refletir sobre o tema da ambivalência da televisão: por um lado, ela aliena as pessoas; por outro, desenvolve conhecimento e reflexão. Elabore duas introduções diferentes, cada uma com dois diferentes processos lógico-expositivos, sobre esse tema. Elas devem ter entre três e sete linhas. Resposta pessoal. Ver em **Conversa com o professor** nas **Orientações específicas**, os comentários desta atividade.



Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 373).

A proposta referente à figura 56 versa sobre o tema da ambivalência da televisão e apresenta duas charges com pontos de vista distintos: uma charge faz referência à alienação das pessoas e a outra, ao desenvolvimento de conhecimento e reflexão.

Na proposta, pede-se, então, que o aluno faça não um texto completo, mas apenas um parágrafo introdutório, como já aconteceu em proposta anterior, sobre esses dois posicionamentos e que utilize dois processos lógico-expositivos diferentes. Desse modo, o aluno teria que estar atento ao capítulo 6^o, que apresenta as várias possibilidades de argumentos, ou, como cita o LD, as várias estratégias expositivas: por definição, comparação, citação, histórico, exemplo, estatística, resumo e pergunta, em que podemos ver o uso de argumentos quase-lógicos, como a comparação e a definição; um argumento baseado na estrutura do real, a citação, e um argumento que fundamenta a estrutura do real, a definição, aproximando esta proposta da teoria argumentativa referente à Nova Retórica.

⁹ Ver anexos.

Figura 57 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (25)

3. (UFAM)

Tema – A água

Os meios de comunicação, de um modo geral, vêm abordando, com frequência, a problemática da provável falta d'água no planeta, o que traria consequências desastrosas para a humanidade.

A partir da leitura dos excertos a seguir, redija um texto dissertativo-argumentativo enfocando o assunto.

Resposta pessoal. Ver em **Conversa com o professor** nas **Orientações específicas**, os comentários desta atividade.

Efeito estufa e falta de água

A falta de água e o aquecimento do planeta serão as questões mais preocupantes do século 21, segundo pesquisa organizada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e realizada por 200 cientistas em 50 países. O informe, chamado GEO-2000, dedica um capítulo inteiro à América Latina e ao Caribe, onde são apontados como maiores problemas a superpopulação e a destruição de florestas.

[...]

O pesquisador adverte que, apesar de 77% das águas de superfície da América estarem no Brasil, o país é um dos que mais sofrem com o desequilíbrio entre a oferta e a demanda, o desperdício, a poluição ambiental e a violação da área de preservação dos cursos d'água. “Nem as águas subterrâneas estão protegidas. A falta de controle técnico nas perfurações e a construção sem a proteção sanitária adequada estão permitindo a contaminação dos lençóis freáticos e a limitação da vida útil da produção”, explica. O pesquisador reivindica a necessidade de um pacto suprapartidário entre o cidadão e o poder público para que o país com maior oferta de água doce do planeta não sofra, no futuro, com a falta do recurso natural.

CIÊNCIA e tecnologia: água potável: petróleo do século XXI. *Revista Amazônia*, ano 21, n. 3. p. 40-41.

Pelo uso sustentável da água

Planeta – E qual é a situação do Brasil em relação a essa questão? Nós estamos preparados para enfrentar a escassez de água potável?

Thame – Em primeiro lugar, temos que vencer dois mitos. Um é o de que o mundo é feito de água. Na verdade, ele é feito de água salgada, e como o processo de dessalinização ainda é muito caro, na prática ela fica inacessível para o uso humano. O segundo refere-se à crença de que no Brasil não falta água. Nós somos realmente uma das maiores reservas de água doce do mundo, só que é algo extremamente mal distribuído. Os organismos internacionais dão como um índice razoável 2 500 m³ por habitante ao ano; abaixo de 1 500 m³ por habitante/ano, considera-se uma situação crítica. E nós temos dois estados que estão abaixo desse índice: Pernambuco e Paraíba.

Antônio C. Thame. *Revista Planeta*, edição 332, ano 28, n. 5, maio 2000.

4. (UnB-DF)

Texto 1

Aquele que fizer um bem, quer seja do peso de um átomo,
vê-lo-á;
e aquele que fizer um mal, quer seja do peso de um átomo,
vê-lo-á.

Alcorão, 99ª Surata, versículos 7 e 8.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 374).

A proposta referente à figura 57 é outra reprodução de vestibular, dessa vez do vestibular da UFAM, que consiste em apresentar dois textos motivadores (“Efeito estufa e falta de água” e “Pelo uso sustentável da água”) sobre o tema “Água”.

Como a maioria das propostas de vestibulares, estamos inclinados a considerar que esse tipo de proposta mescla as duas teorias argumentativas, a Sequência Argumentativa e a Nova Retórica.

Figura 58 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (26)

Texto 2

O bom samaritano

Um certo doutor da lei, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus:

– E quem é o meu próximo?

E, respondendo, Jesus disse:

– Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; e, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; e, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: “Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu te pagarei, quando voltar”. Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

E ele disse:

– O que usou de misericórdia para com ele.

Disse, pois, Jesus:

– Vai e faz da mesma maneira.

Lucas, X, 29-37. O Novo Testamento (com adaptações).

Texto 3

I have a dream today. I have a dream that one day every valley shall be exalted, every hill and mountain shall be made low, the rough places will be made plain, and the crooked places will be made straight, and the glory of the Lord shall be revealed, and all flesh shall see it together.

¡Hoy, yo tengo un sueño! El sueño que algún día los valles no sean profundos y que cada colina y montaña se allanen; que los lugares más ásperos se aplanen y los caminos tortuosos se hagan rectos; que la gloria de Dios se revele y que toda la gente la contemple en comunión.

Je fais un rêve aujourd’hui. Je rêve qu’un jour chaque vallée sera élevée, chaque colline et chaque montagne seront nivelées, les endroits rugueux seront lissés et les endroits tortueux seront alignés, et la gloire du Seigneur sera révélée, et tous les hommes la verront ensemble.

Martin Luther King. Washington, EUA, 28/08/1963.

Considerando que as ideias apresentadas acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema:

Tornar o mundo melhor é responsabilidade de todos e de cada um.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 375).

A proposta referente às figuras 57 (questão 4) e 58 também é mais uma reprodução de proposta de vestibular, da Unb, de Brasília, com o tema: **Tornar o mundo melhor é responsabilidade de todos e de cada um.**

Assim como a proposta anterior, essa também não nos diz claramente que tipo de teoria argumentativa estaria subjacente a ela, se a Sequência Argumentativa ou a Nova Retórica, então, defendemos o mesmo argumento: por se tratar de uma proposta direcionada ao aluno concluinte, e também pela presença dessa proposta no último volume da presente coleção, acreditamos que a proposta insere-se no domínio teórico da Sequência Argumentativa, uma vez que os alunos usariam seus conhecimentos sobre essa sequência. Além disso, também encontra apoio no domínio teórico da Nova Retórica, ao utilizar o seu conhecimento de mundo, conhecimento adquirido na vida escolar e, também, nos outros dois volumes do LD em questão.

Figura 59 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (27)

2. Escolha um dos temas a seguir para fazer um texto dissertativo que tenha entre 20 e 30 linhas. Não se esqueça de dar um título interessante ao seu texto e de que a forma mais simples de estruturá-lo é em, no mínimo, três parágrafos: o primeiro correspondente à introdução (apresentação do ponto de vista do autor), o segundo ao desenvolvimento (argumentos que comprovem o ponto de vista) e o terceiro à conclusão (reafirmação do ponto de vista, devidamente comprovado por meio de argumentos).
- (Mack-SP) Inconvenientes e vantagens dos mecanismos de censura.
 - (Vunesp-SP) Grafites: entre o vandalismo e a arte.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 382).

Figura 60 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (28)

- (Unifesp-SP) A telenovela brasileira: conscientização ou alienação?
 - (Vunesp-SP) A busca da beleza do corpo nos dias atuais.
 - (Mack-SP) Reprimir circulação de piadas que ridicularizam etnias minoritárias?
 - (PUC-RS) Considerando que a educação formal, praticada nas escolas, se transforma a partir de erros e acertos, proponha-se a seguinte questão: Quais são os erros e os acertos da Escola e da Educação de hoje, no Brasil?
- A partir da própria experiência, ou da realidade vivida por outras pessoas, reflita sobre a Escola que considera ideal, apontando suas características positivas e os erros que devem ser evitados. A seguir, redija um texto opinativo, de caráter dissertativo, fundamentando seus pontos de vista com dados da realidade e argumentos consistentes.

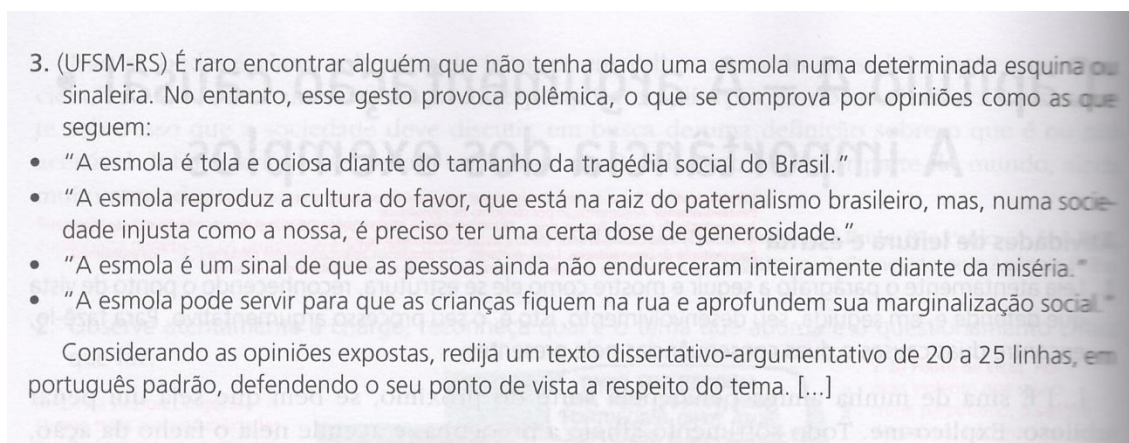
Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 383).

A proposta referente às figuras 59 e 60 apresenta seis temas, de diferentes vestibulares, para se fazer um texto dissertativo e nos traz a recomendação de estruturar o texto em, no mínimo, três parágrafos, com as seguintes divisões e explicações:

- Introdução: apresentação do ponto de vista do autor.
- Desenvolvimento: argumentos que comprovem o ponto de vista.
- Conclusão: reafirmação do ponto de vista, devidamente comprovado por meio de argumentos.

Nota-se, então, a clara referência ao modelo de Adam, no que tange à Sequência Argumentativa, se lembrarmos do esquema base da sequência¹⁰, que leva os dados a uma conclusão, e fizemos um *link* com as subdivisões dos parágrafos.

Figura 61 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (29)



Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 386).

A proposta referente à figura 61 também é uma reprodução de um vestibular, da UFSM, do Rio Grande do Sul, que tem como tema a questão da esmola. Assim, a proposta trabalha com várias possibilidades de posicionamento e, no caso, diz que o tema gera polêmica e elenca as várias possibilidades de opinião:

- A esmola é tola e ociosa diante do tamanho da tragédia social do Brasil
- A esmola reproduz a cultura do favor, que está na raiz do paternalismo brasileiro, mas, numa sociedade injusta como a nossa, é preciso ter uma certa dose de generosidade

¹⁰ Ver figura 4, do capítulo 3 – A sequência argumentativa.

- A esmola é um sinal de que as pessoas ainda não amadureceram inteiramente diante da miséria
- A esmola pode servir para que as crianças fiquem na rua e aprofundem sua marginalização social

Tomando como base o quadro “Fique atento”, da figura 45, que apresenta as possibilidades de tomar uma posição - “Podemos concordar com A (e discordar de B) ou concordar com B (e discordar de A)”, acreditamos que as possibilidades de opinião sobre a esmola (esmola: tola/ociosa/marginalização social *versus* esmola: generosidade/sociedade injusta), em que uma opinião “favorável” nos levaria a usar os argumentos “desfavoráveis” sobre a temática, leva-nos a acreditar que há uma tendência, na proposta, de seguir a teoria relacionada à Sequência Argumentativa de Adam, uma vez que inferimos a possibilidade do uso da contra-argumentação e, nas palavras do próprio autor, a argumentação “situa-se sempre em relação a um contradiscurso efetivo ou virtual” (2008, p. 233).

Figura 62 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (30)

2. (Unesp-SP) Instrução: Leia os seguintes trechos.

Não se pode ser sem rebeldia

Eu acho que os adultos, pais e professores, deveriam compreender melhor que a rebeldia, afinal, faz parte do processo de autonomia, quer dizer, não é possível ser sem rebeldia. O grande problema está em como amorosamente dar sentido produtivo, dar sentido criador ao ato rebelde e

Fonte: Amaral *et al* (2013, p.386).

Figura 63 - Coleção Novas Palavras, volume 3 (31)

de não acabar com a rebeldia. Tem professores que acham que a única saída para a rebelião, para a rebeldia é a castração. Eu confesso que tenho grandes dúvidas em torno da eficácia do castigo.

Eu acho que a liberdade não se autentica sem o limite da autoridade, mas o limite que a autoridade se deve propor a si mesma, para propor ao jovem a liberdade, é um limite que necessariamente não se explicita através de castigos. Eu acho que a liberdade precisa de limites, a autoridade inclusive tem a tarefa de propor os limites, mas o que é preciso, ao propor os limites, é propor à liberdade que ela interiorize a necessidade ética do limite, jamais através do medo.

A liberdade que não faz uma coisa porque teme o castigo não está “eticizando-se”.

É preciso que eu aceite a necessidade ética, aí o limite é compromisso e não mais imposição, é assunção. O castigo não faz isso. O castigo pode criar docilidade, silêncio. Mas os silenciados não mudaram o mundo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*.
Ana M. A. Freire (Org.). Unesp.

Autoridade em ética

Pode-se dizer, em tese, que a essência da ética provém da pressão da comunidade sobre o indivíduo. O homem pouco tem de gregário, e nem sempre sente, instintivamente, os desejos comuns a sua grei. Esta, ansiosa para que o indivíduo aja no seu interesse, tem inventado vários artifícios com o fim de harmonizar os interesses individuais como os seus próprios. Um destes é o governo, outro é a lei e o costume, e o outro é a moral. A moral torna-se uma força eficiente de duas maneiras: primeiro, através do louvor e da censura dos que o cercam e das autoridades; e segundo, através do autolouvor e da autocensura, os quais são chamados de “consciência”. Por meio destas várias forças – governo, lei, moral – o interesse da comunidade se faz sentir sobre o indivíduo [...]

Chego agora a meu último problema, que se relaciona com os direitos do indivíduo, em contraposição aos da sociedade. A ética, nós o dissemos, é parte de uma tentativa para tornar o homem mais gregário do que a natureza o fez. As pressões que a moral exerce sobre o indivíduo são, pode-se dizer, devidas ao gregarismo apenas parcial da espécie humana. Mas isto é uma meia verdade. Muitas de suas melhores coisas vêm do fato de não ser ela completamente gregária. O homem tem seu valor intrínseco, e os melhores indivíduos fazem contribuições para o bem geral que não são solicitadas e que, muitas vezes, chegam a sofrer reação por parte do resto da comunidade. É, pois, uma parte essencial da busca do bem geral o permitir aos indivíduos liberdades que não sejam, evidentemente, malélicas aos outros. É isto que dá origem ao permanente conflito entre a liberdade e a autoridade, e estabelece limites ao princípio de que a autoridade é a fonte da virtude.

RUSSELL, Bertrand. *A sociedade humana na ética e na política*. Título original: *Human society in Ethics and Politics*. Trad. Oswaldo de Araujo Souza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

Proposição

A atuação do homem na sociedade, mediada por padrões e modelos de comportamento e sujeita a atritos e tensões entre os interesses da comunidade e os dos indivíduos, pode assumir as mais variadas formas, que vão do puro e simples enquadramento até a mais exacerbada rebeldia. Os dois trechos apresentados focalizam essa questão sobre os pontos de vista pedagógico (Paulo Freire) e ético (Bertrand Russell).

Tomando como base de reflexão os textos mencionados [...], bem como sua própria experiência e opinião, escreva uma redação de gênero dissertativo sobre o tema:

Os padrões sociais e a liberdade do indivíduo

Fonte: Amaral *et al* (2013, p. 387).

A última proposta analisada é referente às figuras 62 e 63 e uma reprodução do vestibular da Unesp, de São Paulo, sobre o tema: **Os padrões sociais e a liberdade do indivíduo.**

Com dois pontos de vista diferentes sobre o tema, o pedagógico e o ético, acreditamos que esta proposta mescla as duas teorias argumentativas e que, por se tratar de uma proposta direcionada ao aluno do último ano do ensino médio, e também pela presença dessa proposta no último volume da presente coleção, consideramos que a proposta insere-se no domínio teórico da Sequência Argumentativa, uma vez que os alunos usariam seus conhecimentos sobre essa sequência e que se apoiariam, também, no domínio teórico da Nova Retórica, utilizando o seu conhecimento de mundo adquirido na vida escolar e, também, nos outros dois volumes do LD em questão.

De uma maneira geral, a coleção *Novas Palavras* apresenta várias propostas de produção de texto retiradas de vestibulares e, portanto, estas versam sobre as duas teorias, mais destacadamente a Sequência Argumentativa de Adam (1992; 2008), apesar de haver, no conteúdo do volume 3, capítulos referentes a estratégias argumentativas, que, ao nosso ver, seriam uma referência direta à Nova Retórica, notadamente às técnicas argumentativas propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), porém, foi pouco explorada nas propostas.

Passemos à análise da coleção *Ser Protagonista*.

5.3 Análise da coleção *Ser Protagonista*

Nesta seção, analisamos duas propostas referentes ao volume 1 e ao volume 3 da coleção *Ser Protagonista*, porém, reforçamos que no volume 2 não há a presença de capítulos com textos dissertativo-argumentativos ou com redação do Enem, como já verificamos e esclarecemos na seção Introdução e Metodologia e registramos, inclusive, no sumário da coleção¹¹. Começamos por traçar o perfil da coleção em análise.

¹¹ Ver anexo H.

5.3.1 *Panorama geral da coleção*

A coleção desenvolvida pela editora SM parte da ideia de que o aluno deve participar ativamente da sociedade e, assim, por meio da Literatura, Linguagem e Produção de Texto, ele poderá se tornar um cidadão crítico, ponto de vista com que concordamos, pois defendemos que são práticas que colocam o aluno (indivíduo) em contato com o meio social, o outro indivíduo. Na apresentação da coleção, Ramos questiona sobre isso:

Como lidar com esses conteúdos de forma crítica, indo além da superficialidade? Como transformar tanta informação em conhecimentos que contribuam para a formação de cidadãos éticos e autônomos, em vez de simples consumidores das novidades do momento? (RAMOS, 2013, p. 3).

Para isso, Ramos tenta organizar os conteúdos dos volumes em estudo de modo a tentar responder as questões que formulam. No nosso entendimento, essas questões estão mais fortemente atreladas à capacidade de ler e compreender texto, razão porque nos ocupamos das produções textuais, ponto de vista que acreditamos deve ser do autor também.

Desse modo, os três volumes da coleção estão divididos em três eixos, Literatura, Linguagem e Produção de texto, sendo a Literatura o maior eixo, fruto, provavelmente, da convicção do próprio criador da coleção. Entendemos, contudo, a interrelação entre esse eixo e os demais que compõem toda a obra. Nosso interesse, contudo, nesta pesquisa, recai no eixo da produção textual, sobre o qual trataremos a seguir.

No que tange à Produção de Texto, o volume 1¹² apresenta nove capítulos, divididos em quatro unidades – Narrar, Relatar, Expor e Argumentar. Quanto à última unidade, temos três capítulos destinados à Argumentação – dissertação escolar (Capítulo 31), carta de reclamação (Capítulo 32) e mesa-redonda (Capítulo 33), porém, analisamos apenas o capítulo sobre a dissertação escolar, cujas razões já esclarecemos na capítulo metodológico. No volume 3¹³, também verificamos três capítulos destinados à Argumentação – anúncio publicitário (Capítulo 37), artigo de opinião (Capítulo 38) e dissertação para o Enem e para o vestibular (Capítulo 39).

¹² Ver anexo I.

¹³ Ver anexo J.

Desse modo, também nos detemos no capítulo referente à dissertação para o Enem, pelos mesmos motivos: vamos analisar somente o gênero dissertação ou redação escolar, cuja sequência dominante é a argumentativa, pois tem como objetivo comum “preparar” o aluno para ingressar no ensino superior.

Além de situar o leitor/aluno quanto ao gênero dissertação ou redação escolar, os autores mostram preocupação em situar também quanto à sequência com que descrevem, constroem esse gênero: a argumentação ou sequência argumentativa. Em geral, os autores (con)fundem argumentação e sequência argumentativa¹⁴.

Na seção de abertura sobre Argumentação, no volume 1, lemos que “a vida em sociedade exige dos seres humanos um posicionamento em relação ao mundo em que vivem” (RAMOS, 2013, p. 261) e, em seguida, que:

Usando o raciocínio lógico e articulando conhecimentos de diversas áreas do saber, o discurso argumentativo defende um ponto de vista, lançando mão de argumentos que procuram levar o interlocutor a concordar com a posição defendida.” (RAMOS, 2013, p. 261)

o que, ao nosso ver, fornece-nos indícios de que tipo de teoria argumentativa estaria por trás dos exercícios propostos, uma vez que, ao apontar o “raciocínio lógico” e a defesa de um ponto de vista para fazer o interlocutor aceitar uma posição ao lançar argumentos, podemos ver traços da Sequência Argumentativa proposta por Adam, ao lembrar que “o esquema de base da argumentação é pôr em relação os *dados* com uma *conclusão*” (ADAM, 1992, p. 3), justificando ou refutando uma tese ou argumentos de uma tese.

Quando o autor (ou interlocutor) “lança mão de argumentos”, pensamos que esse discurso argumentativo usa técnicas argumentativas, e, assim, a Sequência Argumentativa e a Nova Retórica são usadas como complementares. Desse modo, verificamos se essas duas teorias estão presentes ao longo da coleção, em seus três volumes.

Com base nessa concepção de argumentação, observamos as propostas de produção textual, que foram analisadas, bem como as orientações propostas pelo material norteador, como o PNLN, o qual situamos a seguir.

¹⁴ Embora reconheçamos que há autores (e professores) que ainda fazem confusão quanto aos procedimentos de argumentação e sequência argumentativa, neste trabalho, não nos alongaremos nessa discussão. Faremos uma exposição de como os textos apresentam a Sequência Argumentativa, tendo como parâmetro Adam (2008).

5.3.2 O que diz o PNLD 2015

A edição que utilizamos para análise trata-se da segunda edição de 2013, portanto, a que foi resenhada pelo PNLD 2015. Assim, o PNLD 2015 reconhece que a parte de produção de texto da coleção em análise está dividida em tipologias e nessas tipologias há vários gêneros para se trabalhar, tais como anúncio publicitário, seminário, artigo de opinião, etc. Apresenta como ponto forte da coleção a presença da produção de texto, pelo que podemos comprovar quando afirma que o material é abundante “em atividades que oferecem múltiplas formas de abordagem dos textos” (BRASIL, 2014, p.71).

Concordamos com o manual, também, quando este cita que há “uma atenção a todas as etapas do processo de escrita dos gêneros” (BRASIL, 2014, p. 74). Ao chegar à seção de Produção de texto, a coleção apresenta a **proposta** em si, o **planejamento** do texto, em que estão inseridas as características do tipo de texto em questão, a **elaboração**, que seria a própria escrita do texto, a **avaliação**, na qual há a troca de textos entre os alunos e, por fim, a **reescrita** do texto, etapa bastante recomendada, atualmente.

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que a coleção pretende proporcionar a troca de textos entre os alunos, fazendo-os circular naquela esfera discursiva, a sala de aula, notamos que as propostas não (ou não há indício) direcionam esses textos para além do espaço em sala, como diz o PNLD: “A maioria das atividades de produção de textos não promove a circulação dos textos depois de produzidos. Essas propostas assumem a condição de uma suposta circulação, pensada hipoteticamente” (BRASIL, 2014, p. 71).

Essa é uma etapa que deve ser sanada pelo professor, que precisa ter o conhecimento e a disposição para complementar as atividades e fazer a parte que o LD não alcançou, ainda, porém, indispensável para a aprendizagem do aluno e para o exercício da cidadania na sala de aula.

Observemos como as atividades são exploradas no volume 1.

5.3.3 Análise das proposta do volume 1

No volume 1 da coleção *Ser Protagonista*, a proposta de produção de texto do capítulo 31 refere-se à Dissertação escolar e, assim, em sua abertura, verificamos um vestígio sobre o tipo de teoria argumentativa presente na proposta. A seção “O que você vai estudar”¹⁵ mostra que, dentre os tópicos de estudo do capítulo, está a Sequência Argumentativa, apesar de não haver uma explicação sobre o que é a sequência, pelo menos não da forma como a concebemos, de acordo com Adam. Mais adiante, no capítulo, encontra-se o que se entende por Sequência Argumentativa, expresso por meio de um silogismo¹⁶: tese, premissa maior, premissa menor e conclusão.

Na proposta de produção de texto, que está na seção “Produzir uma dissertação escolar”, reproduzida a seguir, o aluno deverá ler e interpretar os três textos motivadores, algo que consideramos positivo, uma vez que os alunos buscariam inspiração na hora de elencar seus argumentos.

¹⁵ Ver anexo K.

¹⁶ Ver anexo L.

Figura 64 – Coleção Ser Protagonista, volume 1 (1)

> Produzir uma dissertação escolar

> Proposta

A partir da leitura dos textos a seguir, escreva uma **dissertação escolar**. Você deve posicionar-se diante do tema proposto e apresentar argumentos para sustentar o seu ponto de vista.

Texto 1

Em sua “Arte poética”, Aristóteles define a poesia (como chamava a literatura de sua época) como **imitação**. Leia trechos a seguir.

“Todas [as formas de poesia] vêm a ser, de modo geral, imitações. [...] Parece, de modo geral, darem origem à poesia duas causas, ambas naturais. Imitar é natural ao homem desde a infância – e nisso difere de outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação – e todos têm prazer em imitar. [...] Outra razão é que aprender é sumamente agradável não só aos filósofos, mas igualmente aos demais homens [...]”

ARISTÓTELES. Arte poética. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 19, 21-22.


Texto 2

Internet e pesquisa

O professor oferece um tema a ser pesquisado e deseja o produto final em suas mãos. O aluno, então, liga seu computador, seleciona um buscador em um portal de sua preferência, lança a palavra-chave, lê as primeiras linhas da primeira informação coerente com o tema que surgiu na relação resultante de busca, copia, cola, imprime, entrega.

SANTOS, Else Martins dos. Pesquisa na internet: cópia/cola???. In: ARAUJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 275.

Texto 3



Chaplin interpreta o tirano Adenoid Hynkel em *O grande ditador* (EUA, 1940, direção de Chaplin). A paródia a Adolph Hitler é percebida, entre outros elementos, pela semelhança física e pela imitação da saudação nazista, conferindo tom humorístico à cena.

Fonte: Ramos (2013, p. 368).

Na proposta: “A partir da leitura dos textos a seguir, escreva uma **dissertação escolar**. Você deve posicionar-se diante do tema proposto e apresentar argumentos para sustentar o seu ponto de vista”, percebemos que a sustentação de um ponto de vista aponta para o uso de estratégias argumentativas, o que se faz, certamente, através da estruturação de textos construídos com a Sequência Argumentativa, como denomina Adam, uma vez que, para o autor, a argumentação está em “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa” (ADAM, 2008, p. 232).

Ao apontar “apresentar argumentos”, o autor (enunciador) faz o uso de técnicas argumentativas, como se reportam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Na proposta de atividade, porém, não verificamos menção, nem a presença, nem a possibilidade de que os alunos poderiam usar essas técnicas na construção de seu texto, o que, ao

comparações, explicações, análises). Assim, acreditamos que o aluno se beneficiaria dos argumentos quase-lógicos de comparação que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), são aqueles em que são tomados vários objetos para serem avaliados um em relação ao outro, e, também, por meio de um argumento que fundamenta a estrutura do real, como o argumento pelo exemplo.

A exemplo dessa estratégia, que parece de forma “velada”, consideramos, perfeitamente possível e viável, a orientação das outras estratégias que contribuiriam com a composição do texto e com o norte do aluno ao produzir sua “dissertação”.

Passemos à proposta seguinte: Volume 3.

5.3.4 Análise das proposta do volume 3

No volume 3 da coleção *Ser Protagonista*, o tom que guia o aluno é “estratégia de argumentação”, que fica evidente na abertura da seção “Argumentação”.

No capítulo referente à Dissertação para o Enem e para o vestibular, o autor diz que é importante dominar as técnicas argumentativas. Embora não faça referência à forma de expressão, isso nos autoriza a relacionar sua fala às técnicas argumentativas de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Porém, na proposta que apresenta, vemos que dá uma orientação que não corresponde ao que sugere sob o aspecto teórico: “Os textos a seguir são o ponto de partida para a produção de uma **dissertação para o Enem e para o vestibular**. Leia-os com atenção”. Essa forma de comando não guia o aluno para uma produção textual que considere aspectos referentes à teoria argumentativa. Apenas, apresenta dois textos motivadores para o aluno nortear-se, ou seja, prioriza de forma exclusiva o conteúdo, tema; nada que oriente quanto à forma composicional, exceto que deve ser **dissertativo**, comando que aparece logo após os textos. Observemos a proposta.

► Produzir uma dissertação para o Enem e para o vestibular

► Proposta

Os textos a seguir são o ponto de partida para a produção de uma **dissertação para o Enem e para o vestibular**. Leia-os com atenção.

Fenaj diz que decisão do Supremo “rebaixa” exercício do jornalismo no Brasil

Marco Antonio Soalheiro
Agência Brasil

O presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Sérgio Murillo, considerou um “prejuízo imenso e histórico” para a categoria a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que nesta quarta-feira (17) declarou inconstitucional a obrigatoriedade do diploma em curso superior específico para o exercício da profissão de jornalista no Brasil. O Ministério do Trabalho não pode mais exigir o diploma para conceder registro de jornalista a qualquer cidadão.

“Aparentemente, não precisa de nenhum critério. Inclusive pessoas sem formação escolar, analfabetas, podem obter o registro de jornalista. Não sei se o STF tomou pé do nível de rebaixamento em que coloca o jornalismo no Brasil neste momento”, criticou Murillo. [...]

SOALHEIRO, Marco Antonio. UOL. São Paulo, 17 jun. 2009. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/06/17/ult5772u4374.jhtm>>. Acesso em: 5 abr. 2013.

Senado aprova obrigatoriedade do diploma de jornalismo

Rosa Costa

O Senado aprovou nesta terça-feira, 7, por 60 votos a favor e 4 contrários, o segundo turno da proposta de emenda constitucional que torna obrigatória a obtenção do diploma de curso superior de jornalismo para o exercício da profissão. [...] Em 2009, o Supremo Tribunal Federal decidiu que a exigência do diploma, imposta no regime militar, atenta contra a liberdade de expressão.

[...] O senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) foi o único a se manifestar contra a proposta [...].

Ele lembrou que [...] a profissão de jornalista será a única a constar na Constituição. “Existem médicos, advogados e outros profissionais que são bons jornalistas, sem a necessidade de ter um diploma específico”, defendeu. [...]

COSTA, Rosa. O Estado de S. Paulo, 7 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,senado-aprova-obrigatoriedade-do-diploma-de-jornalismo,912873,0.htm>>. Acesso em: 3 abr. 2013.

INSTRUÇÃO

- Com base nos textos e na discussão neles apresentada, escreva um texto dissertativo sobre o tema: “A formação universitária deve ser requisito obrigatório para o exercício profissional?” Considere as diversas profissões existentes: artista, advogado, professor, cozinheiro, mecânico, pedreiro, etc.
- O texto deve ter de 20 a 35 linhas manuscritas.

Fonte: Ramos (2013, p. 390).

Na seção “Planejamento”, ao citar o quadro com as características da redação do Enem, como o uso do gênero textual, o público, a finalidade, o meio e a linguagem, há também a orientação “incluir”, que aponta para as estratégias argumentativas de conclusão, reflexões pessoais e título. Aqui, percebemos que não há consonância com o termo a que o autor se refere. As estratégias argumentativas antecedem a fase de conclusão.

Figura 67 – Coleção Ser Protagonista, volume 3 (2)

Capítulo 39 • Dissertação para o Enem e para o vestibular

> Planejamento

1. Observe no quadro abaixo as características do texto a ser produzido.

Gênero textual	Público	Finalidade	Meio	Linguagem	Evitar	Incluir
dissertação para o Enem e para o vestibular	examinadores (banca de professores da escola)	produzir um texto argumentativo que se posicione eticamente diante de um problema	exame simulado na escola	terceira pessoa, clareza, coesão, precisão no vocabulário	estereótipos, preconceitos, afirmações vagas	estratégias argumentativas e de conclusão, reflexões pessoais, título

2. Após ler cuidadosamente a proposta, faça o planejamento da dissertação.
3. Delimite o **tema** do texto, partindo das possibilidades que a proposta oferece.
4. Qual será a sua posição ética? (Escreva a **tese** da dissertação.)
5. Defina seus principais **argumentos** e organize-os em uma **sequência lógica**.
6. Fundamente o **conteúdo** com fatos, dados, exemplos, citações, informações e reflexões.
7. Defina a **conclusão**. Ela deve fechar o raciocínio argumentativo e o texto.

390

Fonte: Ramos (2013, p. 390).

Na seção “Elaboração”, transcrita a seguir, Ramos cita o que entende por estratégias argumentativas que seriam os títulos originais, citações, perguntas retóricas, pontuação expressiva, argumentos de autoridade, dados atuais, conhecimento de outras áreas, clareza, objetividade, resposta antecipada a argumentos adversários, “chave de ouro”. Desses, alguns se encaixam no que concebemos, com Perelman e Olbrechts-Tyteca, como um argumento baseado na estrutura do real, o argumento de autoridade, o que aproxima, então, a proposta da teoria referente à Nova Retórica.

Figura 68 – Coleção Ser Protagonista, volume 3 (3)

> Elaboração

8. Você já pode escrever sua dissertação. O texto deve ser escrito em folha pautada, com caneta preta ou azul.
9. Use **estratégias argumentativas** (títulos originais, citações, perguntas retóricas, pontuação expressiva, argumentos de autoridade, dados atuais, conhecimento de outras áreas, clareza, objetividade, resposta antecipada a argumentos adversários, “chave de ouro”, etc.) que confirmam credibilidade e demonstrem um posicionamento ético diante dos temas sociais.
10. Não assine seu texto. Identifique-o com uma senha e anote-a no caderno.

ATENÇÃO

- » Letra legível mostra respeito pelo leitor do texto.
- » Não se esqueça do título.

Fonte: Ramos (2013, p. 391).

Salientamos que a coleção *Ser Protagonista* explora, ainda, um artigo de opinião (O olor fugaz do sexo das meninas, de José Miguel Wisnik)¹⁷, em que são utilizadas as várias estratégias argumentativas que os alunos podem utilizar, além do argumento de autoridade¹⁸, definido como argumentos que “conferem credibilidade ou aceitação das opiniões que sustentam. Tem a função de autorizar determinadas afirmações ou desqualificar ideias opostas” (RAMOS, 2013, p. 381). Mostra que o estudante pode utilizar também um argumento que fundamenta a estrutura do real, a metáfora. Porém, como o exemplo faz parte do capítulo sobre artigo de opinião, deixaremos como anexo. A intenção, aqui, é apenas evidenciar que o material analisado contempla os diversos gêneros que possibilitam um trabalho reflexivo com os alunos na sala de aula.

Percebemos, ao analisar essas duas propostas, que não houve, no volume 1, nenhuma referência às estratégias/técnicas argumentativas, o que, ao nosso ver, pode comprometer a qualidade da produção textual do aluno. Em contrapartida, detectamos que a ideia de Sequência Argumentativa, embora pouco explorada, foi mencionada, apenas, no volume 1 por meio de um silogismo. Apenas no volume 3, o assunto acerca das técnicas argumentativas é explorado com um pouco mais de clareza.

A seguir, apresentamos um quadro resumo dos resultados da análise:

Quadro 12 – Resumo dos resultados da análise

Coleções/Teorias argumentativas (nº de propostas)	Sequência Argumentativa	Nova Retórica	Duas teorias
Português Linguagens	1 proposta		10 propostas
Ser protagonista	0	1 proposta	1 proposta
Novas Palavras	9 propostas	5 propostas	10 propostas

Fonte: Elaborada pela autora.

¹⁷ Ver anexo M.

¹⁸ Ver anexo N.

Na coleção *Português Linguagens* observamos uma grande quantidade de propostas retiradas de vestibular e do Enem, com a presença de vários textos motivadores. Nelas, notamos que, por se tratar de propostas direcionadas aos alunos que terminaram o ensino médio, os estudantes lançariam mão dos conhecimentos adquiridos durante a vida escolar, usando o que sabem sobre esse tipo de texto, tanto em sua estrutura, como no uso de estratégias argumentativas.

Tal fator, no entanto, pode ser visto como complicador para o professor em sala de aula, já que este apenas contaria com três propostas inéditas que o livro didático em questão oferece. Notamos que, por se tratar do volume 3, justamente aquele direcionado ao estudante concluinte, há uma tendência em mostrar as variedades de argumentos que os alunos poderiam utilizar em seu texto. Caberia ao professor buscar alternativas para melhorar as propostas de vestibulares, direcionando os alunos na feitura de “exercícios argumentativos”, nos quais os alunos poderiam exercitar as várias possibilidades de técnicas argumentativas, ou, ainda, utilizar a contra-argumentação a seu favor.

Na coleção *Ser Protagonista*, notamos que uma proposta deixa mais evidente o uso da Nova Retórica e, na outra, o uso das duas teorias. O ponto mais interessante da coleção em questão é que não há apenas a produção do texto em si, mas apresenta etapas para a produção do texto escrito. Se a coleção peca, por um lado, em não oferecer grande quantidade de propostas de produção de texto, por outro mostra flexibilidade, para aluno e professor, ao elencar as etapas de escrita.

Na coleção *Novas Palavras*, observamos que há grande quantidade de propostas, inclusive no que se refere à utilização das teorias argumentativas; na coleção, estão equilibradas o uso das duas. Um ponto forte da coleção em relação às propostas é a diversidade de exercícios propostos para a feitura do texto argumentativo; tanto as questões propostas relacionadas à criação de argumentos como aquelas voltadas para o texto completo servem de apoio, a nosso ver, ao aluno e ao professor.

No geral, vimos que as coleções, juntas, apresentam uma tendência em se utilizar da Sequência Argumentativa como teoria subjacente, apesar de encontrarmos capítulos referentes às técnicas/estratégias/tipos de argumentos, mas, a nosso ver, a Nova Retórica não foi discutida de forma aprofundada nas propostas; o que vimos em relação a essa teoria é que os argumentos apenas foram lançados aos alunos e caberia a eles utilizar a que melhor se adequasse ao tema do texto. Deixamos claro,

também, a utilização das duas teorias nas questões de vestibulares e naquelas voltadas para o Enem.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como principal objetivo observar se há respaldo teórico coerente subjacente às propostas de produção de texto em livros didáticos do ensino médio. Consideramos como aporte teórico para a realização da análise, duas teorias argumentativas, a saber, a Sequência Argumentativa, de Adam (1992; 2008), e a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). O corpus da pesquisa foi composto por três coleções de Língua Portuguesa, utilizadas no ensino médio, a saber, a coleção *Português Linguagens*, a coleção *Novas Palavras* e a coleção *Ser Protagonista*.

Levamos em consideração que deveríamos fazer um recorte quanto às propostas presentes nos livros didáticos, dado o número considerável de gêneros estudados nos manuais e, assim, utilizamos como teoria de base para elencar os gêneros que consideramos mais relevantes para esse estudo o agrupamento de gêneros descritos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010). Dessa forma, ao verificarmos a variedade de gêneros argumentativos, escolhemos dois, o texto dissertativo-argumentativo, também chamado de redação escolar, e a redação do Enem, justamente porque esses dois tipos de texto apresentam, em sua estrutura, aspectos semelhantes.

Ao considerarmos esses dois tipos de textos, verificamos 37 propostas de produção de texto para ser analisadas, sendo que na coleção *Português Linguagens* havia 11 propostas, na coleção *Novas Palavras*, 24 propostas e, na coleção *Ser Protagonista*, 2 propostas.

Uma das considerações referentes à nossa pesquisa é de que o maior número de textos, que têm como estrutura o tipo dissertativo-argumentativo, está presente no terceiro volume de cada coleção. Um dos pontos para essa conclusão deve-se ao fato de a terceira série do ensino médio visar bons resultados no que tange à redação do Enem e os vários vestibulares que têm como porta de entrada para o ensino superior o texto de caráter argumentativo.

Nas coleções, notamos, também, um grande número de propostas de produção de textos retiradas de vestibulares de IES privadas, estaduais ou do Enem. Apesar de não deixar de ser uma vantagem para os estudantes colocar em prática a feitura desses textos, fazendo com que estes tenham contato com essas propostas de produção, vemos que os autores das coleções poderiam não apenas reproduzir tais

propostas desses vestibulares, já que se corre o risco de sobreposição excessiva de propostas entre as coleções, mas também produzir propostas de produção de texto inéditas, feitas pelos próprios autores dos livros didáticos. Assim, seria interessante para os autores elaborar propostas de produção de textos mais viáveis para os estudantes, com a inclusão das duas teorias argumentativas, a Sequência Argumentativa e a Nova Retórica

Observamos que, embora as duas teorias argumentativas (Sequência Argumentativa e Estratégias Argumentativas) tenham perpassado as propostas de produção textual das coleções analisadas, fica mais evidente o uso, nas propostas, da Sequência Argumentativa de Adam. As estratégias argumentativas da Nova Retórica mostraram-se pouco presentes nas orientações das propostas de atividades de produção textual das mesmas coleções analisadas, das quais se conclui uma maior preocupação com a questão estrutural das produções textuais requeridas.

Por considerarmos as duas teorias argumentativas igualmente importantes e facilmente imbricadas, propomos estratégias de ensino de produção textual com base nas técnicas argumentativas de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e na Sequência Argumentativa de Adam (1992; 2008), de modo que o professor trabalhe em sala de aula, visando o desenvolvimento da proficiência do aluno para a produção de textos dissertativo-argumentativos. Assim, utilizando também o livro didático, o professor poderá utilizá-lo e desenvolver mais ferramentas para melhorar a produção textual do aluno.

Com este estudo, tentamos contribuir com o trabalho do professor na orientação da produção escrita do texto dissertativo-argumentativo do aluno, auxiliando-o na compreensão da produção dessa “modalidade” textual tão importante nessa fase escolar. Quanto ao aluno, esperamos que ele seja beneficiado por intermédio de uma orientação mais coerente e eficiente para o seu objetivo quanto à produção do texto dissertativo-argumentativo.

Por fim, esperamos que este estudo inspire outros cujo objetivo seja a compreensão e a adequação de teorias linguísticas ao efetivo uso em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Le prototype de la séquence argumentative. *In*: _____. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992. p. 102-26. /tradução de Elisabeth Linhares Catunda e Socorro Cláudia Tavares de Souza/.

AMARAL, E *et al.* **Novas Palavras**: 1º ano. 2.ed. São Paulo: FTD, 2013.

_____. **Novas Palavras**: 2º ano. 2.ed. São Paulo: FTD, 2013.

_____. **Novas Palavras**: 3º ano. 2.ed. São Paulo: FTD, 2013.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: 2000.

_____. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2012: Língua Portuguesa. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

_____. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2015: Língua Portuguesa. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens**: volume 1. 7.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. **Português linguagens**: volume 2. 7.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. **Português linguagens**: volume 3. 7.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010, 2 ed, p. 81-108.

FERREIRA, L.A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Guias do Livro Didático. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld>>. Acesso em 20 dez. 2014.

INEP. **A redação do Enem 2013**. Guia do Participante. Brasília, 2013.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PASSARELLI, L.M.G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERELMAN, C. **Retóricas**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, R. B. W.S. **Como argumentar e persuadir**. Práticas: política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid juris? – Sociedade Editora, 2010.

RAMOS, M. G. **Linguagem e argumentação na produção escrita de vestibulandos**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RAMOS, R. de A. **Ser protagonista**: Língua Portuguesa, 1º ano.2.ed. São Paulo: SM, 2013.

_____. **Ser protagonista**: Língua Portuguesa, 2º ano.2.ed. São Paulo: SM, 2013.

_____. **Ser protagonista**: Língua Portuguesa, 3º ano.2.ed. São Paulo: SM, 2013.

RIBEIRO, J. **A sequência argumentativa e as categorias de argumentos no texto escolar nos níveis de ensino fundamental e médio**. 2012. 197f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SÁ, J.O. V. de. **Argumentação e processo referencial anafórico no anúncio publicitário de cosmético**. 2014. 191f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

Sobre a Olimpíada. Disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=55 Acesso em: 17 maio 2014.

SOUSA, A. de. **A persuasão**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001.

VIEIRA, I. L. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais.** Curitiba: IBPEX, 2010.

ANEXO A - OS TIPOS DE ARGUMENTOS

No estudo do texto, você observou que, para fundamentar seu ponto de vista sobre o tema, o autor empregou diferentes tipos de argumento: comparou, citou dados estatísticos, estabeleceu relações de causa e consequência, etc.

Vamos conhecer mais a fundo esses tipos de argumento.



Marcio Fernandes/Folha Imagem

Tipos de argumento

Comparação

Estabelece o confronto entre duas realidades diferentes, seja no tempo, seja no espaço, seja quanto a características físicas, etc. No texto lido, a comparação contrasta a gravidez adolescente em gerações passadas e hoje. Veja outro exemplo:

Numa lista de 82 países pesquisados pela International Center for Alcohol Policies, instituição com sede em Washington (EUA), a nova lei seca brasileira com limite de 2 decigramas de álcool por litro de sangue é mais rígida que 63 nações, iguala-se em rigidez a cinco e é mais tolerante que outras 13, onde o limite legal varia de zero a 1 decigrama.

(Folha de S. Paulo, 25/6/2008.)

Nesse caso, compara-se a lei seca do Brasil com a de outros países, para mostrar o nível de rigidez da nova lei brasileira.

Alusão histórica

O autor retoma acontecimentos do passado para explicar fatos do presente. No texto lido o autor retoma a revolução sexual e cultural da década de 1960. Veja outro exemplo:

Há exatos 150 anos, numa saleta da Sociedade Lineana de Londres, um grupo de naturalistas anunciava ao público ali presente os contornos de uma teoria que alteraria para sempre o modo de compreender a origem e a variedade de vida em nosso planeta. Era a teoria da evolução por seleção natural, concebida de forma independente por Charles Darwin e Alfred Wallace.

(Folha de S. Paulo, 1º/6/2008.)

Argumentos com provas concretas

Consistem na apresentação de dados estatísticos, de resultados de enquetes, de cifras relativas a investimentos, despesas e lucros, renda *per capita*, valores de dívida externa, índices de mortalidade infantil, aumento ou diminuição dos casos de Aids, etc. No texto "Gravidez na adolescência", o autor se valeu de dados estatísticos divulgados pelo IBGE. Veja outro exemplo em que se usam resultados de pesquisa:

Ao comentar o sistema de cotas que se pretende adotar no ensino superior brasileiro, Diogo Mainardi acerta o alvo quando diz que a desigualdade nasce no ensino básico e certamente é lá que deve ser combatida e solucionada. De fato, o Brasil é o país que apresenta a maior desigualdade social com gastos em educação pública. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), um estudo realizado em

ANEXO B – OS TIPOS DE ARGUMENTOS (2)

2005 no Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Colômbia mostrou que nosso país tem a pior distribuição de gastos em educação. Apenas 17% são destinados aos 20% mais pobres e 27% aos 20% mais ricos. O Chile tem a melhor distribuição, gastando 35% com os 20% mais pobres e 5% com os mais ricos. Por outro lado, as despesas com ensino superior no Brasil são 12,3 vezes maiores do que com o ensino fundamental. Essa relação de gasto é de 2,5, na média, nos países europeus; 2,5 nos Estados Unidos; 2,6 na Argentina e 1,7 na Coreia.

O. H. – Professor titular do IFSC, USP – São Paulo, SP
(Veja, nº 2058.)

Argumentos consensuais

São aqueles em que certas “verdades” aceitas por todos são utilizadas. São afirmações que não dependem de comprovação, como, por exemplo, “Todo ser humano precisa de boa alimentação e lazer”, “A poluição diminui a qualidade de vida nas grandes cidades”, etc. No texto lido, o autor reúne argumentos consensuais ao afirmar que o abortamento acarreta riscos à saúde, que o casamento por conveniência não garante felicidade e que ser mãe solteira e adolescente é tornar-se alvo de preconceito.

Argumentos de autoridade ou de exemplo

Apresentam o ponto de vista ou sugerem a imitação das ações de uma autoridade ou uma pessoa reconhecida na área do assunto em discussão. Consistem em frases célebres, ou em trechos escritos de cientistas, técnicos, artistas, filósofos, políticos, etc., citados em discurso direto ou indireto. No caso de citação em discurso indireto, cita-se o nome da pessoa e faz-se um resumo de suas ideias. Quando transcrita em discurso direto, a citação deve vir entre aspas e a indicação do autor pode ser feita por meio de expressões do tipo: *Como disse fulano... Já lembrava fulano que...* Veja um exemplo:

Uma equipe de arqueólogos da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, diz ter encontrado o palácio da rainha de Sabá em Axum, cidade sagrada no norte da Etiópia. As ruínas [...] estavam soterradas no deserto. Um templo cristão fora erguido em cima da construção.

Helmet Ziegert, líder das escavações, afirma que o palácio de Sabá abrigou a Arca da Aliança. Diz a Bíblia que a Arca era um caixote de madeira que continha as tábuas dos dez mandamentos, objetos que representam o pacto entre Deus e os homens. Por volta de 585 a.C. desapareceu. Segundo o professor Ziegert, ela teria sido trazida de Jerusalém pela rainha de Sabá e posta no altar do palácio. Oferendas e inscrições ao redor do altar seriam a prova disso. “Pela idade das ruínas e pela posição das oferendas, tenho certeza de que este é o local que procurávamos desde 1999”, disse Ziegert ao jornal alemão *Die Welt*.

(Revista da Semana, ano 2 nº 19.)

Argumentos de presença

Consistem em ilustrar com histórias, lendas ou parábolas a tese que queremos defender. No texto lido, o autor ilustrou a tese com a história de nossas avós:

“Nossas avós casavam-se aos 15 ou 16 anos e começavam a procriar, nunca ocorrendo a ninguém daquela época que isso pudesse ser um problema, pois essas gestações eram desejadas.”

Argumentos de retorção

O autor utiliza os próprios argumentos do interlocutor para destruí-los. Há, a seguir, uma carta de reclamação e a resposta dada a ela pela secretaria de uma subprefeitura da cidade de São Paulo. Nessa resposta, há um exemplo de argumento de retorção. Veja:

A carta do leitor:

Desde novembro estão fazendo uma obra em um imóvel na eq. da Oscar Freire com a Haddock Lobo, identificada apenas pelas letras “SH” num tapume. Desde o início, a lei de silêncio é desrespeitada, pois eles trabalham aos domingos e feriados e, na semana, em horários impróprios. É impossível descansar em

ANEXO C – OS TIPOS DE ARGUMENTOS (3)

qualquer dia e horário. Já fizemos várias reclamações ao Psiu, polícia e subprefeitura, mas tudo leva a crer que o dono do imóvel ou a construtora têm algum poder para que não se respeite a lei.

J. L. de M. C. – Cerqueira César

A resposta da prefeitura:

“Esteja certo de que a construtora não está acima da lei — assim como a Prefeitura, que deve respeitar a legislação. A obra no imóvel na esquina citada é regular, conforme atesta a Sub Pinheiros, responsável pela região. Em relação ao barulho, agentes do Psiu estiveram no local no dia 19/5, constatando que o ruído está dentro do que é permitido pela legislação. Peço ao leitor, que caso o problema persista, nos avise, para que uma nova vistoria seja feita.”

Andrea Matarazzo – Secretária das Subprefeituras (*O Estado de S. Paulo*, 9/6/2008.)

Ao estruturar um texto dissertativo-argumentativo, convém diversificar os tipos de argumento. Porém, mais importante do que a diversidade e a quantidade de argumentos, é a utilização de argumentos fortes e bem-fundamentados, que possam, de fato, persuadir o leitor.

Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p.288).

ANEXO D – A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO



O que é dissertar?

Introdução

Neste livro, você tem produzido textos orais e escritos predominantemente descritivos e narrativos, sempre a partir do processo de leitura e de atividades variadas.

Tais atividades envolvem práticas dissertativas, pois baseiam-se em perguntas, respostas, opiniões, justificativas etc.

Esses elementos estão presentes cotidianamente em nossa vida. Por meio deles, expomos ideias, conhecimentos, informações e reflexões, além de questionarmos aspectos da realidade e apresentarmos nossos posicionamentos em relação a eles. Ou seja, dissertamos.

Dissertar é expor os conhecimentos que se tem sobre um assunto ou defender um ponto de vista sobre um tema, por meio de argumentos.

A atividade dissertativa pode ser predominantemente expositiva ou argumentativa. Em ambos os casos, ela revela-se vital para o desenvolvimento da inteligência, para a elaboração pessoal de ideias, para a capacidade de raciocínio e exposição lógica, ou seja, para a construção do conhecimento e do pensamento crítico e criativo.

Tanto para expor de modo organizado o que se pretende dizer quanto para assumir uma posição e defendê-la com coerência, com argumentos persuasivos e linguagem adequada, é preciso, em primeiro lugar, delimitar e contextualizar o tema.

A organização de um texto dissertativo se faz em três partes:

Estrutura da dissertação

	Expositiva	Argumentativa
Introdução	Apresentação do assunto sobre o qual se escreve.	Apresentação do assunto sobre o qual se escreve e do ponto de vista assumido em relação a ele.
Desenvolvimento	Exposição das informações e conhecimentos a respeito do assunto.	A fundamentação do ponto de vista e sua defesa com argumentos.
Conclusão	Finalização do texto, com o encerramento do que foi exposto.	Retomada do ponto de vista para fechar o texto de modo mais persuasivo.

Vamos ver um exemplo:

Alguns romancistas não se dão conta das técnicas que utilizam; escrevem espontaneamente, como se executassem um ato perfeitamente natural, alheios às operações e aos cálculos que seus cérebros efetuam [...]. Vamos empregar a palavra “ingênuo” para descrever esse tipo de sensibilidade, esse tipo de romancista e esse tipo de leitor de romance – que não estão nem um pouco preocupados com os aspectos artificiais da leitura e da escrita de um romance. E vamos utilizar

ANEXO E – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS



Estratégias lógico-expositivas

Professor, a atividade da seção "E mais..." da p. 379 requer preparação antecipada.

Introdução

Como temos visto neste livro, existem muitos modos de expor ideias e de desenvolver o raciocínio dissertativo. Neste capítulo, vamos mostrar alguns com os quais você certamente enriquecerá seu repertório de possibilidades lógico-expositivas, para elaborar seus textos com mais liberdade.

Observe o tema abaixo:

A violência no cotidiano da cidade grande

Pelo método de estruturação de textos que sugerimos, a apresentação do assunto e da posição assumida diante dele, isto é, da tese a ser defendida, pode ser feita, na introdução, de muitas maneiras.

Estratégias expositivas

Definição

Pode-se começar a dissertar escrevendo uma **definição** do tema, para atribuir maior clareza e objetividade ao texto.

Por exemplo:

Violência é...

- A violência se caracteriza como...
- Um ato é violento quando...
- Existe violência se...

Em seguida, expõe-se o ponto de vista e segue-se o processo dissertativo já sugerido.

Comparação

Há também a possibilidade de começar o texto buscando uma definição do tema por **comparação**.

Por exemplo:

ANEXO F – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS (2)

- A violência é como...
- A violência é semelhante a...
- A violência parece-se com..., lembra...

Depois de estabelecida a comparação, faz-se um breve comentário interpretativo sobre ela, explicitando, assim, a própria visão a respeito do assunto.

Citação

Pode-se ainda iniciar o texto com uma **citação** relativa ao tema. Uma frase interessante, um verso, um aforismo, um fragmento etc.

O ideal é que a citação seja feita do modo clássico: entre aspas, reproduzindo exatamente as palavras do autor e com indicação da fonte de onde foi retirada. Em seguida, faz-se uma pequena análise, um breve comentário a respeito da opinião citada, expondo, ao mesmo tempo, o próprio ponto de vista sobre o assunto.

Aforismo – sentença de cunho moral expressa em poucas palavras.

Histórico

O texto também pode ser iniciado com um **histórico**, uma explanação rápida do tema por meio dos tempos.

Por exemplo:

- Antes, a violência era x; agora é...
- Ontem, a violência era x; hoje é y; amanhã será...

Prepara-se uma espécie de rápido retrospecto da evolução que se quer demonstrar ou uma breve retrospectiva acompanhada de uma prospectiva.

Depois do histórico, apresenta-se a tese e inicia-se a argumentação.

Exemplo

É possível também escolher um fato-exemplo expressivo para iniciar o texto. Em seguida, faz-se uma análise interpretativa desse **exemplo** – que poderá ou não ser retomado mais adiante –, revelando a visão que se tem sobre o tema.

Iniciar uma dissertação a partir de um exemplo dá concretude e comunicabilidade ao texto.

Estatística

Pode-se começar a redação pela apresentação de um **dado estatístico** esclarecedor sobre o tema. O procedimento é praticamente idêntico àquele em que se inicia o texto pela exemplificação.

Resumo

Um **resumo** daquilo que se pensa sobre o assunto é outra possibilidade de se iniciar o texto. O começo da dissertação funcionaria, assim, como uma espécie de índice, de sumário do texto, em que se apresentariam de modo sintético o tema, o ponto de vista e a argumentação.

Por exemplo:

- A violência é x porque y...
- A violência se deve a três fatores: a, b e c.

ANEXO G – AS ESTRATÉGIAS LÓGICO-EXPOSITIVAS (3)

Pergunta

Fazer uma **pergunta**, um questionamento sobre o tema ou sobre algum aspecto dele é outra forma de se iniciar uma dissertação.

Transformando o tema em uma interrogação, naturalmente já se organiza o desenvolvimento do raciocínio: ao responder à pergunta, apresenta-se, ao mesmo tempo, a visão que se tem do assunto.



Essas diferentes sugestões são algumas das possibilidades de apresentação de ideias, e podem aparecer em inúmeras combinações diferentes.

Por exemplo: uma pergunta seguida de uma definição e de uma comparação; um exemplo seguido de uma comparação e de uma pergunta; uma citação seguida de uma pergunta etc.

Não se esqueça de que esses modos de exposição de ideias podem aparecer também no desenvolvimento ou na conclusão da dissertação. Nossas sugestões se ativeram à introdução porque é o início do texto que delinea a organização lógica e a sequência do raciocínio.

Fonte: Amaral *et al* (2013, p.371).

ANEXO H – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 2

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prática de linguagem 278 Grau dos advérbios 280 Parece advérbio, mas não é 280 ▪ Prática de linguagem 281 ▪ Língua viva: Os advérbios delimitadores e a especificação 282 "O poder das palavras" (Aron Belinky) 282 ▪ Em dia com a escrita: Coesão textual pelo emprego de advérbios 284 ▪ Articulando: Visões sobre a língua: gramáticos × linguistas ... 286 ▪ A língua tem dessas coisas: Tumitinhas, virunduns e outros tropeços auditivos 288 ▪ Vestibular 289 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prática de linguagem 278 Grau dos advérbios 280 Parece advérbio, mas não é 280 ▪ Prática de linguagem 281 ▪ Língua viva: Os advérbios delimitadores e a especificação 282 "O poder das palavras" (Aron Belinky) 282 ▪ Em dia com a escrita: Coesão textual pelo emprego de advérbios 284 ▪ Articulando: Visões sobre a língua: gramáticos × linguistas ... 286 ▪ A língua tem dessas coisas: Tumitinhas, virunduns e outros tropeços auditivos 288 ▪ Vestibular 289
<p>Unidade 9 – Conexões e expressão 291</p> <p>Capítulo 30 Preposições, conjunções e interjeições 292</p> <ul style="list-style-type: none"> O conceito de preposição 292 ▪ Prática de linguagem 294 O conceito de conjunção 295 Tipos de conjunção 297 ▪ Prática de linguagem 298 O conceito de interjeição 300 Tipos de interjeição 300 ▪ Prática de linguagem 301 ▪ Língua viva: A conjunção como recurso coesivo 302 "A internacionalização do mundo" (Cristovam Buarque) 302 ▪ Em dia com a escrita: Emprego de preposição antes do pronome relativo ... 304 ▪ Articulando: O perigo das generalizações 306 ▪ A língua tem dessas coisas: Mais vale um <i>pendrive</i> na mão do que dois voando 308 ▪ Vestibular e Enem 309 	<p>Unidade 12 – Expor 335</p> <p>Capítulo 33 Artigo enciclopédico 336</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "Dengue" 336 Ler um artigo enciclopédico 338 Produzir um artigo enciclopédico 340 <p>Capítulo 34 Artigo expositivo de livro ou de site didático 342</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "Direitos Humanos" (Antonio Carlos Olivieri) 342 Ler um artigo expositivo de <i>site</i> didático 344 Entre o texto e o discurso – A progressão textual 346 Produzir um artigo expositivo de livro ou de <i>site</i> didático 348 ▪ Vestibular 350
<p>Produção de texto: construindo os gêneros 314</p> <p>Unidade 10 – Narrar 316</p> <p>Capítulo 31 Crônica 318</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "A última crônica" (Fernando Sabino) 318 Ler uma crônica 320 Entre o texto e o discurso – Comentário do cotidiano 322 Produzir uma crônica 324 ▪ Vestibular 326 <p>Unidade 11 – Relatar 327</p> <p>Capítulo 32 Perfil biográfico 328</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "Zé Peixe" (Marcia Bindo) 328 Ler um perfil biográfico 330 Produzir um perfil biográfico 332 ▪ Vestibular 334 	<p>Unidade 13 – Argumentar 351</p> <p>Capítulo 35 Editorial 352</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "Resíduos sólidos em Fortaleza: como coletar e reciclar" (jornal <i>O Povo</i>, Fortaleza) 352 "O que fazer com o entulho da reforma ou construção?" (jornal <i>O Povo</i>, Fortaleza) ... 353 Ler um editorial 354 Entre o texto e o discurso – A validade do argumento 356 Produzir um editorial 358 <p>Capítulo 36 Resenha crítica 360</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: "Memórias quase póstumas" (Carlos Graieb) 360 Ler uma resenha crítica 362 Entre o texto e o discurso – Formulando uma opinião 364 Produzir uma resenha crítica 366 <p>Capítulo 37 Debate regrado 368</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: Transcrição do debate do <i>Jornal da Cultura</i> 368 Ler um debate regrado 370 Entre o texto e o discurso – Estudando o ponto de vista do oponente 372 Produzir um debate regrado 374 <p>Capítulo 38 Fala em audiência pública 376</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura: Transcrição da fala de Yann Evanovick em audiência pública no Senado 376 Ler uma fala em audiência pública 378 Produzir uma fala em audiência pública 380 ▪ Vestibular 382 ▪ Projeto 1: Casa da Pessoa – museu da comunidade 384 ▪ Projeto 2: Revista literária da comunidade 386 ▪ Anexo 388 ▪ Referências bibliográficas 391 ▪ Siglas dos exames e das universidades 392 ▪ Créditos complementares de textos 392

ANEXO I – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 1

<p>▪ Em dia com a escrita: Revisão de acentuação gráfica (II) 277</p> <p>Capítulo 23 De onde vêm as palavras? 278</p> <p>Palavras que se juntam para formar outras: composição 278</p> <p>▪ Prática de linguagem 280</p> <p>Palavras nascidas de outras palavras: derivação 282</p> <p>▪ Prática de linguagem 284</p> <p>Outros processos de renovação 286</p> <p>Neologismos 287</p> <p>▪ Prática de linguagem 288</p> <p>▪ Língua viva: Os neologismos e a língua que não para de mudar 290</p> <p>“Filantropias” (Roberto Damatta) 290</p> <p>▪ Em dia com a escrita: Revisão de ortografia (I): os fonemas /s/ e /z/ 292</p> <p>Capítulo 24 As tramas da língua 294</p> <p>Tecer com palavras 294</p> <p>Como se costumam os sentidos de um texto? ... 295</p> <p>Mecanismos de coesão 296</p> <p>Mecanismos de produção de coerência 297</p> <p>▪ Prática de linguagem 298</p> <p>▪ Língua viva: A repetição e a progressão textual 300</p> <p>“O amor acaba” (Paulo Mendes Campos).... 300</p> <p>▪ Em dia com a escrita: Revisão de ortografia (II): os fonemas /z/ e /j/ 302</p> <p>▪ Articulando: Empréstimos linguísticos 304</p> <p>▪ A língua tem dessas coisas: Anagrama, lipograma e pangrama 306</p> <p>▪ Vestibular e Enem 307</p> <p>Produção de texto: tecendo sentidos 310</p> <p>Unidade 12 – Narrar 312</p> <p>Capítulo 25 Conto de humor 314</p> <p>▪ Leitura: “De cima para baixo” (Artur Azevedo) 314</p> <p>Ler um conto de humor 316</p> <p>Produzir um conto de humor 318</p> <p>▪ Vestibular 320</p> <p>Unidade 13 – Relatar 321</p> <p>Capítulo 26 Notícia 322</p> <p>▪ Leitura: “Senado aprova cota de 50% em universidades e escolas técnicas federais” (Débora Bergamasco) 322</p> <p>Ler uma notícia 324</p> <p>Entre o texto e o discurso – A questão da imparcialidade 326</p> <p>Produzir uma notícia 328</p> <p>Capítulo 27 Reportagem 330</p> <p>▪ Leitura: “De sofá em sofá” (Kalleo Coura) 330</p>	<p>Ler uma reportagem 332</p> <p>Produzir uma reportagem 334</p> <p>Capítulo 28 Relato de experiência vivida 336</p> <p>Relato de Mitermayer Galvão 336</p> <p>Ler um relato de experiência vivida 338</p> <p>Entre o texto e o discurso – A experiência vivida como exemplo 340</p> <p>Produzir um relato de experiência vivida 342</p> <p>▪ Vestibular 344</p> <p>Unidade 14 – Expor 345</p> <p>Capítulo 29 Resumo 346</p> <p>▪ Leitura: “A cicatriz de Ulisses” (Erich Auerbach) 346</p> <p><i>Odisséia</i> (Homero) 347</p> <p>Ler um resumo 348</p> <p>Produzir um resumo 350</p> <p>Capítulo 30 Comunicação oral 352</p> <p>▪ Leitura: “Nós não nascemos prontos” (Mario Sergio Cortella) 352</p> <p>Ler uma comunicação oral 354</p> <p>Entre o texto e o discurso – As qualidades do orador 356</p> <p>Produzir uma comunicação oral 358</p> <p>▪ Vestibular 360</p> <p>Unidade 15 – Argumentar 361</p> <p>Capítulo 31 Dissertação escolar 362</p> <p>▪ Leitura: “E assim caminha a humanidade” (Redação de candidato da Fuvest) 363</p> <p>Ler uma dissertação escolar 364</p> <p>Entre o texto e o discurso – O que é argumentar 366</p> <p>Produzir uma dissertação escolar 368</p> <p>Capítulo 32 Carta de reclamação 370</p> <p>▪ Leitura: <i>E-mail</i> de Rafael Donelli 370</p> <p>Ler uma carta de reclamação 372</p> <p>Entre o texto e o discurso – Como se organiza o discurso argumentativo 374</p> <p>Produzir uma carta de reclamação 376</p> <p>Capítulo 33 Mesa-redonda 378</p> <p>▪ Leitura: Mesa-redonda sobre cinema pernambucano (programa <i>Metrópolis</i>) 378</p> <p>Ler uma mesa-redonda 380</p> <p>Entre o texto e o discurso – As trocas de turno no discurso oral 382</p> <p>Produzir uma mesa-redonda 384</p> <p>▪ Vestibular e Enem 386</p> <p>▪ Projeto 1: Mapeamento linguístico da comunidade 390</p> <p>▪ Projeto 2: Encontro de histórias 392</p> <p>▪ Relação de anexos 394</p> <p>▪ Referências bibliográficas 397</p> <p>▪ Siglas dos exames e das universidades 400</p> <p>▪ Créditos complementares de textos 400</p>
--	---

ANEXO J – SUMÁRIO DA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA, VOLUME 3

▪ Prática de linguagem	277	Entre o texto e o discurso – O estranhamento	334
▪ Língua viva: As orações adjetivas explicativas e a argumentação	278	Produzir um conto psicológico	336
▪ “Tão jovens, tão cruéis” (Carolina Rossetti)	278	▪ Vestibular	338
▪ Em dia com a escrita: O uso da vírgula nas orações subordinadas adjetivas	280	Unidade 13 – Relatar	339
Capítulo 29 Orações subordinadas adverbiais	282	Capítulo 33 Entrevista	340
Sintaxe das orações subordinadas adverbiais ..	282	▪ Leitura: “A vida é um demorado adeus” (entrevista com Fernanda Montenegro) ..	340
Tipos de oração subordinada adverbial I	283	Ler uma entrevista	342
▪ Prática de linguagem	284	Entre o texto e o discurso – A retextualização ..	344
Tipos de oração subordinada adverbial II	286	Produzir uma entrevista	346
Orações subordinadas adverbiais reduzidas ..	288	Capítulo 34 Discurso de orador de formatura	348
Período misto	289	▪ Leitura: Discurso de formatura ECA-USP (Gabriel Gustavo Tosoni Milanez)	348
▪ Prática de linguagem	290	Ler um discurso de orador de formatura	350
▪ Língua viva: O valor argumentativo das orações subordinadas adverbiais	292	Produzir um discurso de orador de formatura ..	352
▪ “Refrigerantes açucarados” (Drauzio Varella) ..	292	▪ Vestibular e Enem	354
▪ Em dia com a escrita: A pontuação nas orações subordinadas adverbiais	294	Unidade 14 – Expor	355
▪ Articulando: Modismos da língua	296	Capítulo 35 Seminário	356
▪ A língua tem dessas coisas: Uma língua pode morrer?	298	▪ Leitura: “Políticas de Ensino Médio para os povos indígenas” (Semtec)	356
▪ Vestibular	299	Ler um seminário	358
Unidade 11 – Aspectos da sintaxe na norma-padrão	301	Produzir e apresentar um seminário	360
Capítulo 30 Colocação pronominal	302	Capítulo 36 Artigo de divulgação científica	362
Revisão: pronomes pessoais	302	▪ Leitura: “Ecos da selva” (Michael Tennesen) ..	362
Norma-padrão e eufonia	303	Ler um artigo de divulgação científica	364
▪ Prática de linguagem	304	Produzir um artigo de divulgação científica ..	366
▪ Língua viva: A colocação pronominal na língua cotidiana	306	▪ Vestibular	368
▪ “Deixem eu ser brasileiro!” (Marcos Bagno) ..	306	Unidade 15 – Argumentar	369
▪ Em dia com a escrita: Informatividade e progressão textual	308	Capítulo 37 Anúncio publicitário	370
Capítulo 31 Concordância e regência	310	▪ Leitura: Anúncio publicitário	370
Concordância	310	Ler um anúncio publicitário	371
Concordância nominal	311	Produzir um anúncio publicitário	374
Concordância verbal	312	Capítulo 38 Artigo de opinião	376
▪ Prática de linguagem	314	▪ Leitura: “Favela não é problema, é solução” (Jaime Lerner)	376
Regência	315	Ler um artigo de opinião	378
▪ Prática de linguagem	317	Entre o texto e o discurso – Estratégias argumentativas	380
▪ Língua viva: Regência e concordância no uso cotidiano da língua	318	Produzir um artigo de opinião	382
Relato de Lição para o Museu da Pessoa ..	318	Capítulo 39 Dissertação para o Enem e para o vestibular	384
▪ Em dia com a escrita: O hipertexto	320	▪ Leitura: “Romper fronteiras, romper valores”/“Fronteiras da vergonha” (dissertações Fuvest 2009)	384
▪ Articulando: Língua e protagonismo	322	Ler uma dissertação para o Enem e para o vestibular	386
▪ A língua tem dessas coisas: Com quantos países se faz uma lusofonia? ..	324	Entre o texto e o discurso – Estratégias de conclusão	388
▪ Vestibular e Enem	325	Produzir uma dissertação para o Enem e para o vestibular	390
Produção de texto: a pluralidade em destaque	326	▪ Vestibular	392
Unidade 12 – Narrar	328	▪ Projeto 1: A mídia em debate: a informação é confiável?	394
Capítulo 32 Conto psicológico	330	▪ Projeto 2: Biblioteca para a comunidade	396
▪ Leitura: “Uma esperança” (Clarice Lispector) ..	330	▪ Referências bibliográficas	398
Ler um conto psicológico	332	▪ Siglas dos exames e das universidades	400
		▪ Créditos complementares de textos	400

ANEXO K – A DISSERTAÇÃO ESCOLAR. SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA

CAPÍTULO

31

Dissertação escolar


O que você vai estudar

- ✓ Como interpretar uma proposta, redigir e avaliar uma dissertação.
- A sequência argumentativa.
- O parágrafo dissertativo: tópico frasal e complementos.

A **dissertação escolar** é um importante espaço para o pensamento crítico na escola, um estímulo à reflexão e à tomada de posição sobre temas importantes para a sociedade.

Leitura

- A proposta de dissertação a seguir foi aplicada em 2010 pela Fuvest, fundação responsável pelo vestibular da Universidade de São Paulo (USP). A redação “E assim caminha a humanidade”, redigida por um candidato que realizou a prova naquele ano, consta do *site* da Fuvest como um exemplo de texto bem elaborado, segundo a percepção dos avaliadores. Leia com atenção a proposta e a redação.



Vestibulanda faz prova da Fuvest (SP) em 2010.

Fonte: Ramos (2013, p.362).

ANEXO L – SILOGISMO

A postura crítica exige que **argumentos** sustentem um ponto de vista. Para defender sua **tese**, Candido desenvolve seu texto em torno de um único argumento lógico. Veja como ele pode ser expresso por um **silogismo**.

Tese – a literatura é um direito humano

Premissa maior – tudo o que é indispensável para o ser humano é um direito humano ($A = C$)

Premissa menor – a literatura é indispensável para o ser humano ($B = A$)

Conclusão – a literatura é um direito humano ($B = C$)

Se o leitor admitir o valor de verdade de cada premissa, estará inclinado a aderir à **tese** de Candido.

1. Formule uma tese a respeito de cada um dos temas a seguir.

A. A escolha dos representantes políticos pelos brasileiros.
B. Cotas raciais e/ou sociais nas universidades.

2. Copie e complete as sequências argumentativas. Siga o exemplo.

Premissa maior	Premissa menor	Conclusão
Ex.: O que impede uma relação direta com a realidade pode legitimar regimes autoritários.	Imagens impedem uma relação direta com a realidade.	Imagens podem legitimar regimes autoritários.
a) O que transmite juízo de valor pode influenciar as pessoas.	Imagens transmitem juízos de valor.	////// //////
b) Aquilo que assegura a reprodução da ideologia dominante a sustenta.	////// ////// //////	O cinema hollywoodiano sustentou a ideologia do "estilo de vida americano".
c) ////// //////	O ser humano é capaz de imaginar.	O ser humano é capaz de se expressar por ícones.

Fonte: Ramos (2013, p.367).

ANEXO M – ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

Entre o texto e o discurso – Estratégias argumentativas

O artigo de opinião utiliza uma série de **estratégias argumentativas** para convencer o leitor. Leia o artigo abaixo, escrito por José Miguel Wisnik, professor de Literatura e compositor paulista. Os boxes laterais ressaltam algumas estratégias presentes no texto.

As aspas indicam o caráter **metalinguístico** do texto, que trata do seu tema partindo da palavra que o identifica: *adolescente*.

Pergunta retórica, que remete à linguagem professoral, prepara a apresentação da tese.

No meio da análise, o texto antecipa um “resultado” provisório. Soa como um **recado** ao leitor impaciente: a dissecação da palavra não é supérflua, não se resume a si mesma.

Quando o leitor toma para si a referência à “sua época”, atualiza a **metáfora** que remete à cultura da Roma Antiga, origem da palavra.

A ênfase exclamativa quebra o tom objetivo da análise e convida o leitor a prestar atenção especial à informação que será apresentada.

Referências do universo científico (DNA, fórmula, volatilidade) realçam a intenção de análise (de uma palavra) em busca de uma descoberta (a atualidade dos significados que ela contém).

A **citação** de uma música popular reafirma a estratégia de aproximar referências da cultura erudita do repertório mais próximo ao leitor.

“Adolescente” é um substantivo no **particípio presente**: um ser que está acontecendo. De corpo e espírito, o adolescente é um estado. Estado de quê? O segredo do adolescente está guardado, há séculos, no DNA da palavra “adolescente”, para só revelar-se agora, no nosso tempo. O radical vem do verbo latino *oleo*, *-es*, *-ere*, *olui*, que quer dizer exalar um perfume, um cheiro, recender – bem ou mal. É a mesma raiz da palavra “olor”, significando aroma sutil, fragrância. Com a preposição *ad* como prefixo formou-se o verbo latino *adoleo*, que quer dizer queimar, fazer queimar, consumir pelo fogo em honra de um deus. Entende-se: as ervas queimadas no altar do sacrifício exalam cheiros, perfumam, recendem – estão aí para isso. Podemos adiantar uma fórmula: o adolescente será aquele que arde, que queima, que se consome no seu próprio fogo, sacrificado aos deuses de sua idade, de sua época.

O terceiro elemento da fórmula, o *esc*, só acentua a ideia de processo temporal, de algo que vai acontecendo, como na palavra *evanescer* – o que se esvai aos poucos. Assim, *adoleo*, extensão de *adoleo*, é o verbo latino de duplo sentido que significa transformar-se em vapor, em fumaça, e também passar de um estado a outro – crescer, desenvolver-se, tornar-se maior.

O elemento *ent* só vem acentuar mais uma vez o acontecimento temporal: adolescente é aquele mutante que está sendo posto para estar se consumindo ardentemente, enquanto cresce. O particípio passado do mesmo verbo é (pasmem!) adulto. Assim, diante do adolescente, o adulto se arrisca sempre a ser o fósforo queimado, aquele que não fede nem cheira.

Duas consequências. Na sociedade de consumo o adolescente, que se consome em consumir-se, tornou-se, por definição, o alvo principal, o modelo de consumidor ideal e sua realização mais plena. A sociedade de consumo quer converter todo mundo, adultos e crianças, ao estado adolescente, queimando-os no altar de seus deuses voláteis. Ser adulto tornou-se um ato heroico. Ser criança, quase impossível.

Ao mesmo tempo, ser **adulto** é um estado poético e utópico, desejável, de quem concluiu os processos da maturidade sem deixar de arder. Caetano Veloso fez desse desejo o estribilho da sua canção “O homem velho”: “a carne / a arte arde / a tarde cai / no abismo das esquinas / a brisa leve traz o olor fugaz / do sexo das meninas”. Só mesmo o faro de um poeta para captar nas palavras a fragrância imperceptível – o olor fugaz –, a essência da adolescência.

WISNIK, José Miguel. O olor fugaz do sexo das meninas. *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, 2004. p. 381-384.

Começa a **análise** da palavra, que será dissecada elemento por elemento: *ad* + *oleo* + *esc* + *ent*.

A utilização de uma **expressão coloquial** ameniza o tom “acadêmico” e aproxima o texto do público jovem.

Formulação com palavras que reforçam o sentido de ação que se desenvolve no momento presente, como os **gerúndios**, para enfatizar esse aspecto da palavra *adolescente* e seu significado.

O **neologismo**, embora soe erudito, também pode ter o efeito inverso: lembra que a língua está viva e que o leitor pode participar de sua constante recriação.

Chave de ouro, que reafirma e reforça o olhar cuidadoso sobre as palavras que caracteriza todo o texto. A frase aproveita a polissemia das palavras *faro* e *essência* (e a presença sonora desta palavra em *adolescência*).

Vocabulário de apoio

estribilho: refrão
esvaír: evaporar; desaparecer
recender: cheirar a algo
volátil: que evapora

ANEXO N – O ARGUMENTO DE AUTORIDADE NO ARTIGO DE OPINIÃO

> O argumento de autoridade no artigo de opinião

O artigo de Wisnik analisa a palavra *adolescente* e extrai dessa análise relações com a sociedade de consumo. A **estratégia argumentativa** utilizada é a leitura dos significados presentes na origem da palavra *adolescente* e em outras palavras com as quais ela estabelece relações.

O currículo de professor universitário de Letras de Wisnik o investe de **autoridade** para falar de etimologia, radicais latinos e palavras polissêmicas, especialmente em contexto não especializado, como é o caso do veículo em que o texto foi originalmente publicado (a *Revista MTV*, da emissora de TV de mesmo nome, voltada a jovens interessados em música). Só especialistas da área, que não compõem o perfil do leitor médio da revista, poderiam contestar tais informações.

Assim, conhecimentos especializados, não compartilhados pela maioria dos leitores, funcionam como **argumentos de autoridade**: conferem credibilidade ou aceitação das opiniões que sustentam. Têm a função de **autorizar** determinadas afirmações ou **desqualificar** ideias opostas.

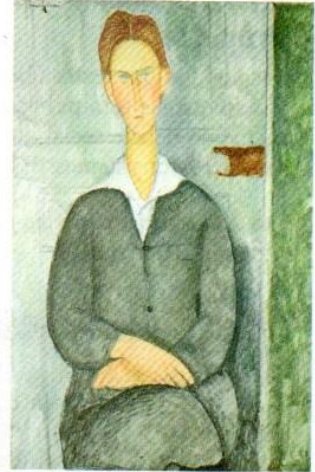
No texto “Favela não é problema, é solução”, Jaime Lerner diz:

Em 1989, na Prefeitura de Curitiba, criamos um programa que comprava o lixo da favela.

É como quem testou na prática sua ideia que Lerner escreve, o que confere credibilidade ao argumento. A experiência política e a especialidade profissional de urbanista (arquiteto que projeta a cidade), declarada na ficha biográfica do texto, dão peso à opinião e ao opinador.

Embora, em geral, o argumento de autoridade esteja mais presente em **citações** (“Segundo Freud”, “de acordo com a definição de Aristóteles”, etc.), em artigos de opinião é comum que a autoridade seja o próprio autor. Isso se deve ao fato de que, no espaço destinado a esse gênero, os veículos de imprensa costumam convidar especialistas sobre os temas em questão.

- Reescreva os argumentos de autoridade, transformando-os em **citações** do respectivo autor.
 - a) *Adolescente* tem a mesma raiz da palavra *olor*.
 - b) 80% da população de Curitiba vive em vizinhanças diversificadas.
 - c) *Adolesco* é um verbo latino de duplo sentido, que significa “transformar-se em vapor” e também “passar de um estado a outro”.
 - d) É possível coletar o esgoto pelo canto das escadarias das favelas.



MODIGLIANI, Amadeo.
Ragazzo con capelli
rossi, 1906.
Óleo sobre tela,
101 cm x 63 cm.
Coleção particular.

Fonte: Ramos (2013, p.381).